U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

A (in)sociabilidade do espaço: O caso da *Cité Universitaire de Paris*

Jair Armand Anjos

M

2022

U.PORTO

Jair Armand Anjos. A (in)sociabilidade do espaço: O caso da *Cité Universitaire de Paris*

A (in)sociabilidade do espaço: O caso da *Cité Universitaire de Paris*

Jair Armand Anjos

M.FAUP **2022**

FACULDADE DE ARQUITETURA

(in) a sociabilidade do espaço

o caso da cité universitaire de paris

U.PORTO
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Orientação: ProfªAna Sofia Pereira da Silva
Aluno: Jair Armand Margarido Anjos

agradecimentos

gratidão em tempos difíceis

Realizar esta investigação foi sem dúvida um tempo difícil na minha vida. Agradecer quando as coisas correm bem, é fácil. O mais difícil é consciencializar essa mesma gratidão nos piores momentos. Para nunca perder o foco e continuar a ver uma luz ao final do túnel, fui escrevendo os agradecimentos à medida que ia construindo a dissertação. A minha luz no final do túnel foi sempre visualizar o lado positivo, e isso inclui as pessoas que me apaziguaram, ajudaram, desanuviaram e me motivaram para terminar este trabalho. Ao visualizar este desafio dessa forma, estou grato pelo tempo difícil, porque sem ele, todas as boas memórias que lhe estão associadas não iriam existir. Por isso, fui escrevendo os agradecimentos ao longo da dissertação: para sentir a gratidão mesmo durante os tempos de turbulência. Obrigado a todos por me ajudarem a encarar esta investigação como uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento pessoal. Estou especialmente agradecido à minha família por me dar todas as bases e apoio ao longo destes seis anos, em especial à minha mãe, por ser mãe e pai ao mesmo tempo. Estou especialmente grato aos meus amigos que fiz ao longo desdes 6 anos e que me aturaram e eu os aturei a eles durante este período de dissertação. Escrevo um especial "obrigado" à minha professora orientadora Ana Sofia Silva que me ensinou de forma didática a ir atrás da resposta em vez de ficar à espera que ela surja. As discussões de grupo mensais impulsionadas pela professora foram uma ferramenta chave para a elaboração do trabalho e nelas houve partilha de conhecimento e momentos que vão ficar, para sempre, na minha memória.

Termino, por fim, esta página de gratidão com esta reflexão:

Agradecer é no fundo consciencializar-se da positividade do retorno.
Obrigado às amizades, obrigado ao encontro e obrigado ao espaço que possibilitou esse encontro.
Obrigado por terem tornado o meu sonho real.

Estou-vos, a todos, eternamente grato,
Jair Armand

abstract.

"The (in)sociability of space: the case of the Cité Universitaire de Paris" was the title chosen for this dissertation that questions the common spaces sociability of university residences in the *Cité Internationale Universitaire de Paris*. The case study consists of 44 residences built over 100 years (1925-2025) during three distinct phases. Due to its administrative policy of mixing nationalities, it is possible to review at the architectural scale of the residence the same social and cultural conflicts caused by globalization at the urban scale of European cities. The potential of this dissertation alerts and sensitizes architects of future interventions inside or outside the *Cité Universitaire de Paris* through the main topics that compose it: the university residence's ways of living evolution and the strategies used over time to qualify sociability to the space. Thus, the main objective of this research focuses on understanding how the design of its living spaces influences the modes of sociability between the residential community and its residents, so that in the future it will be possible to provide interpersonal relationships between them through architecture.

The evolution of the residential program throughout the three phases of the *Cité* was studied through its distribution, devices and uses, relating them to the different collective house's typologies evolution. Of the 44 residences that make up the case study, six key-residences were selected - *Fondation Suisse (1933), Collège Neérlandais (1938), Maison de Norvège (1945), Maison du Portugal (1967), Résidence Julie-Victoire Daubié (2018) and Pavillon Habib Bourguiba (2020)* - which allowed reflecting conclusions that respond to the objective, through the critical and cohesive discourse of reproduced elements, such as axonometric drawings, plans and sections of each residence that allowed the recognition of their spatial strategies. In addition, surveys were applied to residents to take into account their opinion about the different common spaces of the residence they inhabit.

These examples allowed the identification of a common space in each key-residence, where it is possible to observe *atmospheric strategies and distribution devices*. These are able to manipulate the way that one communicates, break the barriers of intimacy, personal or even social, through their environment designed by the architect; they are able to define the residential community spirit through the separation or agglomeration of people achieved with the public and private program's positioning. When these are confronted with the surveys responses conducted on its residents, it is concluded that they provide sociability or unsociability to the space. When it comes to multicultural conflict, the living spaces show that they are not prepared for the different ways of socializing and living of other cultures. Thus, the campus reconstruction or rehabilitation should be based on interdisciplinary research that leads to an awareness of the needs of humanity with knowledge of its sensory world, always being aware that these characteristics change from culture to culture. The dissertation's argument is challenged when one adds to the ways of living, an innate characteristic of the human being - the habit.

resumo.

"A (in)sociabilidade do espaço: o caso da Cité Universitaire de Paris" foi o título escolhido para esta dissertação que questiona a sociabilidade dos espaços comuns de residências universitárias na *Cité Internationale Universitaire de Paris*. O caso de estudo é composto por 44 residências construídas ao longo de 100 anos (1925-2025) durante três fases distintas. Devido à sua política administrativa de mistura de nacionalidades, é possível rever à escala arquitetónica da residência os mesmos conflitos sociais e culturais causados pela globalização à escala urbana das cidades europeias. O potencial desta dissertação alerta e sensibiliza os arquitetos de futuras intervenções dentro ou fora da *Cité Universitaire* através dos tópicos principais que a compõem: a evolução dos modos de habitar da residência universitária e as estratégias utilizadas ao longo do tempo para qualificar sociabilidade ao espaço. Assim, o objetivo da investigação foca-se em compreender como o desenho dos seus espaços de convívio influencia os modos de sociabilização entre a comunidade residencial e os seus residentes, para no futuro ser possível proporcionar relações interpessoais entre os mesmos, através da arquitetura.

Foi estudada a evolução do programa residencial ao longo das três fases da *Cité* através da sua distribuição, dispositivos e usos, relacionando-os com a evolução de diferentes tipologias da habitação coletiva. Das 44 residências que compõem o caso de estudo, foram selecionadas seis residências-chave - *Fondation Suisse (1933), Collège Neérlandais (1938), Maison de Norvège (1945), Maison du Portugal (1967), Résidence Julie-Victoire Daubié (2018) e Pavillon Habib Bourguiba (2020)* - que permitiram refletir conclusões que respondem ao objetivo, através do discurso crítico e coeso de elementos reproduzidos, como desenhos de axonometrias, plantas e cortes de cada residência que permitiram o o reconhecimento das suas estratégias espaciais. Ainda, aplicaram-se inquéritos aos residentes para ter em conta a sua opinião acerca dos diferentes espaços comuns da residência que habitam.

Estes exemplos permitiram identificar um espaço de convívio em cada residência-chave, onde é possível observar *estratégias atmosféricas e de dispositivos de distribuição*. Estas são capazes de manipular a forma como se comunica, quebrar as barreiras de intimidade, pessoais ou até sociais, através do seu ambiente desenhado pelo arquiteto; são capazes de definir o espírito comunitário residencial através da separação ou aglomeração de pessoas conseguida com o posicionamento do programa público e privado. Quando estas são confrontadas com as respostas dos inquéritos realizados aos seus residentes, conclui-se que proporcionam sociabilidade ou insociabilidade ao espaço. No que toca ao conflito multicultural, os espaços de convívio demonstram não estar preparados para os diferentes modos de sociabilizar e habitar de outras culturas. Deste modo, a reconstrução ou reabilitação do campus deve basear-se na investigação interdisciplinar que conduza a uma tomada de consciência das necessidades da humanidade com conhecimento do seu mundo sensorial, tendo sempre consciência que estas características mudam de cultura para cultura. O argumento da dissertação termina com uma reflexão entre os modos de habitar e uma característica inata ao ser humano - *o hábito* - que os condiciona.

introdução.

Texto [1] - *A temática surge de uma experiência pessoal de Erasmus e Estágio em Paris, onde houve oportunidade de ficar alojado na Cité Universitaire de Paris, na Maison du Portugal. Onze meses a habitar o campus universitário e a Maison du Portugal, conduziram à reflexão sobre os modos de habitar, conviver e socializar nas residências que são, sobretudo, originados pelos espaços-comuns interiores e exteriores de cada residência. Senti que haviam espaços (como cozinhas e salas de convívio) com menor mérito de um cenário que originasse interação e diálogo entre as pessoas. Apercebi-me que a forma como uma residência é projetada interfere futuramente na forma que os seus residentes, protagonistas deste cenário, vão actuar e conviver entre si. Durante esta experiência pessoal, pude deduzir que o Homem é o protagonista do palco em que habita e a Arquitetura é o cenário que pode comprometer as suas ações, sensações, experiências e modos de habitar e socializar. É então necessário que o arquiteto, através da arquitetura e das suas disciplinas conexas, responda às necessidades sociais do Homem projetando programas, espaços e atmosferas espaciais que assumam esse papel.*

Reflexão de Autor que serviu de mote para a dissertação.

O tema da dissertação nasce da experiência subjetiva de autor *[Texto 1]* e o título *"A (in)sociabilidade do espaço: o caso da Cité Universitaire de Paris"* nasce do confronto entre essa experiência e da temática do concurso lançado para a Trienal de Arquitetura de Lisboa 2022 *[Texto 2]*.

A evolução da complexa área que é a Arquitetura encontra-se em crescimento e começa hoje a não só questionar problemáticas ecológicas, como também sociais. Vivem-se tempos de desmitificações e desconstruções sociais, onde o que era certo, é agora errado ou o que era errado, é agora certo. Não há uma resposta única para uma problemática, há várias, onde todos os campos têm de ser analisados e justificados. A Arquitetura tem vindo a acompanhar a globalização das clivagens tecnológicas enquanto procura uma construção mais ecológica, adequada ao contexto das alterações climáticas. Porém, também devido à globalização, a sociedade está-se a tornar cada vez mais complexa nas grandes cidades europeias devido aos conflitos culturais que se geram quando culturas diferentes cohabitam de forma coletiva. Esta cohabitação é fruto do fluxo da emigração de pessoas que procuram melhor qualidade de vida, sobretudo económica e claro, ao papel de acolhimento que a Europa adotou com os refugiados no século XXI.

A arquitetura, na tentativa de resolver esta incerteza global, apresenta hipóteses, teorias e utopias como resposta à complexidade do problema. Porém, a escassez de conhecimento do Arquiteto, que necessita ser cada vez mais objetivo e em contrapartida mais complexo, origina a criação de espaços descontextualizados com a problemática atual, à escala micro e macro. Aqui, revela-se a pertinência da interdisciplinaridade. O mundo construído pelo homem tornou-se tão complexo que estudar apenas uma área do saber não é mais suficiente. Nem nunca foi suficiente no caso da Arquitetura. Álvaro Siza dizia que *"A tendência é que existam especialistas em engenharias, especialistas de não sei que coisa e o arquiteto é tratado como um especialista em arquitetura. Isto é uma coisa louca (...)"*[1]. Esta citação demonstra que na Arquitetura, vários são os campos de saber a que o arquiteto deve ter em conta porque é ele quem coordena diferentes conhecimentos que sintetizam a obra de arquitetura. Acrescenta ainda que *"(...) a especialidade do arquiteto é não ser especialista. Está em coordenar. É um espírito livre para olhar a todas as contradições que existem entre os distintos condicionamentos e construir um todo. A crise da arquitetura está num mundo que tende a considerar que tudo está fracionado... É um absurdo, nunca foi assim."*[2] A vasta área de conhecimento à qual o Arquiteto tem de estar a par, conduz os arquitetos a apoiarem-se, de forma individual e diferenciada, em outras áreas do saber. Como consequência, hoje em dia podemos assistir a várias formas de fazer e pensar Arquitetura que refletem exatamente o contexto da globalização. Deduz-se que já não existe uma forma correta de fazer arquitetura e essa fórmula nunca existiu, mas algo é certo: o objetivo do arquiteto é projetar para as pessoas e o seu bem-estar. O ser humano é considerado um ser social e emotivo e, para que se encontre bem com ele próprio, tem de se sentir realizado em ambos os campos. A sociabilidade do espaço é posta em causa quando se debate o contexto da incerteza global, juntamente com o choque entre culturas e formas de habitar diferentes, na maioria das vezes causadas pelos contextos sócioeconómicos diversificados em todo o mundo. Se o espaço não está adaptado aos modos de habitar de uma sociedade, que está sempre em evolução e a ser confrontada com novas realidades, isso poderá afetar o seu bem-estar e causar repercussões a nível social. A realidade que se vive hoje é um planeta globalizado, onde o espaço necessita de estar preparado para os conflitos culturais do mundo globalizado, mas ao mesmo tempo ser um espaço que faça juz às alterações climáticas e ao contexto pandémico, que veio dificultar a qualidade da sociabilidade espacial.

Assim, como ponto de partida, é questionada a hipótese da sociabilidade do espaço, sobretudo de convívio, poder surgir

Texto [2] - *"Esta edição, intitulada Terra, explora como os paradigmas recentes estão a mudar a nossa forma de criação de lugares num planeta globalizado. Nessa conjuntura crítica, a arquitectura pode ligar-nos ao chão tanto quanto pode elevar-nos. É este olhar constante para o futuro, mas entendendo o passado, que ajuda a arquitectura a explorar as relações e sistemas que permitem a mudança em contextos socioeconómicos diversificados em todo o mundo. (...) Para enfrentar a incerteza global à escala micro e macro, a arquitectura, e as suas disciplinas conexas, estão a ser chamadas a adaptar-se a estados de fluxo múltiplos e clivagens tecnológicas. Como podem alguns dos maiores desafios globais, incluindo as alterações climáticas, pandemias, desigualdades socioeconómicas e conflitos culturais, ser interpretados à escala arquitectónica? Como podem ser alargados os cânones actuais para enfrentar contextos de extrema incerteza? Que formas toma uma arquitectura mais inclusiva e que responde a estes desafios?*

"Concurso Prémio Universidades Trienal de Lisboa Millennium bcp 2022"

1 Citado em "30-60 / No 26 CUADERNO LATINOAMERICANO DE ARQUITECTURA - ACCIONES CULTURALES" ; 2010

2 Ibid.

de qualidades atmosféricas espaciais que geram o bem-estar subjetivo de cada indivíduo que habita o espaço. Uma "bola de neve" de questões começam a surgir: poderá o espaço projetado pelo arquiteto influenciar a forma de sociabilizar e comprometer as relações interpessoais? Como pode um espaço estar preparado para diferentes modos de habitar que estão associados a culturas diferentes? Como podem estes conflitos culturais, ser interpretados à escala arquitetónica? Que formas toma uma arquitetura mais inclusiva e que responde a estes desafios? Será o espaço arquitetónico físico um fator importante para a sociabilidade interpessoal? Como pode o espaço estimular a sociabilização?

Lançado o tema com o seu contexto atual e a hipótese que levantou as questões anteriores, apresenta-se agora a estrutura da dissertação. O processo de trabalho assentar-se-á essencialmente na componente teórica que o tema exige, desenvolvido em quatro partes: I. a sociabilidade (do sujeito ao espaço); II. a *Cité Universitaire de Paris* (da comunidade à coletividade); III. a residência (do espaço à estratégia); e por último, IV. as considerações finais (da conclusão ao hábito).

O **primeiro capítulo** cria um discurso que se apoia em disciplinas conexas à Arquitetura, como a Sociologia, a Psicologia e as Neurociências para conseguir entender o tema da sociabilidade que está em causa; o reconhecimento do sujeito para o projeto de arquitetura; a construção da comunidade ou coletividade na habitação ao longo da história da arquitetura; e por último, a qualificação do espaço através de atmosferas. Assim, é possível ver a Arquitetura como uma disciplina que desenha o espaço, através da interdisciplinaridade com outras áreas do saber de forma a conseguir responder à necessidade subjetiva do bem-estar de cada indivíduo que habita o espaço para que, de forma coletiva, a sociabilização aconteça. **O segundo capítulo** expõe a evolução das diferentes tipologias do habitar coletivo, em diálogo com a evolução do seu espaço de convívio e métodos de distribuição. É apresentado o caso de estudo, a *Cité Internationa Universitaire de Paris*, criada em 1925 e o programa a ser estudado é finalmente revelado - a residência universitária. É através da sua contextualização e da sua evolução ao longo dos 100 anos de existência da *Cité* que o argumento se foca. Ainda, o final do discurso apoia-se na disciplina da antropologia para entender o motivo que põe em causa a comunidade estudantil do *campus*. O **terceiro capítulo** revela as residências-chave selecionadas: *Fondation Suisse (1933), Collège Neérlandais (1938), Maison de Norvège (1945), Maison du Portugal (1967), Résidence Julie-Victoire Daubié (2018) e Pavillon Habib Bourguiba (2020).* É nesta parte da dissertação que é criado o espaço laboratorial para aplicar os conhecimentos obtidos na parte teórica. O seu programa é analisado e a atmosfera dos espaços e os seus dispositivos de distribuição detetados. As respostas dos inquéritos aplicados aos seus respectivos residentes são também expostas. Ainda, os conflitos culturais dentro da residência são refletidos quando confrontados com as estratégias espaciais concluídas. No **quarto capítulo** as conclusões finais são organizadas e apresentadas por capítulos. Ainda, o papel decisivo que o arquiteto tem para conseguir resolver os problemas associados à *(in)sociabilidade do espaço* é refletido junto de uma das características inatas do ser humano - o hábito.

É no caso de estudo - a *Cité Universitaire de Paris* - que esta investigação se vai apoiar e que a sua complexa redoma de disciplinas conexas irão ser aplicadas. Além da experiência pessoal do autor, a escolha deste caso prático deve-se ao facto de existirem 44 residência que compõem o complexo residencial de quase um século de história, onde desde o ano 1925 confraternizam cerca de 150 nacionalidades por ano, com um total que varia de 16 a 60 nacionalidades dentro de cada residência universitária. Esta riqueza multicultural que define o *campus* possibilita estudar os seus problemas de conflito cultural causado pelo efeito de globalização e concluir um olhar para o futuro, entendendo o passado, que responda à problemática de incerteza global que a Arquitetura enfrenta no presente, principalmente no que toca à sociabilidade do espaço. O caso de estudo foi avaliado através da visita ao local e do registro fotográfico, da reprodução de desenhos como plantas, cortes e axonometrias e da sua análise espacial e programática, para conseguir responder à insociabilidade do espaço que, por vezes, está se encontra presentes nas residências. Avaliar a sociabilidade do espaço permitirá retirar conclusões acerca da importância das estratégias de distribuição e qualificação atmosférica nas relações interpessoais dos estudantes que habitam as residências universitárias. Para além da crítica subjetiva, a opinião dos residentes acerca dos espaços de convívio foi tida em conta: foram aplicados inquéritos.

índice.

I A SOCIABILIDADE: DO SUJEITO AO ESPAÇO 15

i. (entender) a sociabilidade *16*
ii. (reconhecer) o sujeito *19*
iii. (construir) a comunidade *vs.* coletividade *22*
iv. (qualificar) o espaço *34*

II A CITÉ UNIVERSITAIRE DE PARIS: DA COMUNIDADE À COLETIVIDADE 45

i. (a comunidade) o campus universitário *47*
ii. (a coletividade) a residência universitária *56*
iii. (o programa) distribuição, dispostivos e usos *58*
iv. (a problemática) a comunidade posta em causa *70*

III A RESIDÊNCIA: DO ESPAÇO À ESTRATÉGIA 79

i. (o espaço) as residências-chave *81*

Pavillon Suisse, 1933
Collège Néerlandais, 1938
Maison de Norvège, 1954
Maison du Portugal, 1967
Résidence Julie-Victoire Daubié, 2018
Pavillon Habib Bourguiba, 2020

i. (a estratégia) atmosferas e dispositivos de distribuição *108*

Atmosferas
Dispositivos de distribuição

iii. (a reflexão) a sociabilidade do espaço e os conflitos culturais *114*

IV CONSIDERAÇÕES FINAIS: DA CONCLUSÃO AO HÁBITO 117

i. (a conclusão) considerações finais *119*
ii. (o hábito) o hábito e os modos de habitar *129*

I.

a sociabilidade: do sujeito ao espaço.



entender

I. a sociabilidade

Texto [3] - *O sociólogo Óscar Barata refere que as "formas específicas de estar com e para os outros" - formas de interação - "são caracterizadas pelo sentimento que os que nelas participam têm de estar associados e o prazer que daí retiram".Estas formas, que estão incluídas no conceito geral de interação, tendem "a tomar no decurso do processo social uma individualidade própria independentemente de quaisquer laços com o conteúdo efetivo das relações". Barata cita Simmel (1858-1918, sociólogo Alemão), que corrobora afirmando "tudo o que está presente nos indivíduos sob a forma de um impulso, interesse, propósito, inclinação, estado psíquico, movimento - tudo o que está presente neles de maneira a engendrar ou provocar efeitos em outros ou a receber tais efeitos. [...] Essas formas existem por si próprias e pela fascinação que na sua própria libertação destes laços difundem. É precisamente este o fenómeno a que chamamos sociabilidade". (apud BARATA, 1989, s/p).*

Fontes: BARATA, O. Soares, "Introdução às Ciências Sociais", primeiro volume, 1989);

No seu uso corrente, a **sociabilidade** é a *"qualidade do que é sociável"*[1], ou seja, a qualidade de uma pessoa em ser um sociável. Segundo a perspetiva do sociólogo Óscar Barata (1935-2015), pode-se falar de sociabilidade desde que se encarem as relações desenvolvidas por indivíduos ou por grupos quando essas relações não se traduzem na formação de um grupo suscetível de funcionar como uma unidade de atividade *[texto 3]. "São relevantes no trato social, nesse contexto, o tato, a sensibilidade, a simpatia e a cordialidade"*[2]**.** O relacionamento humano que ocorre apenas pelo prazer da conexão social sem qualquer outro objetivo, pode ter como exemplo os jogos de sociedade, a sedução, a conversação, entre muitos outros.

Para reconhecer os possíveis intervenientes no relacionamento humano e delimitar o campo de estudo da dissertação, recorre-se ao saber da Sociologia. Os **objetos sociológicos** suscetíveis de revelar uma análise de sociabilidade são diversos. Segundo Jean Baechler[3] , uma primeira categoria de objetos relaciona-se às formas de sociabilidade que se estabelecem espontaneamente entre indivíduos. *"A priori, podemos pressentir que a amplitude, a exclusividade e a densidade da trama das redes variará inteiramente consoante tenhamos em consideração as* ***redes de parentesco, de vizinhança, de classe.*** *[...] Uma segunda categoria poderia ser definida por redes de algum modo deliberadas, no sentido de que são definidos* ***espaços sociais*** *onde se encontram, por opção, atores sociais que têm prazer e interesse em ser sociáveis uns com os outros.* ***Os salões, os círculos, os cafés são exemplo disso****"* (Baechler, 1995). Considerando a citação anterior, é possível deduzir duas categorias de objetos sociológicos de estudo: o **grupo coletivo** em que o sujeito está inserido, definido pela amplitude, exclusividade e densidade da trama das redes de socialização, e o **espaço**, definido por redes determinadas. Deste modo, é no **espaço** - o principal objeto de estudo da Arquitetura - que o **sujeito** vai habitar, atuar e sociabilizar[4] em coletividade com outrém, criando **grupos, coletividades ou comunidades.** Neles, conseguem ser analisadas diversas formas de sociabilização que se estabelecem espontaneamente entre os indivíduos, todos diferentes uns dos outros, mas que no fundo partilham algo que os relaciona: a proximidade física, os mesmos interesses ou cultura.

O problema surge quando essa sociabilização é conflituosa ou nula com *"qualidade ou carácter de insociável"*[5] que define a ***insociabilidade***. Para além da personalidade de cada sujeito, a sociabilização também dependerá do seu bem-estar.

O **bem-estar** é *"o estado de contentamento físico e espiritual"*[6], que causa tranquilidade, conforto e satisfação ao sujeito, e resulta da concretização das necessidades humanas. As capacidades de comunicação, de relacionamento e de alcance cooperativo com outros poderão estar associadas à sua personalidade, mas também à sua traquilidade, conforto e satisfação croncretização. Abraham Maslow[7] em "A teoria da motivação humana"[8] hierarquiza as necessidades humanas em cinco categorias: fisiológica, segurança, social, estima e realização pessoal *[1].* É possível reconhecer três tipos de bem-estar: o intrapessoal, o interpessoal e o espacial. Do ponto de vista crítico, se as necessidades fisiológicas, de estima e de autorealização, forem concretizadas o sujeito sentirá um ***bem-estar intrapessoal*** [9]. Por outro lado, a prática das necessidades sociais e de e segurança despertam no sujeito um ***bem-estar interpessoal*** [10], respectivo ao grupo social em que está inserido. Um último tipo de bem-estar que se relaciona ao tema desta dissertação deve ser reconhecido: ***o bem-estar espacial*** [11], respectivo ao espaço habitado pelo ser-humano. O espaço está presente quando se concretizam as necessidades humanas, e muitas vezes ausente quando não é possível concretizá-las. Por si só, este detalhe justifica a importância que o espaço tem na concretização das cinco categorias descritas por Maslow. Assim, a qualidade espacial poderá intensificar, proporcionar ou facilitar a sua realização.

1 "sociabilidade", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, https://dicionario.priberam.org/sociabilidade [consultado em 14-09-2021].

2 BAECHLER, Jean, "Grupos e sociabilidade" - in Tratado de Sociologia (org. R. Boudon), 1995.

3 Sociólogo francês, nascido a 1937.

4 Sociabilizar - Sendo o ser-humano um ser-sociável, sociabilizar é a ação que decorre quando dois ou mais indivíduos se reunem em sociedade para interagir.

5 "Insociabilidade", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, https://dicionario.priberam.org/insociabilidade [consultado em 22-02-2022].

6 Porto Editora – "bem-estar" no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2021-09-16 17:26:49]. Disponível em https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/bem-estar

7 Abraham Harold Maslow (1908-1970) foi um psicólogo americano, conhecido pela proposta Hierarquia de necessidades de Maslow.

8 MASLOW, Abraham. H. "A theory of human motivation" Psychological Review, 50(4), 370–396. 1943

9 Quando as componentes psicológicas e de personalidade do sujeito são positivas e lhe causam estados de alegria, euforia, extroversão e boa disposição. Necessidades básicas como a fome, a sede, a energia e a prática sexual podem influenciar bastante esta componente.

10 Quando as características anteriormente referidas são reciprocamente partilhadas no mesmo grupo social ou em comunidade, e fortalece o espírito de coletividade através da partilha de interesses, personalidades ou estilos de vida semelhantes.

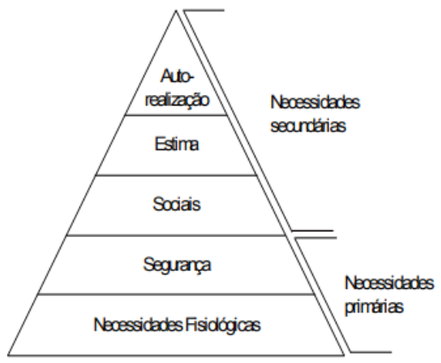
11 Quando o sujeito, um grupo social ou a sociedade no geral se sente bem quando habita o espaço e este corresponde aos seus modos de habitar.

Uma das questões levantadas anteriormente é se a Arquitetura consegue responder à necessidade subjetiva do bem-estar de cada indivíduo que habita o espaço para que, de forma coletiva, a sociabilização aconteça. Acredita-se que os três tipos de bem-estar identificados anteriormente influenciam o bem-estar subjetivo de cada indivíduo, que poderá pôr em causa a qualidade, a quantidade, a motivação e a forma que sociabiliza. Nesta lógica, o espaço construído consegue afetar o bem-estar subjetivo de cada pessoa que o habita.

Concluindo, o *bem-estar* pode associar-se à *sociabilidade* porque poderá facilitar a sociabilização dentro de um grupo social. O seu estudo aprofundado ajudará a entender de que forma o espaço pode afetar o bem-estar intrapessoal e interpessoal e, por consequência, a sociabilidade do sujeito com a comunidade.

Nos subcapítulos seguintes irão ser desenvolvidos os três componentes que limitam o campo de estudo desta dissertação - o Sujeito, a Comunidade, e por último, o Espaço - debatendo a importância da sua sociabilidade em diálogo com exemplos pertinentes da evolução dos modos de habitar coletivos na história da arquitetura. Questões como "A partir de que momento a sociabilidade começou a ser considerada na Arquitetura?", "Que se tem vindo a explorar nesse campo", "Quais são as áreas do saber que têm dialogado com a Arquitetura ?", "Como o bem-estar pode afectar a forma como se sociabiliza" ou "Que arquitetos têm vindo a explorar esse campo?" irão ser esclarecidas nos subcapítulos seguintes.

[1]



Pirâmide de Maslow.

As necessidades humanas são garantidas quando a auto-realização, o estima, a necessidade social, a segurança e as necessidades fisiológicas estão garantidas. O bem-estar do sujeito irá ser afectado caso este sentir instabilidade em alguma destas necessidades, quer sejam elas primárias ou secundárias.

reconhecer

II. o sujeito

Desde que o ser humano se entende por pessoa, está predestinado à vida em sociedade. Rodeado de muitas ou poucas pessoas, é através do contacto com outros que o ser humano aprende a viver em coletividade e ganha a sua personalidade. Esse relacionamento pode existir de diversas formas: profissional, familiar, grupos sociais, entre amigos, religiosos, entre parceiros amorosos e o mais importante para esta investigação, entre pessoas que coabitam o mesmo espaço. De acordo com a Psicologia e a Sociologia, podemos definir um relacionamento interpessoal como a ligação, conexão ou vínculo entre duas ou mais pessoas dentro de um determinado contexto. Segundo Sigmund Freud[12], o homem é, na sua essência, um ser relacional. Isso quer dizer que todas as pessoas possuem esta característica nata. O relacionamento interpessoal é posto em causa quando a *partilha* com os outros é inexistente, escassa, ou até em demasia. A **personalidade** de cada sujeito poderá afetar essa partilha e, por consequência, a sociabilidade coletiva. Assim, é necessário ter consciência que personalidades diferentes têm vivências diferentes no espaço.

A disciplina da **Psicologia** é a *"ciência que estuda o comportamento e os processos mentais do sujeito"*[13], incluindo a sua personalidade, que é estudada pela **Psicologia da Personalidade**. Dedica-se a descrever e explicar *"as particularidades humanas duradouras, não patológicas e que influenciam o comportamento dentro de uma determinada população"*[14] . Um dos métodos utilizados para avaliar a personalidade do sujeito é o ESQ2 *(Employee Screening Questionnarie - Version 2)*[15]. Este método avalia os fatores de personalidade do "Big five"[16], que são as medidas de personalidade cientificamente mais aceites, mais comumente utilizadas e extensivamente pesquisadas. Dentro destes cinco factores é possível considerar a **Extroversão** o fator que mais se aproxima com a Sociabilidade do Sujeito, e em contrapartida, a **Introversão**. Estes dois opostos interferem certamente no bem-estar do sujeito, que poderá influenciar a forma como este sociabiliza com os outros. No sentido amplo,

[Texto 4] - "*Podemos então começar a aprender sobre o comportamento humano, incluindo os tipos de personalidade. Não só existem introvertidos e extrovertidos, autoritários e igualitários, tipos Apolónios e Dionisíacos e todos os outros tons e graus de personalidade, mas cada um de nós tem uma série de personalidades situacionais aprendidas. A forma mais simples da personalidade situacional é aquela associada a respostas a transações íntimas, pessoais, sociais, e públicas. Alguns indivíduos nunca desenvolvem a fase pública dos seus laços pessoais e, portanto, não podem preencher os espaços públicos; eles fazem oradores ou moderadores muito pobres. Como muitos psiquiatras sabem, outras pessoas têm problemas com as zonas íntimas e pessoais e não podem suportar a proximidade com os outros.*"

HALL, Edward T; "The Hidden Dimention", Anchor Books Editions, 1968, 1990. p.115

12 Sigmund Freud nascido Sigismund Schlomo Freud; Freiberg in Mähren, 6 de maio de 1856 – Londres, 23 de setembro de 1939; foi um médico neurologista e psiquiatra criador da psicanálise.

13 "psicologia", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, https://dicionario.priberam.org/psicologia [consultado em 16-08-2021].

14 ASENDORPF, Jens B. Psychologie der Persönlichkeit (3. Aufl.). Berlin: Springer, 2004.

15 Desenvolvido pela empresa Sigma Assessment Systems, disponível em: https://www.sigmaassessmentsystems.com/assessments/employee-screening-questionnaire-2/. Na impossibilidade da aplicação destes questionários na dissertação ao público-alvo a ser investigado no Capítulo III, uma alternativa simplificada foi aplicada aos inquéritos aplicados no caso de estudo. *[anexo 2].*

16 Os cinco fatores são o Neuroticismo, a Extroversão, a Agradabilidade, a Conscienciosidade e a Abertura para a experiência.

extroverter-se significa voltar-se para fora, colocar-se em contato com o meio circundante, enquanto introverter-se é o oposto, significa voltar-se para dentro, concentrar ou concentrar-se. Na interpretação psicológica, de acordo com Carl Jung [17] no livro "Tipos Psicológicos"[18], na **extroversão**, a energia da pessoa flui de maneira natural para o mundo externo de objetos, fatos e pessoas, em que se observa: com atenção para a ação, impulsividade (ação antes de pensar), comunicabilidade, sociabilidade e facilidade de expressão oral. Extroversão significa *"o fluir da libido de dentro para fora."*[19] . O indivíduo extrovertido vai confiante de encontro ao objeto. Esse aspecto favorece sua adaptação às condições externas, normalmente de forma mas fácil do que para o indivíduo introvertido. Na **introversão**, o indivíduo direciona a atenção para o seu mundo interno de impressões, emoções e pensamentos. Assim, observa-se uma ação voltada para o interior, hesitação, o pensar antes de agir; postura reservada, retraimento social e retenção das emoções. O introvertido ocupa-se dos seus processos internos suscitados pelos fatos externos. Dessa forma o tipo introvertido diferencia-se do extrovertido pela sua orientação por fatores subjetivos e não pelo aspecto objetivamente dado. Jung aponta para o fato de que a expressão "fator subjetivo" não deve ter a conotação preconceituosa de algo que foge à realidade. Segundo o autor, nenhum ser humano é exclusivamente introvertido nem extrovertido: *"ambas as atitudes existem dentro dele, mas só uma delas foi desenvolvida como função de adaptação; logo podemos supor que a extroversão dormita no fundo do introvertido, como uma larva, e vice-versa."* [20]

Assim, é valoroso o Arquiteto consciencializar a importância que o reconhecimento do sujeito traz para o projeto de arquitetura. Se foram tidas em conta no projeto a opinião das pessoas que irão habitar o espaço desenhado - sejam elas um cliente privado, uma comunidade ou uma empresa -, a sociabilidade do espaço irá florescer porque as pessoas irão sentir-se bem a habitar o espaço. Ao entender que as pessoas têm personalidades diferentes, várias questões começam a surgir, como: poderá o ambiente desenhado pelo arquiteto quebrar barreiras impostas pela personalidade do sujeito, no ato de sociabilizar? De modo análogo, o espaço arquitetónico pode ser qualificado, assim como as pessoas, como um espaço extrovertido ou introvertido. Se lhe for atribuído as características assinaladas anteriormente, poderá obter-se espacialidades onde estes tipos de personalidade se poderão sentir confortáveis porque iriam responder às necessidades da sua personalidade. Por exemplo, se uma pessoa for mais introvertida, à partida sentirá maior conforto através do isolamento num espaço grande, provavelmente num canto da sala para conseguir ter uma percepção visual total do espaço e das pessoas. Posicionar nichos na parede

17 Carl Gustav Jung (1875-1961) foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a psicologia analítica. Jung propôs e desenvolveu os conceitos de personalidade extrovertida e introvertida, arquétipo e inconsciente coletivo.
18 JUNG C.G.; Tipos Psicológicos; Editora Vozes; 1991, p. 316-381.
19 Ibid.
20 JUNG C.G.; Tipos Psicológicos; Editora Vozes; 1991, p. 316-381.

seria uma estratégia espacial para este tipo de pessoas. Ao sentirem-se confortáveis, poderão sociabilizar. Ao refletir as necessidades espaciais para cada um dos dois sujeitos - o introvertido e o extrovertido -, pensa-se que a resposta seria óbvia: um sujeito introvertido necessitaria, à partida, de um ambiente mais extrovertido; e alguém mais extrovertido necessitaria, à partida, de um ambiente mais introvertido. Isto tudo para equilibrar os ânimos. No entanto, não podemos conotar as palavras introvertido e extrovertido como algo negativo ou positivo, mas sim personalidades neutras que não devem ser equilibradas. Neste pensamento, conclui-se que um indivíduo mais introvertido, para se sentir melhor na sociabilização necessita de um ambiente introvertido. E um sujeito mais extrovertido, o oposto.

"JUST STOP FIXING THINGS WITH AN AESTHETIC. SLOW DOWN.

UNDERSTAND WHAT MAKES PEOPLE FEEL CONFORTABLE, PRIORITIZE THE THINGS PEOPLE TOUCH.

PRIORITIZE THE WAY PEOPLE FEEL"[21]

21 Traduzido para Português: "Pare de consertar as coisas com uma estética. Compreenda o que faz com que as pessoas se sintam confortáveis, dê prioridade às coisas que as pessoas tocam. Dê prioridade à forma como as pessoas se sentem." KINFOLK & NORM Architects; "The Touch. Spaces Designed for the Senses", "On Community", Gestalten, Berlim, 2019. p.249

construir

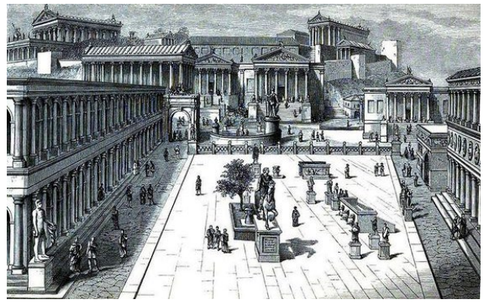
III. a comunidade *vs.* a coletividade

O significado de "comunidade" tem evoluído ao longo da história. Antes, as comunidades eram definidas pela mera proximidade física e eram facilmente identificadas através dos seus **limites**. O exemplo de cidades da Antiguidade Oriental presentes na Mesopotâmia denunciam esse caráter: eram cercadas, com os seus limites explícitos através da construção da **muralha**. Tanto no período antigo como medieval, a existência da muralha nos aglomerados urbanos ajudava a identificar os limites de uma comunidade. A cidade clássica quis reorganizar o espaço civil da vida quotidiana do homem: a **praça pública** - a *ágora* para os gregos e o *forum* para os romanos - foi o principal dispositivo estratégico de encontro utilizado no modelo urbano clássico, que permitiu florescer essas comunidades e todo seu pensamento. A cultura romana acrescentou à cidade **dispositivos administrativos** que organizaram a sociedade, mas também **dispositivos de ócio** que fizeram nela sentir o prazer de viver.

Durante a época medieval a Igreja Católica teve um papel fulcral na ação social, política e civilizacional na Europa. Um dos programas de habitação coletiva que teve relevância foi a vida dos mosteiros[22], que utilizavam estrategicamente pátios interiores que organizavam a vida pública e privada dos monges dentro do mosteiro, o ***claustrum***. Na vida comunitária da cultura do mosteiro, várias ordens religiosas ofereciam acomodações a viajantes, induzindo em erro a afirmação de que no século XII se pode assistir à primeira forma de habitação coletiva. Durante a cultura castreja do séc. VI a.C,. na Península Ibérica, um primeiro esboço daquilo que poderia vir a ser a vida em comunidade pode ser analisada no **aglomerar** dos seus povoados. Posteriormente, as mais antigas civilizações já possuíam estabelecimentos destinados a abrigar viajantes.[23] O exemplo do Mosteiro de Galluzzo, construído no século XIV, retrata o espírito comunitário ao utilizar este dispositivo que permitiu construir a comunidade dos monges. As celas individuais distribuem-se ao redor do claustro, onde ***loggias*** ocasionam as transição da vida pública para a vida privada. A utilização do **dispositivo em galeria ao redor de um pátio central** também pode ser analisada na cultura oriental, como é o caso da comunidade residencial do Tulou de Fuquiém, construído no sul da China entre os séculos XII e XX.[24] A interculturalidade da utilização destes dispositivos estratégicos no desenho arquitetónico comprova a sua utilidade para instruir o espírito de comunidade, independentemente da cultura de quem habita o espaço. Conclui-se que dispositivos estratégicos da concepção do espaço são independentes à problemática da interculturalidade.

Desde a cidade Renascentista até ao século XIX, o estudo dos modos de habitar na arquitetura teve foco na classe das elites. Assim, entre os séculos XVII e XIX**,** a *"Arte de viver"*[25] era um privilégio da alta classe social, o que levou os arquitetos a apenas se debruçarem na arquitetura privada de Palácios, Villas e Moradias. No palácio, o **pátio interior** aberto organizou o espaço privado e o espaço de sociabilidade de elites, que começou a ser pensado como espaço de encenação para receber e espantar os convidados, características da arquitetura barroca e dos interiores rococó. Surgiram também novos **programas** na arquitetura que refletem novos lugares de encontro na cidade, como os cafés, teatros, e passeios - o

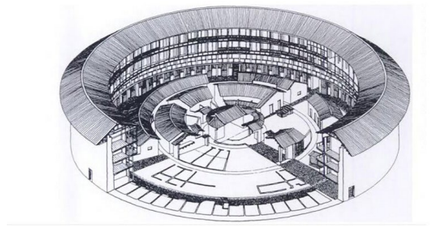
[2]



[3]



[4]



[5]



Dispositivos estratégicos utilizados ao longo do tempo na arquitetura, à escala da cidade e do edificado, para a construção e florescimento das suas comunidades:

[2] - Representação gráfica da vida comunitária na praça pública da antiguidade clássica - o *forum* romano.

[3] - Fotografia do *claustrum* do Mosteiro de Galluzzo (1341), 1878. Permite a organização das celas dos monges do convento ao seu redor e cria um espírito comunitário. As loggias permitem a transição da vida comunitária pública para a vida privada individual.

[4] - A forma circular do Tulou de Fuquiém (séc.XII) reforça o caráter comunitário do edifício, que utiliza galerias como estratégia que organiza, distribui e unifica as vidas privadas dos seus habitantes dentro do edifício.

[5] - Pintura (1857) dos "passeios interiores"das galerias do Palais-Royal em Paris (1830-1930)

---

22 Instalados em zonas isoladas, no alto das montanhas ou em vales e clareiras das florestas, embora alguns existissem no seio das cidades. Eram concebidos como pequenos mundos autónomos e autossuficientes, virados para o seu interior e fechados ao ezterior por muralhas e portas, rigorosamente vigiadas e regulamentadas por cargos próprios.

23 Por exemplo, no mundo greco-romano e na antiga Pérsia, hospitais para recuperação e repouso eram construídos nos banhos termais.

24 Informação disponível online: https://whc.unesco.org/en/list/1113/

25 Arte de Viver ou *Art de Vivre* (em francês), é uma « expressão obsoleta e é mais frequentemente utilizada para se referir às classes possuidoras ou privilegiadas. Até à Segunda Guerra Mundial, descrevia os rituais burgueses (por exemplo, o "dia" de recepção das mulheres do século XIX), mas também os códigos muitas vezes implícitos de "propriedade". "Marcel Proust's À la recherche du temps perdu" é a referência para compreender esta arte de viver e os valores que a suportam. Exprime tanto os códigos partilhados que orientam a vida quotidiana como as relações entre mulheres e homens, senhores e servos... E, nos anos 70, a expressão "metro, trabalho, sono" mostrou que sem tempo para respirar é impossível ter uma arte de viver... Atualmente, o termo "estilo de vida", que não é sinónimo, é utilizado para todas as classes sociais. », Monique ELEB.

exemplo das galerias do *Palais-Royal* - que possibilitaram e aceleraram o processo de sociabilização entre diferentes indivíduos que compunham a sociedade, confrontando diferentes pensamentos críticos.

Apenas na Cidade Oitocentista os limites da cidade deixam de existir e as muralhas começaram a cair, deixando de ser necessárias como forma de defesa. Do séc. XIX para o séc. XX, em contrapartida ao aumento populacional drástico que o êxodo rural potenciou nas cidades, a sociedade converteu-se em "urbana". Sob uma espécie de descontrolo, as comunidades urbanas e grandes cidades aumentaram exponencialmente em paralelo aos problemas que inevitavelmente lhes estavam inerentes. O conceito de "urbanismo" instalou-se e ganhou coesão nesta transição de séculos. Surgem assim as primeiras propostas urbanísticas sob esta necessidade de reorganizar as cidades. Numa Europa sob clima pós Revolução Industrial, a cidade deixa de se definir sob um núcleo central e passa a ser definida por uma região. Como consequência, este acontecimento trouxe grandes mudanças para as cidades europeias que sob a **perda da muralha e da sua definição de limite definido**, foi surgindo uma nova imagem na qual os edifícios de habitação operária, armazéns e fábricas reafirmavam a sua posição. Há quem culpabilize o processo de globalização como principal causa da ressignificação da palavra "comunidade", porém o seu significado começou a deixar de fazer sentido a partir da revolução industrial. É nesse período de transição que, devido ao capitalismo, é possível definir a passagem da "comunidade" para a "sociedade", segundo a sociologia: na transição do modo de vida rural para o urbano houve uma ruptura na organização dos núcleos da vida comunitária. Com o desenvolvimento das cidades os círculos de parentesco e vizinhança perderam forças, bem como os sentimentos e atividades comunitárias. Os novos atores sociais, que agora estavam ligados ao mercado, dirigiam sua atenção fora da comunidade, com objetivo de transpor territórios.[26] Essa transposição tornou-se mais fácil, rápida e eficaz ao longo dos anos, onde a proximidade deixou de ser medida através da distância e passou a ser medida através do tempo. Rapidamente, no final do século XIX, o arquiteto enfrentou o estudo da concepção do habitar popular: a habitação da classe operária. A *"Arte de viver"* deixou de ser uma arte de elite, e sobretudo uma arte, e passou a ser um objeto de estudo. Observamos pela primeira vez na Europa desde a Arquitetura Religiosa do Mosteiro, a Habitação Coletiva: O Familistério de Guise. Este exemplo surgiu das más condições de habitação dos operários e da necessidade de *"fixar a família operária, com higiene, salubridade e eficácia"*[27]. Ainda que teoria utópica, teve impacto no pensamento dos Modos de Habitar[28]. Todo o complexo é interligado por galerias cobertas que conectam as pessoas e criam uma espécie de pequena cidade. Para além da estratégia de conexão, mais uma vez, a estratégia de **espaço central** que organiza os apartamentos das famílias de cada operário é utilizado estrategicamente como **espaço unificador** da comunidade operaria. Esta e outros exemplos utópicos serviram de referência à

26 A disciplina da sociologia define este período o ponto de charneira da vida em comunidade para a vida em sociedade.
27 ELEB, Monique, DEBARRE, Anne; "Architectures de la vie privé: XVIIe-XIXe siècles", Éditions Hazan - Paris.

[6]



[6] - Fotografia interior da vida comunitária do Familistere de Guise. Enquanto as crianças e jovem dançam, os seus familiares assistem nas galerias, o elemento distributivo do espaço. Este elemento estratégico ganha então vida social, comprovando que uma galeria pode ser também ela funcional e absorver um programa social.

[Texto 5] - *"Com o catolicismo de A. W. N. Pugin em Inglaterra e o Fourierismo de Victor Considérant e César Daly em França, a teoria arquitectónica deu um passo em direcção a novos objectivos moralizadores. Em vez de uma resposta servil às necessidades existentes, inscrevendo no espaço ordenado, a intenção do arquitecto era transformar os próprios "hábitos" dos futuros utilizadores. No século XVIII, a arquitectura deveria ser "falante" e actuar através da sua forma mediante a percepção, no século XIX, a arquitectura deveria ser "moralizante" e actuar para reformar."*

TEYSSOT, Georges; "Habits/Habitus/Habitat", *in* "Present and Futures", Barcelona, 1996. Consultado em outubro de 2021: http://www.cccb.org/rcs_gene/habitat_ang.pdf

Arquitetura Moderna do pós 1ª guerra mundial, onde o principal tema da arquitetura foi a habitação e os seus modos de habitar. Demonstram ainda um caráter moralizante e de reforma da vida comunitária imposta por ditos "especialistas" que desde o renascimento foram denominados de "arquitetos" *[Texto 5]*. Talvez estes projetos não tenham passado de utopias porque neles estão reflectidos a incerteza da vida comunitária que a sociedade ultrapassava: uma sociedade à qual lhe foi imposta um modo de habitar que não correspondeu às suas necessidades.

O espírito da "nova comunidade" começa a ser visto na sociedade do século XX que floresceu através dos novos modos de habitar a cidade: uma sociedade que habita de forma coletiva e não de forma comunitária. Tendo em conta casos de estudo da habitação coletiva de Paris, Monique Eleb[29], com a ajuda de Anne Debarre[30], estudaram a arquitetura da vida privada, através da intersecção da história da arquitetura e da história das mentalidades e seguiram os vestígios das pequenas e grandes transformações, que produziram em França, desde o século XVII ao XX, vários tipos essenciais de edifícios residenciais, como a mansão privada, e depois o edifício de apartamentos. - *"O nosso objectivo é (...) traçar a evolução da habitação, estudando tanto a arquitetura aprendida como a evolução social e mental da sociedade urbana francesa e dos seus habitantes."* Segundo Monique Eleb, ao longo destes três séculos, os lugares da vida quotidiana foram transformados para se adaptarem às mudanças nas interações entre as pessoas, às mudanças nos modos de sociabilidade, mas também às mudanças na relação do indivíduo consigo próprio *[Texto 6]*. O desejo de ser reconhecido e respeitado como indivíduo, a emergência do "Eu", a exigência de autonomia em relação ao grupo, levou os habitantes da cidade, e antes de mais os aristocratas, a exigir lugares de retiro para que possam escolher estar sozinhos. Em resposta a esta exigência, os arquitetos propuseram sistemas complexos de circulação que permitiram separar e ordenar os fluxos da casa e associar uma verdadeira "proximidade espacial" a uma grande "distância social" entre indivíduos de diferentes classes. Estes espaços finamente articulados e distribuídos permitiam, através do seu **tratamento decorativo**, qualificar as relações que aí podem ser estabelecidas, e assim controlar os graus de intimidade ou ostentação.[31] Assim, associado ao rompimento das muralhas, está a individualização do sujeito que cada vez mais se isola da vida comunitária, onde o apartamento privado, na sua definição original, é o dispositivo mais adequado a esta concepção, especialmente porque ele próprio é constituído em parte por espaços de recepção que também permitem a vida de representação. Nasce deste contexto a habitação moderna, onde *"a habitação econômica é conhecida dos arquitetos que, ao contrário dos períodos anteriores, parecem já não se interrogar se ela é digna de fazer parte da Arquitetura. (...) O conforto é introduzido mais ou menos rapidamente no alojamento das várias classes sociais. Os requisitos dos modos de sociabilidade especificados, mas também os papéis e estatutos dos vários membros do grupo doméstico são marcados na habitação. Todos estes factores irão, de uma ou outra forma, alterar a distribuição e organização dos apartamentos, muitas vezes através da integração ponderada de modelos de distribuição anteriores, mas também através da invenção, empréstimo ou ressurgimento de dispositivos vistos como inovadores. Era, portanto, verdadeiramente a Belle Epoque da habitação. Arquitetos empenhados na experimentação genuína, que permanece altamente relevante hoje em dia, numa altura em que os estilos de vida estão a mudar de forma semelhante."*[32]. Foi pós primeira guerra mundial até ao final da segunda guerra mundial que, devido à necessidade de reconstrução das cidades, o estudo dos Modos de Habitar se foi aprofundando. A habitação foi o grande tema da Arquitetura Moderna e nela estiveram reflectidos os novos conceitos de habitar coletivo. O exemplo da planificação da Siedlung Dammerstock reflete esse caráter radical da nova habitação coletiva, a nova comunidade. Consistiu na construção em **bandas paralelas**, todas na mesma disposição o que implicou a **destruição do quarteirão tradicional** do sec. XIX, de forma a democratizar completamen-

28 Com foco no estudo da habitação coletiva da vida operária, novos programas na habitação surgiram para além dos programas que correspondiam às classes altas. A Arte de Viver deve ser aplicada a todas as classes, com o direito à habitação - o seu estudo passou a chamar-se Modos de Habitar.

29 Monique Eleb, psicóloga e doutorada em sociologia.

30 Anne Debarre, arquiteta e investigadora no grupo de investigação "Architecture, culture et société, XIXe"

[Texto 6] - *"Se, até ao século XVII, grandes salas não especificadas e espaços do tipo "comunidade" eram o cenário comum da vida, era porque o grupo dominava o indivíduo, e viver em promiscuidade e sob o olhar de outros em lugares não afetados correspondia ao estado desta sociedade."*

ELEB, Monique, DEBARRE, Anne; *"Architectures de la vie privé: XVIIe-XIXe siècles"*, Éditions Hazan - Paris. 1999, pág.

31 A introdução do corredor como dispositivo de circulação que distribuí e organiza a vida privada de cada indivíduo dentro da habitação permitiu o isolamento dentro da vida coletiva. Por exemplo, antigamente os palácios não possuíam corredor, mas sim um sistema de circulação que implicava a passagem que atravessava todas as divisões do palácio, por portas. Assim, a vida de todos os indivíduos era toda pública, tanto fora como dentro da habitação. Não havia escolha na participação da vida comunitária.

32 ELEB, Monique, DEBARRE, Anne; "L'invention de l'habitation moderne: Paris 1880-1914", Éditions Hazan, Paris. 1995. pp. 5-6.

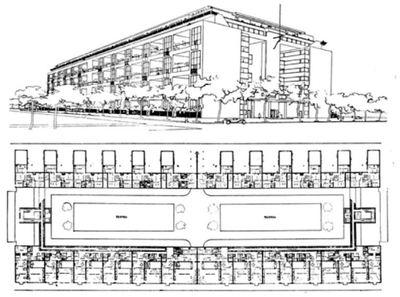
te a arquitetura e os emigrantes que chegavam do campo para trabalhar na cidade, passando a habitar as casas modernas, produto da racionalidade. Pela primeira vez, surgem os **blocos habitacionais, em forma de barras** que criam espaços de convívio diferentes dos vistos até então. Assiste-se mais uma vez ao derrubar de muralhas, mas desta vez à escala do quarteirão que se abre para o resto da cidade. Ainda durante o Movimento Moderno, o Mosteiro de Galluzzo foi grande influencia para Le Corbusier, que lhe despertou a sua qualidade de vida de uma **grande casa coletiva**, para o desenho dos Immeubles-Villas, também em forma de blocos: *"Pensei não ter encontrado nunca uma interpretação tão feliz da habitação. As costas de cada cela abrem, através de uma porta e de um postigo, para uma rua de circulação. Esta rua está coberta por uma arcada: o claustro. Por aí funcionam os serviços comuns – a oração, as visitas, as refeições, os enterros. Este assentamento moderno é do século XIV. A sua visão radiosa ficou comigo para sempre."*[33]. Mais tarde, este projeto também se traduziu na Unidade de Habitação de Marselha, com um programa mais complexo que evidencia uma ideia de transatlântico e da arquitetura utópica do sec. XIX do Owen e do Fourirer: Owen pretendia dissolver a cidade no campo, enquanto Le Corbusier dissolve a cidade numa espécie de "cidade vertical", onde mistura o comércio e o lazer no mesmo edifício de habitação coletiva, de modo a originar mais espaços de convívio num só edifício - uma espécie de presságio daquilo que viria a ser o programa da residência universitária nos dias de hoje *[p.53]*. A transformação do quarteirão fechado para um quarteirão aberto para a cidade composto por **blocos** de habitação coletiva também ocorreram em Portugal. Um exemplo disso foi a construção do Bairro da Bouça, do arquiteto Álvaro Siza que trabalhou para o Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL), no Norte do país. Finalmente a classe do operariado fora ouvida em Portugal, podendo atribuir-lhe um modo de habitar digno das suas necessidades. O dispositivo estratégico utilizado foi o misto entre acesso direto nos apartamentos, através de **pátios** arborizados que separavam os blocos habitacionais, e **galerias suspensas exteriores** que distribuíam longitudinalmente a vida privada dos habitantes. Neste exemplo foi reconhecimento o sujeito para o qual se está a projetar, dando voz à comunidade local da Lapa de modo a negociar no projeto de arquitetura modos de habitar humanos, dignos e adequados a esta classe social.

Foram revistos ao longo da história potenciais dispositivos estratégicos utilizados que atribuíram ao espaço construído um caráter comunitário e, posteriormente, um caráter coletivo. A sua abordagem foi importante para entender em que parte da cidade, quarteirão ou edifício poderia existir vida comunitária, para além dos espaços de convívio. A possibilidade de habitar de forma coletiva potencializa a sociabilização entre diferentes indivíduos e, em paralelo à nova forma de habitação coletiva, o conceito de comunidade sofreu uma metamorfose. Afinal, como pode ser caracterizado o conceito de comunidade hoje em dia? O conceito atual de *comunidade* pode ser definido através da partilha de interesses, gostos, convicções políticas, sexualidade, religião, cultura ou origens étnicas *[p.70]*. Este conceito tem vindo a desenvolver-se desde a revolução industrial que levou à expansão das cidades e ao cair de muralhas, deslimitando o espaço físico que se abriu para todos os horizontes a alta velocidade. O mesmo acontece

[7]



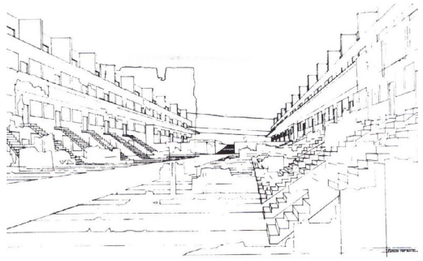
[8]



[9]



[10]



Dispositivos estratégicos utilizados ao longo do tempo na arquitetura, à escala da cidade e do edificado, para a construção e florescimento das suas coletividades:

[6] - Siedlung Dammerstock (1928-1929), com projetos de Walter Gropius, Scharoun, Hugo Häring, Otto Bartning, Fred Forbat e Paul Rudolf Henning.

[7] - Os *Immeuble-Villas* (1922), desenhados por Le Corbusier, representam dois blocos habitacionais que se tornam num complexo habitacional fechado sobre ele próprio através dos seus acessos verticais, fortificando o seu caráter comunitário na habitação coletiva. A recuperação do espaço comum central unificador tem razão de ser, visto que este projeto teve influência direta do contacto de Le Corbusier com o as celas dos monges do Mosteiro de Galluzzo, que intercomunicavam entre si através do espaço central unificador que é o claustrum do mosteiro, rodeado por loggias cobertas que distribuem a vida privada dos monges.

[8] - A unidade de Habitação de Marselha (1952) foi outra tentativa de criar uma comunidade habitacional, mas agora à escala da cidade dentro de um único edifício. A sobreposição de programas coletivos como ginásio, café, varandas, parque infantil, etc, dentro do edifício da habitação tornaram este edifício numa cidade dentro de um edifício, que comunicava através de "ruas aéreas", galerias interiores.

[9] - Bairro da Bouça, Álvaro Siza – Logo após a Revolução de Abril em Portugal 25 de 1974, a uma organização chamada Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL) foi formada para buscar ajuda estatal para aliviar as condições precárias de moradia em Portugal. Álvaro Siza trabalhou para SAAL entre 1973 e 1977, e durante este tempo projetando dois projetos habitacionais em Porto, Bouça e as casas geminadas São Victor.

33 LE CORBUSIER, "Uma célula à escala humana", Precisões, 1930.

dentro da habitação, onde a supressão de barreiras divisórias - as paredes - permitiu o olhar alcançar mais área dentro dos apartamentos, assim como o aumento do vão exterior sobre a paisagem: *"o espaço doméstico transforma-se, e tende a reduzir-se, mas também a abrir-se. Aqui estão em jogo mudanças que dizem tanto respeito à sociedade como ao indivíduo. O quadro da produção arquitetónica está também a mudar, com cada vez mais casas alugadas no edifício, e o estúdio de uma só pessoa ou o estúdio de um artista para todos."*[34]

Os efeitos de globalização[35] da economia, cultura e informação foram causados pelo "encolhimento" do mundo caracterizado pela aceleração do tempo de locomoção e do acesso à informação. Isto alterou a vida das sociedades e o espaço que habitam. As sociedades transformam-se de acordo com o contexto da sua época, tendo uma razão para essa mudança. O mercado, ao tornar-se global, possibilita ao consumidor o acesso a produtos importados de melhor qualidade e mais baratos. A nível econômico, a globalização concentrou a riqueza, onde a maior parte do dinheiro fica nos países mais desenvolvidos e apenas 25% dos investimentos internacionais vão para as nações em desenvolvimento, o que faz disparar o número de pessoas que vivem em extrema pobreza e a emigrarem. Os efeitos de emigração que se tem vindo a sentir na Europa desde o século XIX tenderam a aumentar e também contribuíram para a alteração do conceito de *comunidade*, devido aos conflitos multiculturais que nascem do espaço que não está preparado para esta problemática. Como pode o espaço que o arquiteto desenha combater o aglomerar étnico cultural, de modo a conseguir que as comunidades possam florescer? No desenho do espaço, assiste-se à perda da identidade comunitária, à descaracterização dos materiais locais tradicionais e à banalização das técnicas de construção. A arquitetura em branco do movimento moderno pode ser ela um exemplo e o pós-modernismo uma reação à essa descaracterização arquitetônica. As mudanças que o efeito de globalização trouxeram à sociedade não devem ser diferenciadas entre algo que é negativo ou positivo; para o arquiteto, a globalização deve ser vista como uma circunstância à qual tem de responder. Entender e adaptar as destabilizações que ela causa à sociedade será sempre um solução positiva para o projeto de arquitetura.

Acompanhada desta nova definição de comunidade, a era digital aumentou a "distância social" física, mas que por outro lado permitiu um novo palco na representação social que se tornou o novo espaço da sociabilidade, o espaço virtual. A comunicação *online* reforçou o caráter de política de interesses da

34 ELEB, Monique, DEBARRE, Anne; "L'invention de l'habitation moderne: Paris 1880-1914", Éditions Hazan, Paris. 1995. pp. 5-6.

35 A globalização é um dos processos de aprofundamento internacional da integração econômica, social, cultural e política, que teria sido impulsionado pela redução de custos dos meios de transporte e comunicação dos países no final do século XX e início do século XXI, sendo considerada a maior mudança da história da economia nos últimos 40 anos. Embora vários estudiosos situem a origem da globalização em tempos modernos, outros traçam a sua história muito antes da era das descobertas e viagens ao Novo Mundo pelos europeus. Alguns até mesmo traçam as origens ao terceiro milênio a.C. Informação online: https://pt.wikipedia.org/wiki/Globalização

nova definição de comunidade, permitindo a cada utilizador do espaço virtual aceder aos conteúdos que lhe interessa e a entrar em discussões, fóruns, jogos, salas de chat e redes sociais que lhe são relevantes, tudo *online*. Este poder de seleção e escolha de quando se quer sociabilizar distanciou o sujeito da sociedade física e posicionou-o, de forma autônoma, num mundo virtual ausente do espaço desenhado por arquitetos. Também, a recente pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 obrigou as empresas públicas e privadas a fecharem temporariamente o seu espaço físico, recorrendo a plataformas virtuais que permitiram a continuação da sua prática laboral. O teletrabalho banalizou-se ao redor do mundo e hoje novas políticas internas nas empresas são discutidas, pondo em causa a necessidade do espaço físico onde os seus trabalhadores possam exercer o seu trabalho. A questão que inquieta a profissão do Arquiteto evidencia-se: Estará o mundo a tornar-se cada vez mais virtual? Tendo várias formas digitais para as pessoas se conectarem, o espaço físico realmente importará?

"HOW CAN YOU DESIGN PLACES AND BUILDINGS IN WHICH COMMUNITIES CAN FLOURISH,

WHEN THE NOTION OF COMMUNITY ITSELF IS SO SPLIPPERY,

AND THE IDEA OF BELONGING HAS BECOME DETACHED FROM THAT OF SPACE?"[36]

36 Traduzido para Português: "Como se podem conceber lugares e edifícios em que as comunidades possam florescer quando a noção de comunidade é tão difusa, e a ideia de pertença tornou-se desapegada do espaço?". KINFOLK & NORM Architects; "The Touch. Spaces Designed for the Senses", "On Community", Gestalten, Berlim, 2019. p.231

[Cronologia 1]

fases da *Cité Universitaire de Paris;*

residências escolhidas e **residências-chave** selecionadas;

acontecimentos históricos;

edifícios

séc. VII a.C_ *muralha das antigas cidade*

séc. VII a.C_ *forum* romano

séc. VI a.C _ Cultura castreja: aglomerados de castros

séc. XII _ Tulou de Fuquiém

1341_ Mosteiro de Galuzzo

séc. XV - Início dos descubrimentos

séc. XVII-XIX _ Palácios e Villas

1760

1830_ Galerias do Palais-Royal de Paris

1858-70_ Cidade operária de Mulhouse

1859-70_ Familistério de Guise

1870

1880

1898_ Cidade-jardim: "To-morrow a Peaceful Path to Real Reform"

1914-18 - 1ª Guerra Mundial

1750 | 1800 | 1850 | 1900 | 1914

PRIMEIRA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

- transição para novos processos de manufatura no período entre 1760 a algum momento entre 1820 e 1840. Cidade oitocentista: com o êxodo rural, as cidades ultrapassaram os seus limites de muralha e o conceito de urbanismo foi instaurado.

SEGUNDA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

- produção em massa, popularizada por Henry Ford e a eletrificação das fábricas.

"Uma verdadeira investigação sobre habitação, especificamente realizada por arquitetos, tomou forma, marcada pela impressão de ideias higiénicas, uma grande atenção às classes desfavorecidas e uma preocupação de integrar objetos de conforto. Para além das novas infraestruturas - a água corrente ao telefone, do gás (em cada andar) ao elevador ,tudo o que é tido como garantido num edifício hoje foi inventado na viragem do século XIX, nos anos 1880-1914."

ELEB, Monique, DEBARRE, Anne; "L'invention de l'habitation moderne: Paris 1880-1914", Éditions Hazan, Paris. 1995. pp. 503

"ARTE DE VIVER" (para as elites)

≠

utopias para resolver a habitação operarária

- fixar a família operária, com higiene, salubridade e eficácia.

"ESTILOS DE VIVER"(para todas as classes sociais).

qualificar

IV. o espaço

Anteriormente, foram reconhecidos alguns dispositivos estratégicos que organizaram a vida comunitária e coletiva ao longo da história, que podem ter alguma afinidade com os casos de estudo desta dissertação *[Cap.III]*. A possibilidade de observar, refletir e discutir as situações reais anteriores permitiram capacitar-se para a sensibilização (e eventual intervenção futura) neste domínio específico, aprofundando uma temática central na vida dos indivíduos – os seus espaços íntimos, sociais, públicos e comunitários – em que necessária e obrigatoriamente, habita, convive e vivencia ao longo da vida. Este subcapítulo identifica de que forma se consegue qualificar esses dispositivos e os espaços que por eles são articulados e tenta entender como o desenho dos Arquitetos poderá influenciar as práticas dos modos de habitar do ser humano e do seu bem-estar.

Ao longo da História da Arquitetura é possível verificar que cada estilo arquitetônico surge de um contexto social, político, econômico e religioso. A cada arquitetura, corresponderam diferentes "regras" ou formas de fazer, que as caracterizava. Essa caracterização originou sempre uma atmosfera específica com o objetivo de transmitir e fazer sentir algo às pessoas que habitavam o espaço.[35] É possível deduzir que o espaço desenhado pelo Arquiteto tem o "poder" de transmitir informação e fazer o sujeito sentir algo. No panorama da habitação coletiva, foi entre os séculos XVII e XIX que se assistiu à mudança da mentalidade acerca do conforto interior, primeiramente da *Arte de Viver*, e posteriormente dos *Modos de Habitar.* As divisões das habitações urbanas do século XVII não possuíam especificação programática, tanto em nomenclatura como em qualificação espacial. Com o passar do tempo, essa qualificação torna-se importante não só para denunciar o caráter programático de cada divisão, mas também para tornar o espaço mais confortável, como é exemplo a habitação urbana do século XIX. Assim, *"**a forma, a iluminação, os revestimentos de parede e as decorações** do tecto foram cuidadosamente estudados e guiaram explícita ou implicitamente as práticas dos habitantes"* [Texto 7] dependendo se a divisão da habitação seria uma sala de estar, sala de jantar, escritório, cozinha ou quarto. Posteriormente, a qualificação da atmosfera espacial perdeu protagonismo devido ao movimento Moderno: "a casa é uma máquina do habitar"[36], dizia Le Corbusier em 1923. A sua visão funcionalista do habitar, que faz parte desse tempo de ruptura vanguardista, conquistou a Arquitetura, ao ponto de hoje em dia essa perspectiva se ter banalizado na padronização do habitar contemporâneo. Hoje, habitar é entrar no espaço que é totalmente condicionado à partida por uma lógica de mercado, onde as tipologias necessitam de obedecer a "x" metros quadrados e onde já várias componentes da arquitetura estão definidas. Uma das necessidades da arquitetura contemporânea seria então desmecanizar esse processo da habitação pré-condicionada pelo mercado acrítico e, por vezes, pouca cultura arquitetônica. Assim, a casa torna-se um"habitar a desmecanizar".[37]

O consequente desaparecimento das qualidades sensoriais na arquitetura preocupa arquitetos que defendem o bem-estar espacial, através de uma arquitetura mais humana, que apele aos sentidos. A interdisciplinaridade da Arquitetura com outras áreas do saber possibilitará a expansão do conhecimento do Arquiteto e a sua sensibilização na vertente sensorial que causa, consciente ou inconscientemente, o bem-estar. Desse modo, são então confrontados dois arquitetos que exploram este tipo de questões: Juhani Pallasmaa[38] e Peter Zumthor[39].

No livro "Atmosferas"[40], Peter Zumthor entende a atmosfera como uma categoria estética onde o importante é que a forma arquitetônica seja a harmonia entre as atmosferas e essa forma tem de, em ato conclusivo, ser bonita. A atmosfera espacial cria uma primeira impressão, podendo comover o sujeito que nela deambula[41]. Ao longo do livro, Zumthor explica como tenta criar atmosferas nas suas obras, e desperta ao leitor a importância que a Arquitetura deve ter em despertar os nossos cinco sentidos. São várias as atmosferas em que se apoia para criar o seu discurso [Texto 8]: a **estrutura** como corpo do edificado; a **materialidade** e a sua multiplicidade de **texturas, tamanhos, tons e cores** que quando conjugados o desafio é alcançar a sua harmonia coletiva; o som relacionado com a **acústica dos materiais, a temperatura física e psíquica dos materiais**, que se vê, se sente e se toca; os **objetos** no espaço interior e como isso ajuda a desenhar e a vivências o espaço; o jogo de **sedução temporal** na arquitetura, que cria polos de tensão entre conduzir e seduzir; a **tensão entre o interior e exterior** que pode ser associada à **paisagem** de dentro para fora, mas também de fora para dentro, que cria curiosidade e um jogo entre a privacidade

[Texto 7] -*"Até ao início do século XVII, na maioria das habitações urbanas, as divisões eram grandes volumes cuja qualidade principal era a sua não-especificação. Uma especialização será feita pouco a pouco por um tratamento diferenciado das paredes (painéis, decorações, existência de chaminé, etc.), pela posição da sala, pela sua contiguidade com outras divisões (que constituirão juntas uma das partes qualificadas da habitação), pela sua orientação (nobre ou não), enfim pelo mobiliário. (....) No século XVIII, havia poucos móveis, era bastante desconfortável, e alguns deles eram "inamovíveis" (por exemplo, consolas). No século XIX, havia muitas peças de mobiliário, estofadas para serem tão confortáveis quanto possível e móveis. Contudo, todas estas salas foram tratadas de forma diferente consoante o seu objectivo: **a forma, a iluminação, os revestimentos de parede e as decorações do tecto** foram cuidadosamente estudados e guiaram explícita ou implicitamente as práticas dos habitantes."*

ELEB, Monique, DEBARRE, Anne; "Architectures de la vie privé: XVIIe-XIXe siècles", Éditions Hazan - Paris. 1999, pág. 285

35 Por exemplo, na idade média, o raciocínio humano pairava na ignorância comandada pela igreja católica. Sabe-se que os poucos conhecimentos da engenharia levaram ao aspecto do edifício parecer mais pesado e robusto, devido aos contrafortes e pequenas frestas nas paredes. Este escasso saber da engenharia andou a par do pensamento religioso que caracterizou também a atmosfera vivida dentro dessas igrejas: pouca luz e muita sombra que criara o espaço ideal para o ser humano se livrar dos seus pecados e contactar de forma íntima com Deus. Com o simbolismo de poder religioso e econômico da catedral gótica foi possível o desenvolvimento de novas técnicas de engenharia que elevaram as catedrais cada vez mais perto do céu, com abertura de grandes vãos iluminados pela luz que entrava dos vitrais e criaram uma atmosfera espacial dentro da catedral de ascensão ao paraíso, onde Deus se encontrara.

36 LE CORBUSIER, Vers une architecture, 1923.

37 NO PAÍS DOS ARQUITETOS: #36. Entrevistado: Nuno Grande, arquiteto da Pedra Líquida. Entrevistadores: Sara Nunes, 18 abr. 2022 Podcast.

38 Juhani Uolevi Pallasmaa, arquiteto finlandês, nasceu em 1936.

39 Peter Zumthor, arquiteto suiço, nasceu em 1943 e ganhou o Prémio Pritzker de 2009.

40 ZUMTHOR, Peter; Atmosferas, Entornos arquitectónicos - Las cosas a mi alrededor; Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2006.

41 ZUMTHOR, Peter, "Atmósferas, Entornos arquitectónicos - Las cosas a mi alredor " ; Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2006, pág. 11 e 13.

e o público; a **escala** do tamanho, massa e peso das coisas e por último, a **luz**.

A importância do ambiente edificado também é abordada pelo arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa, que explora uma arquitetura dos sentidos, onde acredita que a atmosfera espacial tem um valor fulcral na forma como o ser humano se comporta [Texto 9]. Assim, a arquitetura que enfatize a **materialidade** pode ressuscitar a crença na importância do corpo e reafirmar o valor do tacto, do olfacto, do paladar e da audição. Em "The Eyes of the Skin"[42], publicado pela primeira vez em 1996, o arquitecto Juhani Pallasmaa aborda a riqueza metafísica de cada sentido, escrevendo que *"O meu corpo é verdadeiramente o umbigo do meu mundo, não no sentido do ponto de vista da perspectiva central, mas como o próprio local de referência, memória, imaginação e integração"*. Cita o fenomenólogo Maurice Merleau-Ponty, que argumenta que a percepção natural não se limita à visão; ela é conseguida *"com todo o nosso corpo de uma só vez"*. A **textura** e a **cor** das superfícies, a quantidade de **luz natural e artificial** disponível, a **altura** de uma sala, e como estas e outras características se entrelaçam e se envolvem com as de um espaço produzem uma experiência encarnada na qual o humano e a construção se tornam constitutivos um do outro. Assim, tenta expressar a significância do toque para a nossa experiência e entender o mundo, numa tentativa conceptual de encurtar o caminho entre o dominante sentido da visão e o suprimido sentido do toque, chegando a reforçar que devemos mesmo aprender a ver com a nossa pele. Ainda, em *"Architecture and Neuroscience"*[43], Pallasmaa demonstra a interdisciplinaridade do seu estudo da arquitetura, permitindo-lhe entender a atmosfera para além de uma *"categoria estética"* que comove o sujeito, como conclui Peter Zumthor no seu livro "Atmosferas" [Texto 10]. Esta publicação demonstra que as Neurociências[44] também têm vindo a explorar esta problemática, com uma abordagem mais científica através do estudo do sistema nervoso do ser humano. É uma disciplina que dialoga interdisciplinarmente

[Texto 8] - "Agora, o que me tocou lá? Tudo, as coisas, as pessoas, o ar, os ruídos, as cores, as presenças materiais, as texturas e também as formas. Formas que posso compreender. Formas que eu posso tentar ler. Formas que acho belas. E que mais me comoveu? O meu próprio estado de espírito, os meus sentimentos, as minhas expectativas quando estava ali sentado. Esta famosa frase inglesa vem à mente, que se refere a Platão: 'A beleza está nos olhos de quem vê'. Ou seja: tudo está apenas dentro de mim. Mas depois faço a experiência de remover a praça à minha frente, já não tenho os mesmos sentimentos. Uma simples experiência, desculpem a simplicidade da ideia. A verdade é que ao tirar o assento da frente, os meus sentimentos desaparecem com ele. Nunca teria tido quaisquer sentimentos sem a atmosfera da praça. Lógico. Há um intercâmbio entre as pessoas e as coisas"

ZUMTHOR, Peter, "Atmósferas, Entornos arquitectónicos - Las cosas a mi alredor " ; Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2006, pág. 15, 16, 17, 18 e 19.

42 *PALLASMAA, Juhani - "The eyes of the skin : architecture and the senses". Chichester : John Wiley & Sons, 2005*

43 *PALLASMAA, Juhani; MALLGRAVE, Harry; ARBIB, Michael. Architecture and Neuroscience. Espoo, Finland : Tapio Wirkkala-Rut Bryk Foundation, 2013*

44 Devido ao número elevado de cientistas que se interessou por esta área, em 1960 foi fundada a primeira organização mundial de neurociências a International Brain Research Organization [disponível online: http://www.ibro.org], e apenas em 1992 a sociedade Portuguesa de Neurociências [disponivel online: http://www.spn.org.pt].

45 ANFA, fundada em 2002 como um Legacy Project da nacional American Institute of Architects (AIA). Disponível em: https://anfarch.ucsd.edu

Texto [9] - *"Enquanto o cérebro controla o nosso comportamento e os genes controlam o plano para a concepção e estrutura do cérebro, o ambiente pode modular a função dos genes e, em última análise, a estrutura do nosso cérebro, e por isso alteram o nosso comportamento. No planeamento dos ambientes em que vivemos, a concepção arquitetônica muda o nosso cérebro e o nosso comportamento."*

PALLASMAA, Juhani; MALLGRAVE, Harry; ARBIB, Michael. Architecture and Neuroscience. Espoo, Finland : Tapio Wirkkala-Rut Bryk Foundation, 2013, p.5

Texto [10] - *"Várias descobertas e pontos de vista emergentes nas neurociências prometem uma compreensão mais profunda das implicações e impactos mentais da arte de construir. Descobertas recentes nas complexidades e plasticidade do cérebro humano e dos sistemas neurais enfatizam a natureza inata e multi-sensorial das nossas experiências existenciais e arquitetônicas. Estas opiniões desafiam a compreensão visual tradicional e ainda prevalecente da arquitetura e sugerem que as experiências arquitetônicas mais significativas surgem de encontros existenciais em vez de percepções retinianas, inteligência e estética do novo. Nestes encontros, o mundo e o perceptor fundem-se, e a fronteira entre o mundo mental exterior e o interior torna-se vaga, à medida que se fundem."*

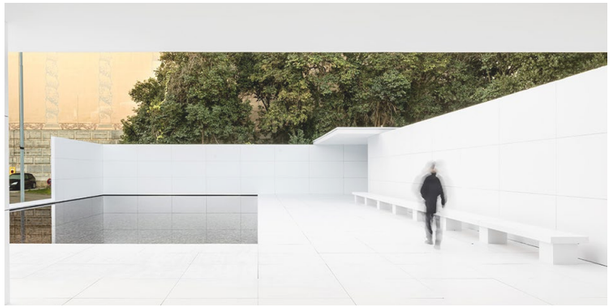
PALLASMAA, Juhani; MALLGRAVE, Harry; ARBIB, Michael. Architecture and Neuroscience. Espoo, Finland : Tapio Wirkkala-Rut Bryk Foundation, 2013, p.5,6

com outras áreas do saber nos últimos anos, como o markting e a área empresarial. A aplicação de conhecimentos das Neurociências à Arquitetura tem o potencial de proporcionar edifícios e espaços que promovem de forma mensurável o bem-estar e ambientes mais saudáveis ou mais eficazes para atividades específicas. Várias investigações têm sido realizadas na Arquitetura, associadas à Academy of Neuroscience for Architecture (ANFA),[45] uma academia que tem como missão promover e fazer avançar o conhecimento que liga a investigação em neurociência a uma compreensão crescente das respostas humanas ao ambiente construído. As investigações são realizadas com diferentes estratégias em busca da compreender como o ambiente físico impacta os indivíduos: através da liberação de substâncias químicas, da expressão gênica, da plasticidade cerebral ou da alteração dos estados mentais, das emoções e dos comportamentos. Ferramentas mais simples também são utilizadas de forma complementar, como é o caso dos inquéritos de pré e pós ocupação. Fruto dessas investigações, os neurocientistas revelam ferramentas que os arquitetos podem manipular para garantir bem-estar aos seus utilizadores, como a **iluminação** e a **percepção**, já debatidos por Pallasmaa, mas também a **biofilia**[46] e o **wayfinding**[47]**.**

46 A biofilia é definida como o instinto humano inato de se ligar à natureza e a outros seres vivos. Este conceito é fundamental para o *biophilic design*, que utiliza materiais naturais, padrões e fenômenos para manter uma ligação com a natureza dentro do ambiente construído, de forma a apoiar a função cognitiva, saúde física, e bem-estar psicológico. Na arquitetura, a conexão do exterior para o interior também ajuda neste processo.

47 *Wayfinding* pode ser aplicado a práticas disciplinares cruzadas, incluindo arquitetura, arte e design, design de sinalização, psicologia e estudos ambientais. É estudado pelas Neurociências e define-se como o processo cognitivo, social e corpóreo da experiência de localizar, seguir ou descobrir um caminho através e para um determinado espaço. A navegação no tempo e no espaço permite ao cérebro criar uma memória episódica à medida que o espaço é percorrido que, voltado a percorrer, o sujeito se saiba localizar dentro de um edifício, na cidade ou país, ou até mesmo à grande do planeta Terra ou do universo. Saber onde o sujeito se encontra deixa-o seguro e, por consequência, causa-lhe bem-estar.

[11]

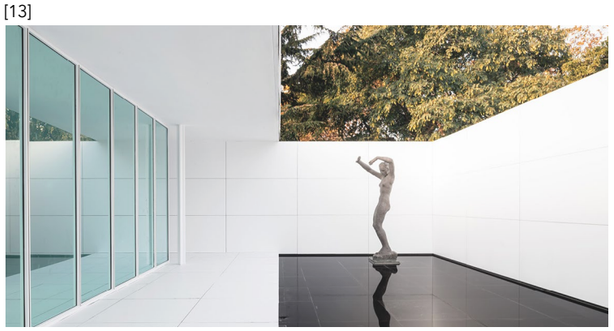


Mies Missing Materiality (fotografia), a envolvente do pavilhão reflecte a técnica collage bastante utilizada por Mies van der Rohe durante o seu processo projetual. O contraste entre a obra e a paisagem torna-se nítido.

[12]

O Pavilhão de Barcelona aparece transformado em maquete à escala 1/1 devido à sua materialidade suprimida. Planos horizontais e verticais co-existem apenas com relação volumétrica.

[13]



O interior do pavilhão perdeu os reflexos, cores e texturas que qualificavam a atmosfera espacial, em troca de opacidade total da sua desmaterialização. Passou de uma arquitetura sensorial a um espaço que dá a sensação de ausência.

[14]



Ausência da materialidade. Supressão da materialidade levou à supressão do contraste luz-sombra. [Fotografias: Adrià Goula]

Desse modo, "*a neurociência pode revelar e reforçar a essência fundamentalmente mental, sensorial, encarnada e biológica da arquitetura contra as tendências atuais para o crescente materialismo, intelectualização, e mercantilização."*[48]

O exemplo da instalação realizada no Pavilhão de Barcelona, denominada "Mies Missing Materiality"[49] suprime por completo a materialidade do edifício e, por consequência, toda a sua essência sensorial. Foi concebida pelos Arquitetos e Investigadores Anna e Eugeni Bach e através desta intervenção foi possível ler o pensamento de Mies van der Rohe ao projetar o pavilhão: as linhas modulares tornaram-se evidentes e a envolvente parece uma *collage* [11] , a típica forma representativa da arquitetura na altura, que aparece no fundo das fotografias onde o Pavilhão de Barcelona se sobrepõe como se fosse uma perspectiva desenhada. Durante a conferência de abertura da instalação esteve presente o arquiteto Juhani Pallasmaa que debateu acerca da intervenção e da sua desnaturalização do projeto de Mies van der Rohe, denunciando a **importância da materialidade** na Arquitetura: "*À medida que foram adicionando a instalação com peças brancas, a imagem torna-se mais estática e frontal, perdendo os reflexos da luz/sombra sobre a materialidade.* [13] *E finalmente, quando tudo está branco, chegamos a um espaço flutuante. O ritmo fica lento, a música fica mais alta e de repente estás a flutuar nesse branco espaço que te afasta do pavilhão original que é mais real. O novo pavilhão é como um sonho, uma espécie de maquete.* [12] *Explica-se em oposição entre o real e o onírico."* A utilização da cor branca está associada ao higiênico, à saúde e valores morais [Texto 11], e tornou-se num dos ideias da modernidade, o edifício totalmente branco [Texto 12], o *purismo*, que em alguns casos conduziu à supressão total da cor e materialidade e, por consequência, da perda sensorial no espaço moderno. Quando se confronta a instalação *purista* de Anna e Eugeni Bach com a matéria original de Mies Van der Rohe, confirma-se e fortalece-se o argumento anterior. Ao suprimir a sua materialidade, o pavilhão não só perdeu a sua essência

Texto [11] - *Durante a conferência Pallasmaa cita Le Corbusier em 1925: "Branco é extremamente moral, assumamos que deveria existir um decreto que requeresse que todas as habitações em Paris devessem ser pintadas de branco. Afirmo que esta seria uma medida notável e um alto reflorescimento de alta moralidade. Um sinal de grande povo."*

PALLASMAA, Jahani, conferência. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KStwfKh_98k.

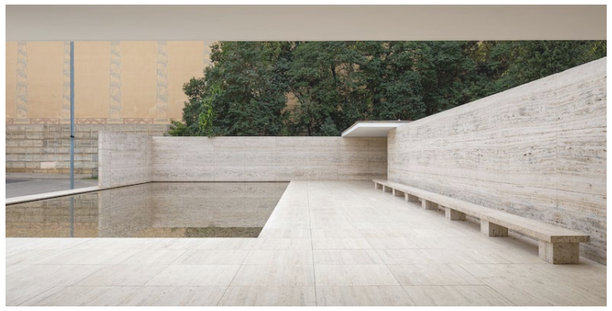
Texto [12] - *"Mies Missing Materiality" elimina a materialidade, a articulação e o detalhe em conjunto. E finalmente, um dos mais adorados projetos da modernidade, na sua perfeição de materialidade e articulação, torna-se em um dos ideias da modernidade - o edifício totalmente branco".*

PALLASMAA, Jahani, conferência. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KStwfKh_98k.

48 *PALLASMAA, Juhani; MALLGRAVE, Harry; ARBIB, Michael. Architecture and Neuroscience. Espoo, Finland : Tapio Wirkkala-Rut Bryk Foundation, 2013, p.8*

49 Esta intervenção foi realizada entre os dias 8 de novembro de 2017 e 28 de novembro de 2017 e documentada em livro, juntamente com a sua investigação e reflexão. Para além dos textos dos autores da intervenção, as contribuições de Juhani Pallasmaa, Fabrizio Gallanti, María Langarita, Carlos Quintáns e Juan José Lahuerta com imagens de Adrià Goula que é também autor de um pequeno filme que inclui todo o processo da intervenção baseado nas refle-

[15]

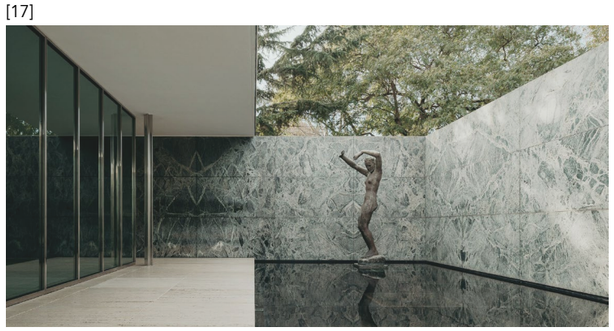


Pavilhão de Barcelona (Mies van der Rohe), a materialidade, textura e cor da pedra utilizada torna o pavilhão natural. Há um encontro harmonioso entre a materialidade do edificado e a sua envolvente.

[16]

Sobreposição de diferentes materiais que compõem a estrutura, pele e transparência do edifício. A cor verde do mármore utilizado contrasta com a pedra travertino, relaciona-se com a natureza.

[17]



Sente-se a frieza do metal, o quente, rugosidade e textura da pedra e a delicadeza, frescura e cor do mármore que, reflectidos na água e na transparência do pano de vidro, amplificam a transcendência do espaço.

[18]



O detalhe da textura da materialidade da pedra travertino desperta o tacto e provoca o toque, a olhar. [Fotografias: Maciej Jezyk]

sensorial, como também a sua **inserção na paisagem**, a sua **luz** e ***reflexos*** e, de alguma forma, o seu ***wayfinding***. O arquiteto Fernando Távora[50] dizia: "*Tudo tem importância na organização do espaço – as formas em si, a relação entre elas, o espaço que as limita – e esta verdade que resulta de o espaço ser contínuo anda muito esquecida*".[51] A simplicidade por detrás do gesto de suprimir a sua materialidade modifica por completo o ambiente do pavilhão: o espaço perde a sua organização interior, e exterior: com o mundo que o envolve; as formas, os planos e a estrutura continuam a coexistir, mas a sua relação perde-se no espaço e o seu limite é abruptamente interrompido como se de uma colagem na envolvente se tratasse. O espaço que era continuo e humano, descontinuou-se na organização da simplicidade modular abstrata: a peça branca.

Ao percorrer o pavilhão original, os planos que se intersectam com os outros possuem diferentes materialidades que, na sua interseção e oposição, ajudam o sujeito a entender, percorrer e sentir o espaço e a sua atmosfera - a oposição de **cores** quentes com cores frias, a oposição de rugosidade e polidez da **textura**, a **opacidade**, **transparência** e **reflexão**, a **luz** e a **sombra** [15,16,17,18]. Esta intervenção tornou-se exemplo para demonstrar a potencialidade da materialidade na Arquitetura, e como a escolha de materiais e de texturas podem modificar a percepção do espaço. Juhani Pallasmaa descreve *Mies Missing Materiality* como um *"pensamento provocante e significativa lição para o entendimento arquitetural semântico e sintáxico. É uma lástima que o projeto seja temporal, porque seria um grande aparelho educativo para os estudantes entenderem a linguagem da arquitetura e a sua ausência."*.

Se vários estudos realizados pelas neurociências permitiram entender, através de inquéritos, exames neurológicos e estudos de pré e pós ocupação, que o nosso cérebro reage a diferentes estímulos provocados pelo espaço habitado, os novos conceitos começam a ser investigados, como a *biofilia e o wayfinding*, que poderão demonstrar-se úteis no desenhos dos edifícios. Acredita-se que as atmosferas, quando estudadas cuidadosamente, poderão permitir ao arquiteto de guiar explícita ou implicitamente as práticas dos habitantes. Assim, corresponde à arquitetura garantir a organização dos espaços através de dispositivos estratégicos que potencializem o espírito de comunidade ou coletividade entre diferentes indivíduos que coabitem o mesmo espaço, de modo a que o seu desenho satisfaça as várias necessidades das práticas do habitar humano, respeitando a sua sociabilidade mas também a sua intimidade. Trabalhar com as atmosferas espaciais permitem o arquiteto conseguir qualificar diferentes espaços dependendo da sua função.

50 Fernando Távora, (1923-2005) foi um arquiteto português diplomado pela Escola de Belas-Artes do Porto em Arquitetura no ano de 1952.

51 TÁVORA, Fernando, Da Organização do Espaço, Porto: Faup Publicações, 1996, p.30

Assim, os pontos-chave deste capítulo são as ferramentas que estão ao dispor do arquiteto:1. entender a sociabilidade; 2. reconhecer o sujeito; 3. construir a comunidade, através de dispositivos estratégicos; 4. qualificar o espaço, com atmosferas.

No futuro espera-se que a ideia das pessoas perguntarem sempre *"que tempo está la fora?"* seja repetida também dentro dos espaços. O tempo que faz dentro de casa, numa sala de aula, num escritório, numa igreja, numa rua, numa praça - a ideia do tempo que está nos espaços da vida humana[52]. Esse "tempo", é a atmosfera do espaço e essa atmosfera deve ser pensada e trabalhada pelo Arquiteto.

"ONCE A GLOSS IS PUT ON THE MATERIAL,

YOU DON'T SENSE ITS ORIGIN AND ORGANIC NATURE.

IT'S URGENTLY IMPORTANT TO RETURN TO A MORE THOUGHTFUL STATE ABOUT THE MATERIALS SURROUNDING US."[53]

---

52 A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO HABITAR: #15. Entrevistada: Maria Filomena Molder. Entrevistadores: Ana Sofia Silva, 28 out. 2020 Podcast.

53 Traduzido para Português: " Uma vez colocado um brilho sobre o material, não se sente a sua origem e natureza orgânica. É urgentemente importante regressar a um estado mais pensativo sobre os materiais que nos rodeiam." KINFOLK & NORM Architects; "The Touch. Spaces Designed for the Senses", "On Community", Gestalten, Berlim, 2019. p.231

II.

a cité universitaire de paris: da comunidade à coletividade.



[19]



Mapa de Paris, com localização da Cité Internationale Universitaire de Paris (CIUP). Está situada a sul de Paris, no 14º *arrondisement*, junto da antiga muralha de Paris e foi um dos projetos urbanísticos que contemplaram o seu derrubar.

a comunidade

I. o campus universitário

Em Paris, após a Primeira Guerra Mundial, André Honnorat, Ministro da Educação Pública, apoiado por Emile Deutsch de la Meurthe e Paul Appell, propôs a criação de uma cidade única, localizada a sul de Paris [19]. O seu objetivo era dar raízes profundas e duradouras à paz, no contexto pacifista dos anos 20. Imaginou um campus universitário onde jovens de todo o mundo aprenderiam a viver juntos e, ao regressarem aos seus próprios países, manteriam laços duradouros que promoveria a amizade entre povos. Nasceu assim a **Cité Internationale Universitaire de Paris (CIUP)** em 1925,[54] um projeto urbano que renasceu da antiga zona de fortificações que limitava Paris e separava a cidade dos seus subúrbios - uma área ocupada por barracos e habitações precárias da classe operária [21].

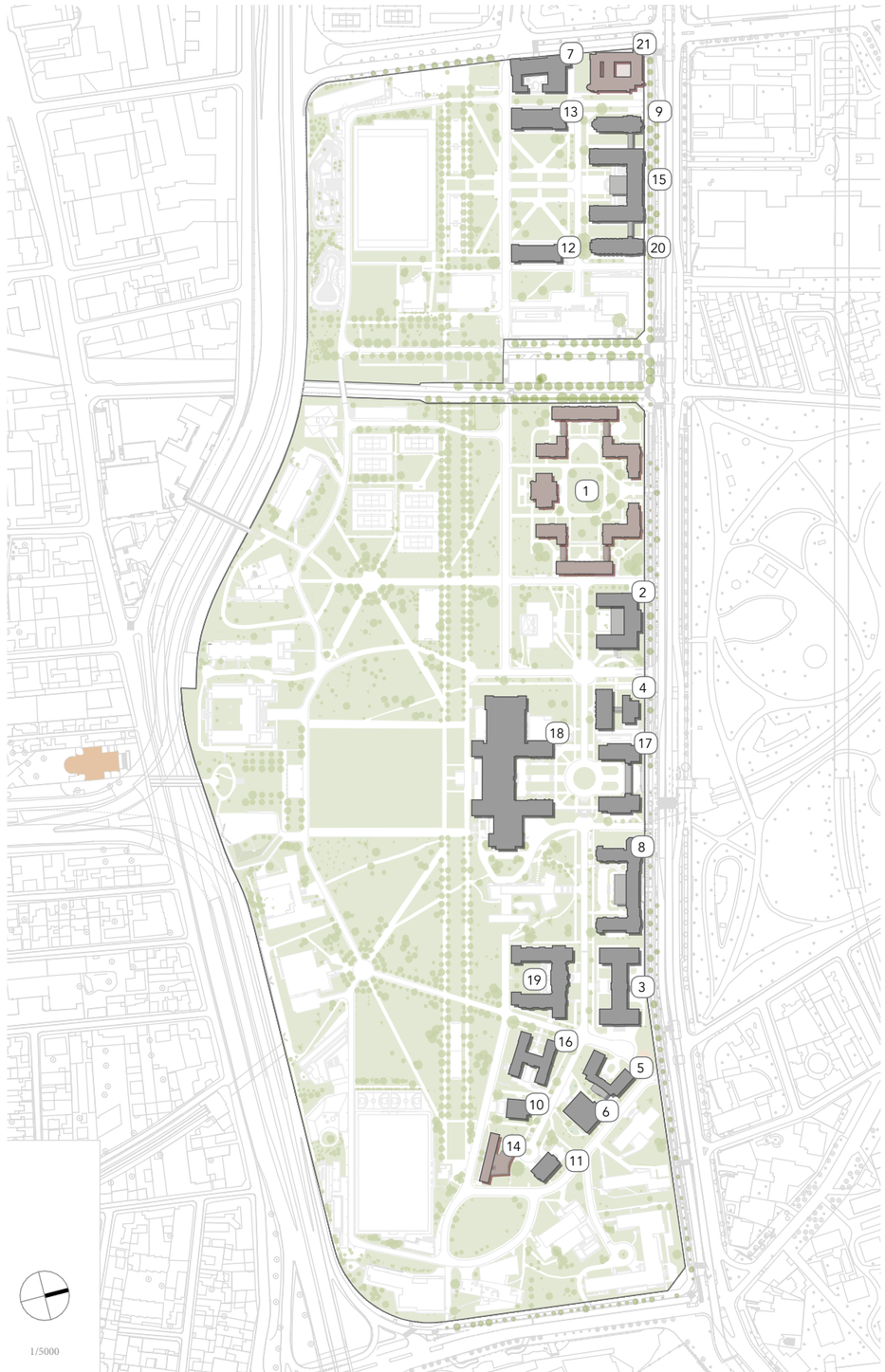
Dentro desta "cidade, é possível encontrar um patrimônio arquitetônico excepcional, caracterizado pela diversidade de estilos de referência nacional, modernista e contemporânea. Construídas entre 1925 e 2025 em três fases urbanísticas, as 44 residências[55] da *Cité* testemunham a diversidade arquitetônica do século XX. As residências construídas possuem várias formas e imagens no modelo das faculdades inglesas, como a Fundação *Deutsch de la Meurthe*. Alguns deles referem-se ao estilo dos seus países, tais como a *Maison du Japon* com a sua decoração subtil e refinada, refletindo a tradição arquitetônica japonesa, ou a Fundação *Biermans-Lapôtre* com a sua fachada de inspiração flamenga. Outros são obras de arquitetos famosos como Le Corbusier[56] (*Fondation Suisse* e a *Maison du Brésil*), Willem Marinus Dudok[57] (*Collège Neerlandais*) e Claude Parent[58] (*Fondation Avicenne*). A Arquitetura Contemporânea também está presente, na Residência *Julie-Victoire Daubié* desenhada pelo escritório Bruther[59], nomeada para o prêmio EUMiesAward2022[60]. Atenta ao futuro do seu patrimônio construído, a *Cité* tem vindo a realizar uma vasta campanha de reabilitação nos últimos 20 anos, o que permitiu renovar e adaptar um grande número de residências aos padrões atuais de conforto. A abordagem, apoiada por um vasto programa de patrocínio, visa alcançar a unidade do patrimônio e aumentar o seu valor, através de um desenvolvimento sustentável. O último plano urbano tem data de fim em 2025, que conclui a construção de novas residências e proteger o local da poluição sonora da cidade.

Para além das preocupações ambientais, terá a administração do *campus* demonstrado ao longo do tempo ou demonstra no presente, alguma preocupação com a sociabilidade do espaço dentro das comunidades residências que compõe a coletividade do *campus*?

---

54 Informação disponível em: https://www.ciup.fr. Consultado a 15 jan. 2021.
55 Ver cronologia da p.55.
56 Charles-Edouard Jeanneret-Gris (1887-1965), mais conhecido pelo pseudónimo de Le Corbusier, foi um arquiteto, urbanista, escultor e pintor de origem suíça e naturalizado francês.
57 Willem Marinus Dudok (1884-1974), foi um arquiteto modernista neerlandês.
58 Claude Parent (1923-2016) foi um arquiteto modernista francês.
59 Bruther é um escritório de Arquitetura, fundado por Stéphanie Bru e Alexandre Theriot em 2007.
60 O Prêmio de Arquitetura Contemporânea Mies van der Rohe é o mais importante galardão da arquitetura europeia outorgado pela Fundação Mies van der Rohe.

[20]



a génese

fase 1

A "Fase 1"[Texto 13] da Cidade Universitária começou com a *Fondation Deutsch de la Meurthe*[61], inaugurada em 1925. O seu arquiteto foi inspirado pelo conceito de "cidade jardim" inglesa para criar um grupo de pavilhões, influenciado pela habitação coletiva da classe operária idealizada no Falanstério (p. 24), exaltando a vida comunitária que constituiu o modelo urbano inicial da *Cité Internationale*. O campus desenvolveu-se com uma rapidez e superou todas as expectativas. Já em 1928, os seus líderes tinham de assegurar novos espaços abertos a fim de continuarem o seu trabalho sem receio de serem forçados a excluir em breve qualquer novo projeto de construção.

As restantes residências desta fase foram construídas ao longo da nova estrada que é agora a *Boulevard* da cintura interna que permitiu unificar o terreno e que este projeto de parque habitado ganhasse forma. Estas residências foram concebidas por arquitetos estrangeiros e franceses e a sua arquitetura sublinha o ecletismo arquitetônico do período entre guerras com a sua ornamentação deliberadamente ostensiva. Várias delas denunciam uma arquitetura regionalista que revive a arquitetura nacional do seu país de origem, enquanto outras denunciavam já ideias modernistas na sua concepção, como é o caso da *Fondation Suisse*[63] e do *Collège Néerlandais*[63]. A fase foi concluída após a Segunda Guerra Mundial. e a criação da estrada circular, que cortou dois hectares do lado sul da *Cité*.

[20] - Planta de implantação, fase 1, CIUP. Esc. 1/5000. Legenda disponível na cronologia da p.55.
Dados:
- 21 residências
- 2.400 estudantes
- mais de 52 nacionalidades

Texto [13] - *FASE 1, A GÉNESE*
"O período entre 1925 e 1938 foi uma época de gênese. Nascida de uma combinação de ideais pacifistas e preocupações materiais (crise de habitação estudantil), a Cité Universitaire tomou forma no local das antigas fortificações da Cidade de Paris. Desde o início, os princípios eram claros: a Cité seria um lugar para viver e ficar para jovens elites de todo o mundo que vinham estudar em Paris e, ao reuni-los diariamente, trabalharia para aproximar as nações. (...)
Em menos de 15 anos, 21 casas foram construídas na Cité e acolheram 2.400 estudantes, investigadores e artistas de alto nível representando mais de 52 nacionalidades. A utopia fundadora tornou-se realidade. Começa uma odisseia.
Mas a guerra vem e perturba a Cité."

Informação disponível em linha: https://www.ciup.fr

[21] Vista aérea da *Cité* em 1929.

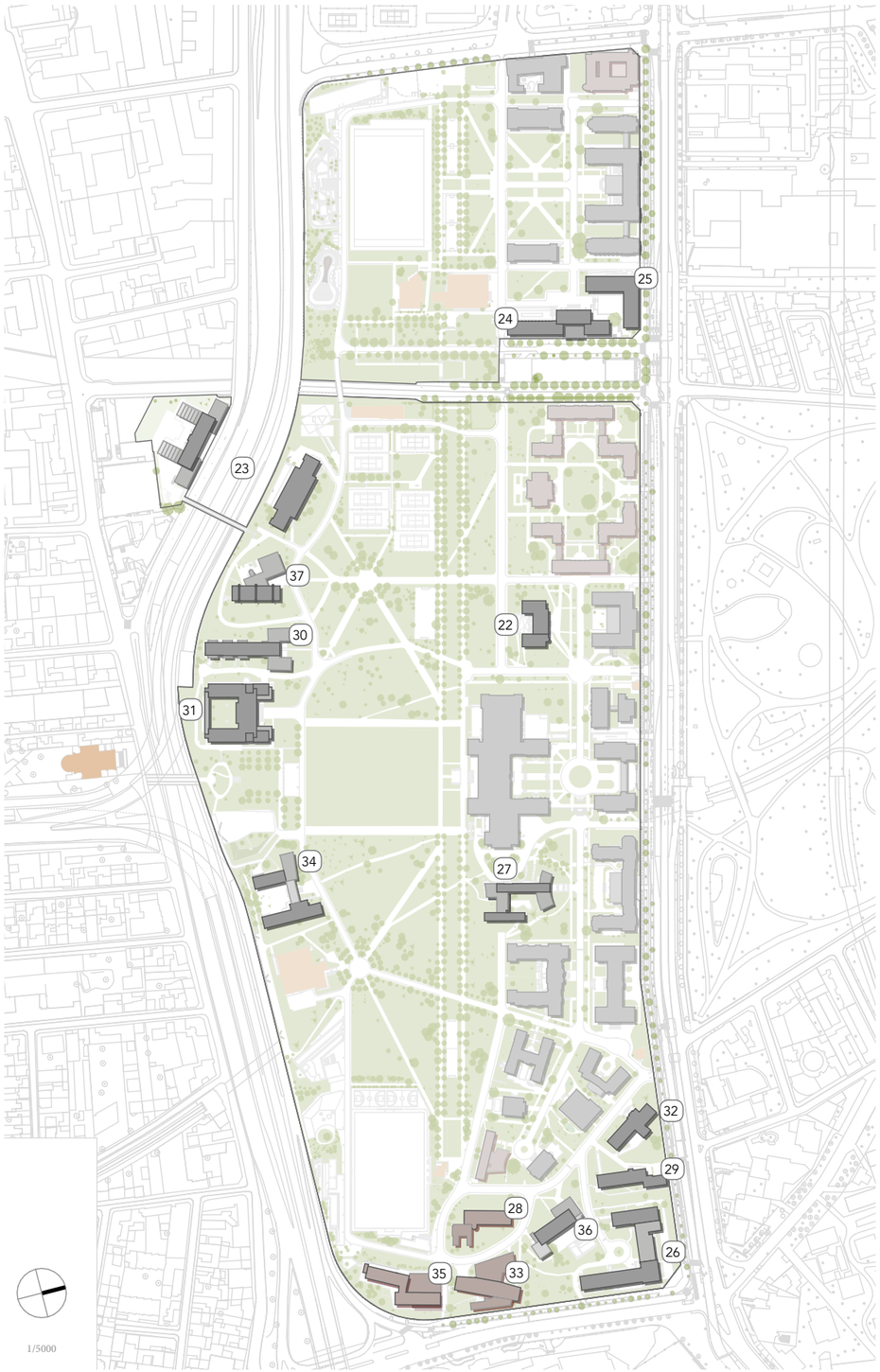


61 Inspirado nas cidades-jardim do início do século e nos colégios ingleses, como Oxford e Cambridge, adotou um estilo regionalista. Com base num plano perfeitamente simétrico, concebeu sete pavilhões articulados em torno de um espaço verde central. Seis deles foram reservados para alojamento de estudantes, sendo as estudantes do sexo feminino alojadas no pavilhão Pierre e Marie Curie até aos anos 70

62 Por Le Corbusier, 1933

63 Por Willen Marinus Dudok, 1938.

[22]



a expansão

fase 2

[21] - Planta de implantação, fase 2 - CIUP. Esc. 1/500. Legenda disponível na cronologia da p.55.

Dados:

- 37 residências (16 novas)
- 5.500 estudantes (3.100 novos)
- mais de 90 nacionalidades

Texto [14] - *FASE 2 - A EXPANSÃO*

"Após a gênese, a guerra. A cidade está ocupada e degradada. Mas os exércitos partem e a vida pode recomeçar. Chegou a hora da expansão. Entre 1952 e 1969, a cidade desenvolve-se, sempre em estreita ligação com a evolução do mundo e as suas relações de poder. Os jovens estados afirmaram-se e construíram as suas casas para se juntarem ao colégio das grandes potências mundiais: Tunísia, Líbano, Camboja, Irão, Brasil, Índia, e outros. Até a Alemanha e a Itália aderiram à Cidade nos anos 50, um sinal de aproximação após a recente guerra. Com as suas 16 casas novas, a Cité tem 5.500 camas, mais do dobro do número no final da década de 1930. A odisseia foi retomada. Mas a construção da estrada circular paralisa a expansão do local."

Informação disponível em linha: https://www.ciup.fr

Apesar do duro golpe da Segunda Guerra Mundial, os ideais pacifistas não perderam relevância. A segunda fase de desenvolvimento [Texto 14] foi marcada pela restauração do seu bem imobiliário. Assim, com 16 novas residências (11 nos anos 50 e 5 nos anos 60) o *campus* viu a sua capacidade aumentar para 5.500 camas, o dobro da capacidade alcançada no final da primeira fase. No final da década de 1950, a construção da estrada circular frustrou permanentemente as ambições de expansão da *Cité Universitaire*, privando-a de terreno para construção. Esta fase é também marcada pela internacionalização: enquanto o período entre 1925 e 1938 abriu a *Cité* às grandes potências "ocidentais" (Estados Unidos, Canadá, Bélgica, Países-Baixos, Grã-Bretanha, Espanha, etc.), o período entre 1952 e 1969 viu jovens estados, nascidos da descolonização ou guerras de independência, afirmarem a sua presença e influência na cena internacional através da construção de uma casa no *campus*. A Arquitetura Moderna e a Escola da *Bauhaus*[64], tiveram forte influência nesta fase. A forma volumétrica da residência que prevalece é o edifício em barra, ou barras com jogos volumétricos, com uma base que representa o piso térreo de recepção e zonas comuns de convívio - A *Maison de Norvège*[65], a *Maison du Brésil*[66] e a *Maison du Portugal*[67] são exemplo dessa mutação formal da residencial estudantil. A pesquisa espacial, cores, luzes, volume, ritmos, e mobiliário concebido por designers de renome, continuam o vocabulário destas residências estudantis "modernas".

[23] Vista aérea da *Cité* em 1960.



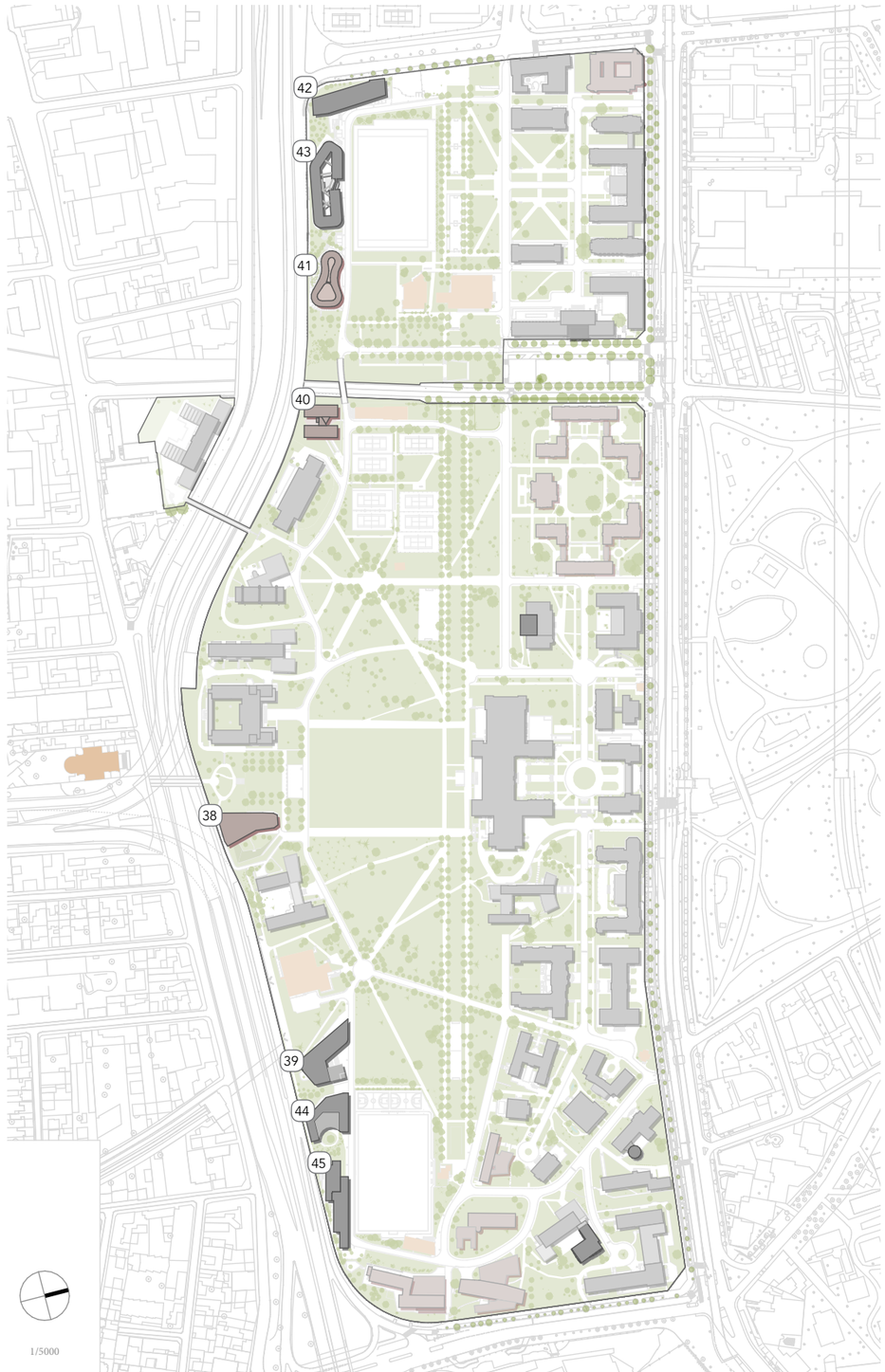
64 A Staatliches Bauhaus, commumente conhecida como Bauhaus, foi uma escola de arte vanguardista na Alemanha. A Bauhaus foi uma das maiores e mais importantes expressões do que é chamado Modernismo no design e na arquitetura, sendo a primeira escola de design do mundo

65 Por Reidar Winge Lund, 1954

66 Por Lúcio Costa e Le Corbusier, 1959

67 Por José Sommer-Ribeiro, 1967

[24]



o renascimento

fase 3

[22] - Planta de implantação, fase 3 - CIUP. Esc. 1/500. Legenda disponível na cronologia da p.55.

Dados:

- 45 residências (8 novas)
- 7300 estudantes (1.800 novos)
- média de 120 nacionalidades

Texto [15] - *FASE 3, O RENASCIMENTO*

"Após a expansão, a pausa. A Cité já não tem nenhum terreno livre para construir residências. (...) O desenvolvimento retoma com a troca de terrenos acordada em 2012 entre o Estado, a Cidade de Paris, a Chancelaria das Universidades e a Cité Internationale. Os parceiros acordaram então, em 2013, num novo plano de desenvolvimento do local, que permitirá a atualização e expansão do parque, bem como a construção de 8 novas casas até 2025. Três novos países, incluindo a Coreia, irão juntar-se à Cité. Mais 1.800 residentes serão alojados em casas construídas pelos principais arquitetos. Cidade das Nações e Cidade Jardim, a Cidade do Amanhã será renovada e remodelada para continuar a viver com os tempos, respeitando o seu modelo e valores originais. A cidade está a ser transformada, a odisseia continua com a Fase 3..."

Informação disponível em linha: https://www.ciup.fr

A "Fase 3" [Texto 15] teve início em 2014, mas desde 1998 o serviço administrativo do *campus* demonstrou empenho num ambicioso programa de renovação arquitetônica. Foram várias as residências que sofreram remodelações para adequar e contemporizar os espaços e a sua comodidade aos modos de habitar contemporâneos. Apenas em 2017 inaugura o primeiro edifício, , a *Maison de l'Île de France*[1]. A evolução e preservação do parque florestal de 34 hectares são componentes essenciais do terceiro plano urbano, assim como a renovação de várias instalações desportivas. O parque foi ampliado e densificado e a construção de uma ponte que liga o parque leste ao oeste proporciona, finalmente, continuidade direta entre as duas partes da *Cité Universitaire*, com maior conforto e segurança.

Até 2025, a CIUP tem uma forte ambição: tornar-se um campus de padrões internacionais, inovador e exemplar na vida estudantil, abertura à cidade e desenvolvimento sustentável. Assim, as preocupações de projeto das residências da Fase 3 focaram-se sobretudo na sustentabilidade do edifício *(Maison de l'Île de France)*[68], na reconquista do espírito de comunidade residencial *(Pavillon Habib Bourguiba)*[69] e na materialização de espaços de convívio que favoreçam o contacto e convívio entre os residentes *(Résidence Julie-Victoire Daubié)*[70]. Inovações construtivas e tecnologias do século XXI ajudaram estes projetos a respeitar as especificidades solicitadas.

[25] Vista aérea da *Cité*, 2022. Imagem retirada do Google Maps .



68 A Maison de l'Île-de-France, inaugurada em 2017, é a primeira residência construída em França a partir de energia e recuperação 100% solar. Reflete as fortes ambições da região de Île-de-France e da Cité Internationale em termos de desenvolvimento sustentável.

69 Pelo atelier Explorations Architecture, 2020

70 Pelo atelier Bruther, 2018

[26] Cronologia - Fases, ordem cronológica, identificação, ano de construção e ano de renovação (r.) ou amplificação (a.),

FASE 1 *(1925-1938)*	01		Fondation Deutsch de la Meurthe	1925	2005 (r.)
	02		Maison des Étudiants Canadiens	1926	1968 (a.)
	03		Fondation Biermans-Lapôtre	1927	-
	04		Maison de l'Argentine	1928	-
	05		Maison Internationale AgroParisTech (MINA)	1928	2009 (r.)
	06		Maison du Japon	1929	-
	07		Maison des Étudiants de l'Asie du Sud-Est	1930	1998 -2007 (r.)
	08		Fondation des États-Unis	1930	-
	09		Maison des Étudiants Arméniens	1930	-
	10		Maison des Étudiants Suédois	1931	-
	11		Fondation Danoise	1932	1983, 1989 (r.)
	12		Fondation Hellénique	1932	-
	13		Fondation Abreu de Grancher	1933	-
	14		Fondation Suisse	1933	1958 (r.)
	15		Maison des Provinces de France	1933	2003 (r.)
	16		Collège d'Espagne	1935	1987 (r.)
	17		Résidence André Honnorat	1936	-
	18		Résidence Robert Garric	1936	1976 (r.)
	19		Collège Franco-Britannique	1937	2001 (r.)
	20		Fondation de Monaco	1937	2002 (r.)
	21		Collège Néerlandais	1938	2010-2012 (r.)
FASE 2 *(1950-1969)*	22		Fondation Victor Lyon	1950	1999, 2018 (r.)
	23		Maison des Arts et Métiers	1950-61	2003, 2018 (r.)
	24		Résidence Lucien Paye	1951	2000 (r.)
	25		Maison de la Tunisie	1953	2006 (r.)
	26		Maison du Maroc	1953	1982, 2002-2008 (r.)
	27		Maison du Mexique	1953	2015 (r.)
	28		Maison de Norvège	1954	2010-11 (r.)
	29		Maison des Industries Agricoles et Agroalimen-	1956	-
	30		Maison Heinrich Heine	1956	-
	31		Maison du Cambodge	1957	2003 (r.)
	32		Maison de l'Italie	1958	1999, 2009,(r.) 2023 (a.)
	33		Maison du Brésil	1959	1999-2000 (r.)
	34		Maison du Liban	1963	-
	35		Maison du Portugal	1967	2007 (r.)
	36		Maison de l'Inde	1968	2005 (r.), 2013 (a.)
	37		Fondation Avicenne (ex Maison de l'Iran)	1969	em renovação
FASE 3 *(2014-2025)*	38		Maison de l'Île de France	2017	-
	39		Maison de la Corée	2018	-
	40		Résidence Julie-Victoire Daubié	2018	-
	41		Pavillon Habib Bourguiba	2020	-
	42		Maison des Étudiants de la Francophonie	2021	-
	43		Fondation de Chine	2022	-
	44		Maison d'Egypte	2023	-
	45		Residência por definir	sem data	-

a coletividade

II. a residência universitária

[27]



Vista da Casa do Estudante Sueca, da Fundação Dinamarquesa e da Fundação Suíça. Em primeiro plano, os estudantes relaxam no parque e à volta das casas. Fotografia de 1935.

Texto [16]

"É mais frequentemente composta por apartamentos sob o sistema de condomínios, muitas vezes confortáveis, e designa um tipo bastante ligado à classe média, que foi muito desenvolvido nos anos 60-1970. Pode estar rodeado por um jardim e equipado para atividades desportivas (tênis, piscina). (...) Isto pode explicar porque é que edifícios ou grupos de edifícios com um certo luxo ou conforto, e vegetação bem cuidada, são nomeados desta forma para melhor os diferenciar dos grupos de edifícios sociais, que são chamados grandes complexos, e que, segundo as representações mentais, são colocados sob o sinal da necessidade (...). Este termo designa também um tipo de habitação constituída por habitações autônomas e espaços comuns, muitas vezes ligados a pessoas idosas ou estudantes."

ELEB, Monique; "Les 101 mots de l'habitat. À l'usage de tous", Archibooks + Sautereau Éditeur, Paris. 2015.

A tipologia residencial - a **residência** - distingue-se por diferir da habitação social estando maioritariamente ligada à classe média, mas podendo assemelhar-se morfologicamente [ver cap. I, parte III]. Com a necessidade de demonstrar a sua diferença social, a residência fecha-se sob forma de condomínio privado, sem espaço público oferecido à cidade, ao contrário da habitação social que dialoga de forma pública com o espaço urbano. Deste modo, durante a segunda metade do séc.XX grande parte dos condomínios compostos por vários blocos habitacionais utilizaram esta denominação. [Texto 16] No presente, o termo "residência" aparece ligado aos modos de vida contemporâneos como uma habitação "secundária", muitas vezes associada a *"representações de lazer, de férias, e dos seus encontros amigáveis"*[71]. A sua localização é escolhida pelo seu *"clima, a sua geografia, o acesso a atividades de lazer particulares ou a paisagens preferidas"*[72]. Devido ao seu caráter de habitação secundária e efêmera, este termo passou a ser utilizado nos edifícios destinados a alojar estudantes universitários, onde a alternância dos seus residentes era recorrente. Na realidade, o alojamento de estudantes teve início no século XII em França, Inglaterra e Alemanha.[73] Antes de se chamar **residência universitária** [27]**,** ao longo dos séculos, vários termos foram utilizados para descrever estes ambientes de vida: albergue, hall, colégio, residências e dormitório são, talvez, os mais comuns. O termo "dormitório" simbolizou a habitação institucional que satisfez as necessidades dos estudantes em termos de alojamento acessível, confortável e seguro, e contribuiu de forma positiva para o desenvolvimento académico e pessoal. Esse termo, ainda usado por alguns, tem caído em desuso, talvez por simbolizar uma ideia antiquada de habitação institucional: um espaço onde os estudantes apenas dormem e guardam os seus pertences. No caso da *Cité Universitaire*, a partir da *Fase 1 [p.49]* as residências adotam maioritariamente o termo *maison* (casa). Outros termos também são utilizados com menor frequência, como *fondation* (fundação), *pavillon* (pavilhão), *collège* e *résidence* (residência). À partida, os termos utilizados no nome de cada residência permitiriam entender, historicamente, os estilos de vida emergentes dentro de cada residência universitária. No entanto, estes termos foram utilizados de forma indiferenciada sem relação aos modos de habitar ou a uma interpretação arquitetônica[74], tornando-se recorrentes dentro do *campus* - sem relevância para a investigação da dissertação. O importante é que, independentemente do seu nome, todas elas reconhecem-se e são reconhecidas atualmente como "residências" universitárias.

Foi nos anos após a Segunda Guerra Mundial *[Fase 2, p.51]* que as faculdades aumentaram drasticamente o seu parque habitacional estudantil em resposta ao aumento das matrículas e à disponibilidade de programas de empréstimos para construção subsidiados pelo governo.[75] Nessa altura, a prioridade era alojar economicamente o maior número possível de estudantes, de modo a estes edifícios funcionarem como alojamento principal para os estudantes. Na última década, contudo, surgiu uma *"nova raça"* de residências universitárias *[Fase 3, p.53]* que responde diretamente à crescente expectativa de estudantes e às suas necessidades, aos compromissos institucionais e às preocupações ambientais. As novas residências diferem substancialmente das suas antecessoras devido, em parte, aos seus sistemas ambientais avançados, eficiência energética, e maiores oportunidades para o controlo dos ocupantes. Além disso, muitas instituições têm sido incapazes de construir ou renovar as residências a um ritmo que satisfaça a procura de habitação contemporânea. Como resultado, os estudantes que frequentam a mesma instituição são alojados em ambientes de vida muito diferentes, que variam de residência para residência.

71 ELEB, Monique; "Les 101 mots de l'habitat. À l'usage de tous", Archibooks + Sautereau Éditeur, Paris. 2015. p.
72 Ibid., p.
73 Lucas, Christopher J. American Higher Education: A History. New York: St. Martin's Griffin, 1996. p. 65-67.

74 Os termos *maison, résidence, collège* são utilizados indiferentemente, de acordo com a vontade dos doadores/fundadores ou de acordo com a tradição do país, não tendo qualquer valor jurídico. O termo *pavillon* é utilizado apenas para o Pavilhão de Bourguiba, porque é o segundo pavilhão já existente da *Maison de la Tunisie*. O termo *fondation*, por outro lado, refere-se a uma Fundação reconhecida de utilidade pública (FRUP), uma organização de mecenato que pode receber financiamento de terceiros.
75 Winston, Roger B., and Scott Anchors. Student Housing and Residential Life: A Handbook for Professionals Committed to Student Development Goals. The Jossey-Bass higher and adult education series. San Francisco: Jossey- Bass, 1993. p.172-75

o programa

III. distribuição, dispositivos e usos

[28]



Fotografia do Hall do Collège Nerlandais, 1940. Distribuição em galerias em torno de um elemento central distributivo - o pátio - que ilumina o edifício. A sua qualificação tornou possível o uso do Hall para o convívio. Arquivo da CIUP.

Texto [17]

Um programa de arquitetura necessita de responder a regras ou leis impostas por uma identidade política reguladora, às necessidades da prática da função programática, à quantidade de pessoas para qual o espaço é destinado e às exigências do cliente Além destes requisitos, o programa deve também ser discutido relacionando o sujeito que vai habitar o espaço, adequando-o aos usos e modos de habitar que satisfaçam as suas necessidades.

No presente, o programa de uma residência universitária é composto pelos seguintes espaços: Hall de entrada (recepção); Acessos: vertical (escadarias, elevador); horizontal (corredores, galerias); Espaços de estar (cozinha, sala de estar, sala de jogos, sala de estudo; Sala polivalente; Espaços de serviço (casas de banho partilhadas, lavandaria); Quarto (com possibilidade de casa de banho privativa e kitchenette); Casa do diretor.

Texto de Autor

Anteriormente, concluiu-se que o **programa da residência universitária** *[Texto 17]* emergiu da evolução de diferentes tipologias da habitação coletiva *[cap.I, parte III]*. Este programa sofreu alterações ao longo dos anos que refletiram os modos de habitar e utilização do espaço de cada geração, enquanto comunidade ou coletividade residencial. Estudar os espaços da residência implica evocar os seus usos. **Distribuir** a residência universitária, é de facto dividi-la e organizá-la, tendo em conta os usos, os costumes e o estatuto do habitante.

O programa de caráter coletivo implicou, já na *Fase 1 [p.49]* da *Cité Universitaire*, o isolamento da vida privada dos residentes, através do uso do corredor que os distribui pelas suas respetivas habitações, separando a vida comunitária da vida privada. Inicialmente não muito representadas, as estudantes femininas foram separadas dos estudantes masculinos. Os dormitórios eram distribuídos através de três estratégias diferentes: por piso, por pavilhões isolados ou por alas separadas dentro do mesmo edifício, originando edifícios compactos. Estes dispositivos limitaram a vida comunitária dentro da residência porque apenas fomentava o encontro entre pessoas do mesmo sexo. Porém, a utilização de dispositivos estratégicos como o pátio interior/exterior ou planta em "U" ou "H" (de herança das utopias da habitação coletiva) reforçou o caráter comunitário na vida residencial na sua totalidade, originando espaços de estar comuns interiores e exteriores a todos os seus residentes.

Durante a *Fase 2 [p.51]*, a maior parte das residências ainda não representavam as estudantes femininas da mesma forma que os estudantes masculinos. Esta regra, aliada aos ideias modernistas e com influência da Escola da *Bauhaus*, levou frequentemente à ruptura volumétrica dos edifícios, diferenciando-se do programa compacto da Fase 1. Assim é evidenciada a ala feminina mais baixa ou mais curta que o edifício masculino, unificadas através de uma base representativa do programa comum (rés-do-chão) que completa o conjunto edificado. A comunidade residencial é afetada através da divisão de sexos, mas também pela banalização do edifício em barra que invoca corredores que não mereceram a devida qualificação espacial. Assim, o seu programa conquista maior número de habitações distribuídas com maior complexidade de circulação do que na Fase 1. Isso reflete-se na perda de qualificação do espaço comum presentes em todos os pisos, com exceção do rés-do-chão que ganha protagonismo.

Foi apenas em 1968[76] que a mulher conquistou o mesmo lugar que o homem na vida residencial universitária, permitindo mutação na distribuição programática das residências da *Fase 3 [p.53]* da *Cité*. É evidente a aderência dos novos projetos residenciais em retornar ao espírito comunitário da vida residencial que se perdera durante a Fase 2. Aliado a essa necessidade e sem qualquer tipo de preocupação no que tocava à separação de gêneros, a volumetria da residência reaparece compacta. Assim, o pátio ou o grande espaço central que organiza a vida privada dos residentes e os confronta numa vida comunitária, é utilizado de formas diferentes, readaptado de projeto para projeto ou até mesmo desenvolvidos novos tipos de espaços que melhor respondessem à diversidade dos perfis dos seus residentes.

A evolução do programa da residência universitária irá ser abordada através de nove residências construídas na *Cité Universitaire de Paris*, duas de cada fase urbanística *[ver cronologia p.55]*. Com quase 100 anos de mutação programática exposta, organizar-se-ão pelos seguintes temas: o espaço de entrada e recepção, a circulação, os espaços de estar e o espaço privado. Esta lógica segue um percurso de intimidade crescente, desde o exterior da residência, passando pelo programa comum e terminando mo interior do quarto do residente, finalizando o discurso através da evolução da preservação da sua intimidade, um fator de extrema importância para a sociabilização *[cap.I, parte I e II]*.

76 Maio de 1968 foi um movimento político na França que, marcado por greves gerais e ocupações estudantis, tornou-se ícone de uma época onde a renovação dos valores veio acompanhada pela proeminente força de uma cultura jovem No dia 2 de maio de 1968, estudantes franceses da Universidade de Nanterre fizeram um protesto contra a divisão dos dormitórios entre homens e mulheres. Na verdade, esse simples motivo vinha arraigado de uma nova geração que reivindicava o fim de posturas conservadoras. Aproveitando do incidente, outros universitários franceses e grupos político partidários resolveram engrossar fileiras dos protestos contra os problemas vividos na França.

[29]



Fundação Deutch de la Meurthe, 1925. Composta por vários edifícios, a entrada diferente. O acesso é sempre feito através de um patamar com escadas.

[30]



Fondation Suisse, 1933. Através do grande gesto de vencer o vão, dá-se o momento de transição entre o espaço exterior do pavilhão e a zona de recepção, no rés-do-chão .

[31]



Collège Néerlandais, 1938. O jogo de planos possibilitou cobrir e escurecer a entrada e o "poço de luz" no interior ganha mais impacto e protagonismo no movimento de entrada.

[32]



Maison de Norvège, 1954. A pérgola denuncia o nome da residência e protege os estudantes em dias de chuva. Esta cobertura recebe o paravento de transição para o interior.

[33]



Résidence J.V. Daubié, 2018. O programa público do hall é enterrado num piso abaixo do rés-do-chão. Os pisos 1 e -1 ganham privacidade, enquanto o piso 0 participa no parque.

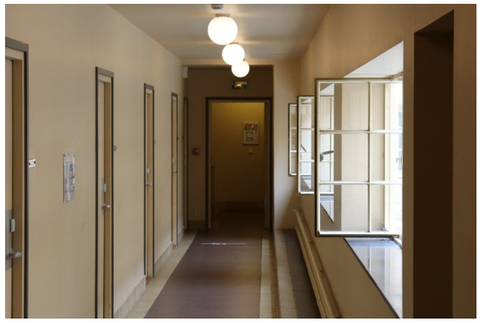
o espaço de entrada e recepção

Como já era de esperar, o espaço de recepção das residências universitárias está localizado no rés-do-chão. Foram várias as estratégias que os arquitetos adotaram para conseguir qualificar e pronunciar o momento de entrada nos edifícios. Na *Fase 1*, é possível reconhecer diferentes formas de entrar no edifício. A entrada pode localizar-se no **eixo de simetria** do edifício, através de uma **escadaria** que gera um gesto de **movimento de ascensão** no espaço. Esta estratégia permite garantir a privacidade ao piso do rés-do-chão que em alguns casos *[29 - Deutsch de la Meurthe]*, também era ocupado com programa privado - os quartos. Segundo a lógica de cidade jardim, esta residência apresenta um maior contacto com a natureza no momento de entrada, dividindo-se em vários edifícios interligados *loggias* e jardins. Em outros casos, é possível assistir a um movimento de entrada num **pátio coberto** *[30 - Fondation Suisse]*, conseguido através do "vencimento do vão" característico do Movimento Moderno e dos *Cinco pontos da nova arquitetura* (1926) por Le Corbusier. Aqui, o rés-do-chão é de caráter programático público com espaços de recepção, administração e convívio que se abrem para este pátio que serviu de varanda sobre os antigos campos da periferia de Paris. Também numa lógica de um momento de entrada resguardada e coberta, as **palas** foram utilizadas para transitar do exterior para o interior como é o caso do *[31 - Collège Neerlandais]*. Além do movimento de ascensão através da escadaria, o arquiteto criou **planos horizontais e verticais** que não se tocam e controlam a luz no momento de entrada. Nesta fase, dominava o movimento horizontal no espaço e os espaços refletiam a função do programa.

Uma estratégia volumétrica define a entrada do edifício na Fase 2, através do piso-base onde o edifício pousa *[Maison du Portugal]*. Algumas obrigam ao movimento de entrada simbolizado através do **percurso ao redor do edifício** *[Maison du Brésil]*. Outras, em vez de permitir a entrada pela base do edifício, utiliza-se a **pérgola ou toldo exterior** *[32] - Maison de Norvège]* que encaminha ao **paravento** e permite marcar a entrada do edifício no exterior e transitar para o seu interior.

A fase de remodelações pós anos 2000 também afetou a entrada em algumas residências. O exemplo do novo hall de entrada que marca a entrada da *Maison du Portugal [p.95]* alterou o movimento do corpo no espaço que agora ascende numa escada a tiro até ao paravento do hall. A exploração estratégica do momento de entrada continua na *Fase 3*. Pela primeira vez, o **movimento de descensão** do corpo no espaço *[33 - Résidence Julie Victoire Daubié]* é utilizado. Este gesto privatiza a zona de entrada através de uma rampa que desce até ao nível de entrada e, ao mesmo tempo oferece ao sujeito a sensação de mergulho para entrar na residência, colocando o espaço em maior contato com a natureza. Alguns gestos de entrada da fase 2 são adaptados: O *Pavillon Habib Bourguiba*, por exemplo, utiliza o dispositivo de entrada coberta da Fase 2 e adapta-o, escavando "massa" ao edifício que cria a marcação da entrada, coberta e protegida de condições climatéricas. Ainda, a *Maison d'Île de France* adapta o movimento de entrada do percurso em redor do edifício, colocando a sua entrada no lado do edifício que lhe faz conquistar maior privacidade.

[34]



Collège Néerlandais, 1938. O grande pátio central permite um sistema de corredores/galerias qualificadas com luz natural que separam e protegem a vida individual de cada residente.

[35]



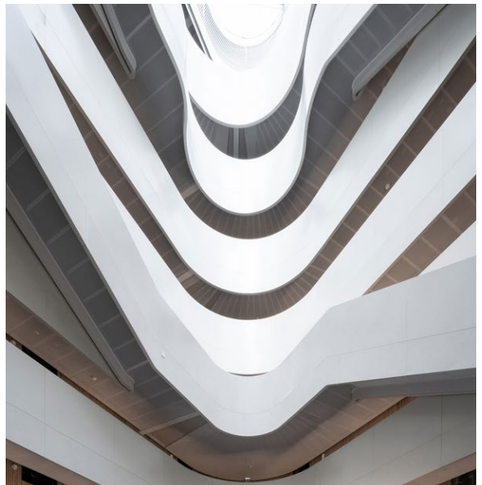
M. de Norvège, 1954. O corredor interior distribui os quartos para a esquerda e direita e é rematado na mesma varanda que prolonga o espaço interior da cozinha para o exterior.

[36] Maison de l'Île de France, 2017.



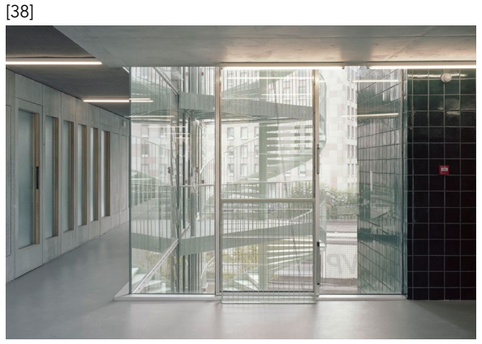
M. de l'Île de France, 2017. O projeto girou em torno ao ideal 100% sustentável, desviando o foco na exploração dos modos de habitar. Assim, a circulação não apresenta luz natural.

[37]



Pavillon Habib Bourguiba, 2020. O grande espaço central de estratégia comunitária distribui a vida privada ao seu redor através de corredores qualificados como galerias interiores.

[38]



Résidence J.V. Daubié, 2018. O corredor/galeria estende o seu espaço visualmente para qualquer outro piso da residencia, reforçando o carater comunitário.

a circulação

A circulação de uma residência é importante porque ela organiza a vida dentro do edifício, e conduz, distribui, localiza e separa ou unifica os seus residentes. A invenção do **corredor**[31] permitiu a separação da vida pública e a vida privada e banalizou-se na habitação coletiva. No caso da residência, o corredor dividiu o programa do edifício em partes (privado/público e dia/noite) que comprometem os usos dos espaços. Este dispositivo foi utilizado de formas distintas ao longo dos 100 anos da *Cité*.

Apesar das residências da *Fase 1* possuírem uma volumetria simples e compacta, apresentam na maioria dos casos sistemas de distribuição interiores complexos, como corredores que variam de estreitos para largos, com várias quebras ao longo do edifício. É comum o corredor aumentar de tamanho na **interseção com os acesso verticais** secundários do edifício e ganha um hall quando interseta a **escadaria principal**. Estas, são qualificadas de forma diferente e, por vezes, é possível reconhecer o corredor como uma **galeria,** devido à atenção que os Arquitetos tiveram na sua qualificação, dimensão e posicionamento por vezes na fachada - um corredor ou compartimento sobre o comprido, geralmente com janelas ou cobertura envidraçada. Durante a *Fase 2*, o corredor é utilizado de forma mais intuitiva, com menor complexidade. Localiza-se no interior do edifício, distribuindo os quartos dos residentes para a direita ou para a esquerda, de modo a tirar proveito da fachada para o maior número de quartos possível. A interseção dos corredores com os acessos verticais também foi simplificada e a "monumentalidade" que definia o hall de interseção com a escadaria principal desapareceu. Assim, é possível deduzir que os arquitetos da Fase 2 negligenciaram a qualificação do espaço onde a circulação horizontal se funde com a circulação vertical. Na Fase 3, a diminuição da área de circulação é clara devido à volumetria compacta dos edifícios. Em vez de seguir uma estratégia de **distribuição longitudinal** modernista da *Fase 2* - edifício em barra -, o programa é distribuído ao redor de um **espaço central que** unifica a residência, como espécie de um grande hall central rodeado de galerias que reaparecem no programa residencial. Assim, a evolução desta estratégia de espaço comunitário centralizado pode ser pensada de formas diferentes: alguns projetos com grandes espaços centrais favorecem a vida comunitária *[37 - Fase 3]*, enquanto através da mesma estratégia, outros mostram uma separação clara entre as partes públicas e privadas da habitação com desejo de proteger a vida individual de cada residente *[34 - Fase 1]*.

Quando comparados os exemplos à esquerda [34, 35, 36, 37, 38], é possível concluir que para além de dispositivo que distribui a vida íntima de cada residente ao longo da residência, o corredor é também um espaço de encontro que deve ser qualificado. É nele onde as portas da intimidade de cada residente se abrem e fecham, permitindo infiltrar o olhar dos outros dentro do seu mundo íntimo. É também neste dispositivo que, por vezes, os residentes circulam de pijama para ir cozinhar e revelam intimidade de si aos outros. A obrigatoriedade da partilha de intimidade funde-se entre residentes desconhecidos e colapsa as suas esferas do mundo público e privado. Assim, este acontecimento quebra barreiras entre desconhecidos e poderá induzir a amizades entre os residentes.

[39]



Fondation Deutsch de la Meurthe, 1925. O refeitório/café fazia parte do programa da residência durante a Fase 1, sendo o ponto de encontro mais favorável ao convívio.

[40]



Maison du Portugal, renovação 2007. A sala é qualificada com um grande pano de vidro que abre o expaço interior para o exterior.

[41]



Fondation Suisse, 1933. A sala é qualificada através da cor, materialidade e da sua relação com o espaço exterior, que permite iluminação natural.

[42]



Maison de Norvège, renovação 2010. O hall transforma-se em sala de convívio, qualificada com um grande pano de vidro que abre o espaço interior para o exterior.

[43]



Fondation Suisse, 1933. Com a mesa de pingpong, o hall transforma-se em espaço de convívio. Os acessos verticais estão à vista e participam na qualificação do espaço.

[44]



M. de l'Île de France, 2017. Passado 80 anos em relação à F. Suisse, o espaço coletivo do hall de entrada continua a permitir convívio, com bancos, *pingpong* e matraquilhos.

os espaços de estar

Ao longo dos anos, os espaços de convívio tiveram o objetivo de materializar o ideal pacifista da *Cité Internationale* e reforçar a riqueza dos espaços coletivos dentro das residências, lugares de convívio e de diálogo intercultural. Assim, o espaço de entrada da residência - o **hall ou lobby** - teve importância em todas as fases urbanísticas da *Cité*, qualificado com estratégias diferentes umas das outras [43, 44]. O mesmo princípio fundador tornou o **salão, sala de festas ou auditório**, o local de reunião por excelência, no centro do sistema das residências da Fase 1 localizado no piso de entrada. O salão resistiu durante a Fase 2, mas perdeu a sua importância como espaço de convívio de uma residência. Em alguns edifícios da segunda fase, o salão foi substituído pelo **auditório,** como é o caso da *Maison du Brésil*. Assim, o este espaço tornou-se num local prestigioso para eventos culturais abertos ao público exterior, tendo sido substituído na Fase 3 pela **sala polivalente**. Porém, a renovação ou criação deste espaço não passa de uma vitrina cultural para o público externo e apagada para a vida comunitária da residência universitária pela impossibilidade da utilização deste espaço agora destinado a eventos abertos ao público.

A **sala de estar,** por vezes misturada com a **sala de TV**, foi o principal espaço de convívio da residência universitária durante a Fase 1 e 2. Este espaço localiza-se no piso térreo [41] ou no piso -1, algumas sem luz natural e outras iluminadas com janelas elevadas [42]. Na Fase 3, a sala perde protagonismo devido à importância comunitária que tornou a cozinha o principal espaço de estar da residência universitária.

Nas fases anteriores, a **cozinha** não teve grande valor, devido à existência de **refeitório/cafetaria** no programa residencial [39]. É o caso da *Fondation Deutsch de la Meuthe*, em que a cozinha se limitava a ser um espaço pequeno e funcional que impossibilita o convívio. Na Fase 2, o refeitório deixa de existir no programa e em algumas residências a cozinha aumenta de tamanho porque é reconhecida como um espaço que pode também ser destinado ao convívio. A cozinha é distribuída verticalmente na residência (uma por piso), o que divide a residência em pequenas comunidades distribuídas verticalmente, por piso, como é o caso da *Maison du Portugal [40].* A partir dos anos 2000, o período de remodelações da *Cité*, a cozinha ganha protagonismo e passa a ser o elemento que reúne a maioria dos residentes. É possível assistir à remodelação das pequenas cozinhas nas residências universitárias: a função programática alia-se aos novos usos do espaço e à cozinha junta-se a sala de comer, derrubando paredes de modo a ampliar o espaço e aumentar a profundidade, expressando a ideia de convívio comunitário em redor de uma grande mesa [40]. Se durante a Fase 2, a cozinha é distribuída por pisos, a Fase 3 tenta recuperar o espírito comunitário que se foi perdendo ao longo dos anos nos modos de habitar da residência, e passou a utilizar uma cozinha comunitária no programa, localizada no piso térreo *[p.103]*. Posteriormente, o refeitório volta a aparecer na residência mas em forma de **restaurante** ou **café**, devido às novas políticas administrativas do *campus* que ambicionam uma conexão diurna da *Cité Universitaire* à cidade. Assim nasceu o restaurante da *Maison de la Corée*. Serviços ao público, como ginásio, desportos, lojas e museu de exposições foram também abertos ao público externo.

[45]



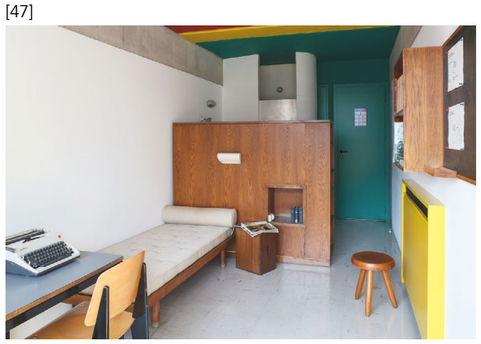
Fondation Deutsch de la Meurthe, 1925. Desde a primeira fase, o quarto do residente é capaz de isolar, confortar e ser útil no desenvolvimento acadêmico do estudante.

[46]



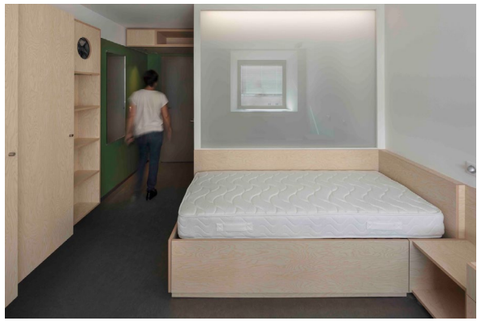
Collège Neerlandais, 1938. Durante a Fase 1 e em alguns casos durante a Fase 2, a privacidade do residente era partilhada com um colega de quarto, em quartos duplos.

[47]



Maison du Brésil, 1959. A cor é utilizada para qualificar o espaço do quarto. Casa de banho privativa durante a Fase 2 era um privilégio, quase inexistente em todas as residências.

[48]



Maison d'Île de France, 2017. A casa de banho privativa ganha qualidade espacial, através da luz natural que entra pela janela fixa com vidro baço.

[49]



Résidence J.V. Daubié, 2018. Exemplo de apartamento T1, uma tipologia que renasce no programa residencial da Fase 3. Note-se a relação do espaço com a paisagem/natureza.

o espaço privado

O **quarto** é o lugar íntimo dos residentes, que devem ser capazes de se isolar enquanto beneficiam do conforto necessário para o seu desenvolvimento pessoal. Esta característica define o quarto da residência universitária já a partir da 1ª Fase [45] e perdura nos projetos da Fase 3 [48]. Assim, para além de dormitório *[pág.57]* como espaço para dormir e guardar pertences, o quarto permitiu ao longo do tempo usos diversos como estudar, comer, higiene e até mesmo conviver. Foi qualificado e equipado de modo a satisfazer um nível excepcional de conforto e se adaptar aos novos estilos de vida que define a atual população nómada (móvel).

Durante a Fase 1 e 2 é possível assistir a diferentes tipologias de espaço privado: o **quarto individual**, o **quarto duplo** [46] e o **apartamento do diretor** que devido à sua função administrativa, foi-lhe concebido um espaço no programa da residência. Os quartos permitiam praticar um higiene básica, estudar, guardar pertences e dormir. [45] Sem quarto de banho privativo, existiam balneários masculinos e femininos que eram partilhados pelos residentes. Apenas na segunda fase, uma quantidade mínima de residências inseriu o quarto de banho dentro do quarto [47]. A partir dos anos 2000, a *Cité Internationale* decidiu integrar as instalações sanitárias nos quartos, cumprindo os requisitos de higiene contemporâneos e remodelar quartos para os transformar em **tipologias T1, T2 e de estúdio.** Os **estúdios e apartamentos T1, T2, duplex e até triplex** [49] reaparecem em menor percentagem dentro do volume compacto que marca a Fase 3 da *Cité*, destinados a estudantes, investigadores, músicos e as suas respetivas famílias.

Assim, é possível concluir que o espaço privado evoluiu de acordo com a evolução dos limites que definem as esferas de intimidade e privacidade do residente ao longo dos 100 anos: os sistemas complexos de circulação tornaram-se simples e compactos, qualificados com transparência de modo a desmaterializar a divisão pública/privada que o corredor tradicional causava, assim como a privacidade na transição para os quartos dos residentes. Na nova Fase da *Cité,* a exposição da privacidade de cada residente participa na vida comunitária da residência, em vez da sua exclusão: a porta do quarto, aberta ou fechada, é visível a todos. Num efeito contrário, se dantes era normal os residentes partilharem a sua intimidade através de quartos duplos ou de balneários partilhados, agora essa intimidade tornou-se privada, com preferência quase unânime pelo quarto individual e com quarto de banho privativo. Essas exigências no modo de habitar denunciam que a esfera limitadora da intimidade de cada residente não se está mais a materializar a circulação e o quarto, mas sim o programa destinado ao higiene pessoal. O exemplo do futuro quarto da *Maison de la Chine,* com construção prevista em 2023, reforça a conclusão: o programa readaptou o quarto da Fase 3, de modo à secretária ser móvel, permitindo a ocupação de até 5 pessoas em redor da mesa. Isto transforma o quarto num espaço de convívio onde o residente tem a possibilidade de convidar pessoas para o seu espaço privado para estudar, comer ou conviver. As novas mentalidades estão a transformar o programa residencial e a flexibilidade e adaptabilidade espacial denunciam a mutação dessas mentalidades.

[Cronologia 2]

- fases da *Cité Universitaire de Paris;*
- residências escolhidas e **residências-chave** selecionadas;
- acontecimentos históricos;
- edifícios

GLOBALIZAÇÃO

TERCEIRA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Revolução Técnico-científica, iniciada em meados do século XX.

QUARTA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

1919-32 _ Muralha de Thiers - demolição
1922_ Immeuble-Villas
1925 _ Fondation Deutch de la Meurthe
1928 _ Pavilhão de Barcelona
1929_ Siedlung Siemensstadt
1933 _ Fondation Suisse
1938 _ Collège Néerlandais
1939-45 _ 2ª Guerra Mundial
1952 _ Primeiro voo comercial
1952 _ Unidade de Habitação de MarseLha
1954 _ Maison de Norvège
1959 _ Maison du Brésil
1967 _ Maison du Portugal
1968 _ Manifestações da posição da mulher no mundo estudantil
1977_ Bairro da Bouça
1980 _ Era da informação digital
2017 _ "Mies Missing Materiality"
2017 _ Maison de l'Île de France
2018 _ Résidence Julie-Victoire Daubié
2020 _ Pavillon Habib Bourguiba

1925 | 1950 | 1975 | 2000 | 2025

*FASE 1 - **A GÉNESE***
1925-38

*FASE 2 - **A EXPANSÃO***
1952-69

*FASE 3 - **O RENASCIMENTO***
2014-25



Fotografia (1929) das más condições da habitação dos operários, na periferia de Paris, junto da CIUP.

"MODOS DE HABITAR"

Pós 1ª guerra - com a necessidade de reconstrução, a habitação coletiva tornou-se o tema do movimento moderno, junto da revisão dos Modos de Habitar, através da criação da habitação social e leis da habitação.

a problemática

IV. a comunidade posta em causa

Texto [18]

"Estudantes e investigadores partilham a sua vida diária com outros jovens de todo o mundo. Em cada residência, a mistura de nacionalidades torna possível dar vida ao ideal da cidade internacional. Entre 16 e 62 países estão representados em cada casa (a taxa média de mistura é de 37% em 2019). A diversidade promovida pelo campus está também ligada à diversidade dos cursos organizados. Estudantes, doutorandos e jovens investigadores prosseguem os seus estudos ou trabalham em todas as disciplinas: ciência, medicina, negócios, ciências humanas e sociais, disciplinas artísticas, etc."

Informação disponível no Relatório Anual de 2019: https://www.ciup.fr/wp-content/uploads/2020/09/CIUP-RA2019_BD.pdf*A*

Texto [19]

"A admissão é concedida para a Cité Internationale Universitaire de Paris como um todo. Como resultado, e a fim de encorajar a "mistura" entre residências, a um candidato admitido pode ser oferecido um alojamento noutra casa."

"Artigo 5: Mistura", disponível online: https://www.ciup.fr/userfiles/Reglementparticulier-CICS.pdf

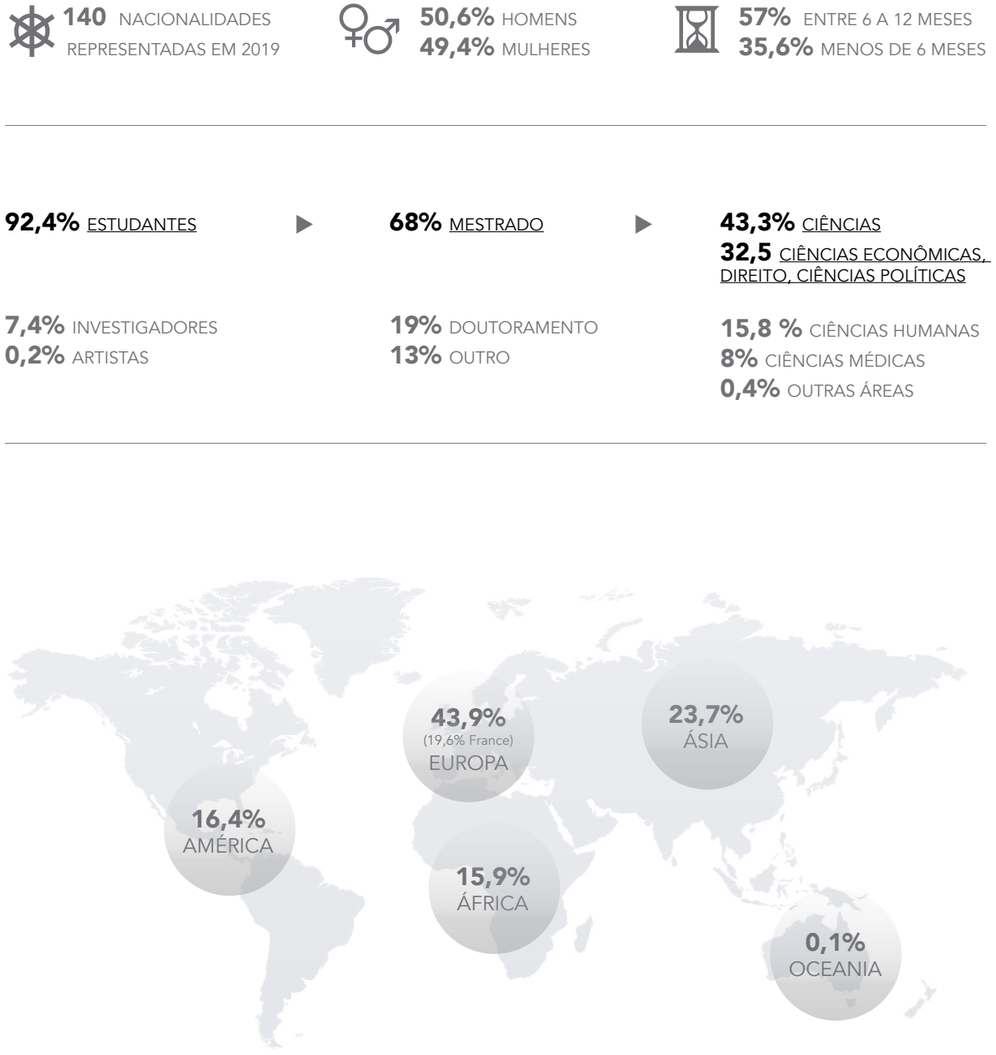
A *Cité Internationale Universitaire de Paris* é uma entidade privada com limites materializados na cerca que delineia o terreno do campus. Devido ao seu caráter de parque público, é também reconhecida como utilidade pública, com vários portões de entrada que abrem o parque à cidade de Paris durante o dia, assim como alguns dos seus espaços e serviços. Estes muros com portas abertas delimitam o campo público/privado da cidade universitária. É através desse limite físico que, à partida, se consegue distinguir a sua comunidade, composta por estudantes, investigadores e artistas. Desde 1925, a CIUP enfrenta o problema da globalização e do choque multicultural *[Texto 18]* que poderão ser a causa da crise comunitária que identificou dentro da *Cité [Texto 1, p.8]*. Atualmente, o setor administrativo tenta fortalecer o espírito de comunidade através de espaços físicos e virtuais[77] na vida do campus, continuando a assumir que o campus é uma "comunidade estudantil", talvez pela sua lógica de entidade privada com limites físicos claros. **Quem compõe essa comunidade?** [50]

A CIUP dedica-se a acolher estudantes, investigadores, desportistas e artistas em mobilidade, de todo o mundo. Todos os anos, acolhe cerca de 12.000 residentes de 140 nacionalidades nas 44 casas criadas por iniciativa de um país (25 residências), de uma escola ou de um filantropo. A maioria dos residentes permanece no local durante pelo menos 9 meses. Dada a natureza semestral dos cursos universitários, cerca de 1.000 residentes são acolhidos durante 3 a 6 meses. Dentro de cada "casa", a "mistura" de nacionalidades e disciplinas encoraja o intercâmbio e encontros *[Texto 19]*. Esta política obriga que 30% a 50% dos residentes de uma residência sejam pessoas de outras nacionalidades, permitindo que cada residência possa acolher, em média, 20 a 60 nacionalidades diferentes[78] - um habitar coletivo num contexto multicultural, que está presente no *campus* desde o seu início, permitindo o intercâmbio e promovendo a tolerância. É complexo estudar os modos de habitar dentro da residência universitária devido aos conflitos culturais que se ge-

77 A oferta de atividades desportivas e de clubes variados foca em diferentes interesses que ajudam a *Cité* a fortalecer o seu espírito comunitário, de acordo com a nova definição atual da palavra "comunidade".

78 Sébastien BUREAU, Guilherme MARINHO de Miranda et Lionel ROSSINI, « La Cité Universitaire Internationale de Paris », EchoGéo [em linha], 5 | 2008, consultado a 11 setembro 2021. URL : http://journals.openedition.org/echogeo/4493 ; DOI : https://doi.org/10.4000/echogeo.4493

12000 residentes, 140 nacionalidade, 44 residência



[50] Fonte: *"Relatório Anual de 2019"*, publicado pela Cité Internationale Universitaire de Paris (CIUP).
Quem são os residentes que compõem esta "comunidade"? Conclui-se que o "perfil típico" de um residente da CIUP é um estudante estrangeiro inscrito num curso de ensino superior, sendo maioritariamente europeus.

ram quando culturas diferentes cohabitam de forma coletiva. A Arquitetura, na tentativa de resolver esta incerteza global, apresentou hipóteses, teorias e utopias como resposta à complexidade do problema. Porém, a escassez de conhecimento do Arquiteto em relação aos conflitos multiculturais poderá ter dado origem a espaços descontextualizados com a problemática atual, à escala micro da residência universitária e macro da *Cité Universitaire*. **Como atingiu a *Cité* uma crise comunitária, refletida no espaço?**

Os arquitetos sempre se esforçaram por criar um sentido de comunidade. A palavra "comunidade" já esteve antes relacionada com limites geográficos, sendo definida pela geografia. Antigamente uma comunidade era um conjunto de pessoas que partilhassem um bairro, uma cidade ou um lugar de culto. Hoje, este conceito transborda os seus limites anteriores e é definido pela partilha de interesses, convicções políticas, sexualidade, religião e origens étnicas, em vez da mera proximidade física.[79] *[ver capítulo I, parte III].* O cenário de austeridade e gentrificação do século XXI em várias cidades, não representa uma tarefa fácil para os arquitetos em restaurar um sentido de lugar e continuidade à noção de comunidade, ao mesmo tempo que se assegura que essa noção atravessa linhas divisórias de geração, classe, raça, e gênero - promovendo a pertença sem exclusão. Apresentado o desafio dos Arquitetos e Urbanistas, *"como se podem desenhar lugares e edifícios em que as comunidades possam florescer quando a própria noção de comunidade é tão incerta/inconsistente, e a ideia de pertença se tornou independente da ideia de espaço?"*[80] - é então possível identificar uma crise espacial comunitária. **Como reagiu o espaço da residência universitária a esta crise causada pelo contexto multicultural que afeta a *Cité Universitaire*?**

No subcapítulo anterior foi estudada a evolução do programa da residência durante os 100 anos da CIUP, através da sua distribuição, dispositivos e usos. Foi possível concluir que o espírito comunitário existiu durante a Fase 1 e desapareceu durante a Fase 2, acompanhando os modos de habitar da habitação que, desde o Movimento Moderno, deixou de ser comunitária e passou a ser coletiva. *[parte III do capítulo I].* No entanto, os atuais projetos de habitação coletiva e as novas residências da Fase 3 denunciam a importância dada aos espaços de convívio e à sua distribuição estratégica com dispositivos utilizados, que levam a crer na necessidade por parte da Arquitetura em voltar a atribuir o caráter comunitário à habitação coletiva e, por consequência, à residência universitária. Isto levou os arquitetos responsáveis pelas residências da Fase 3 a optar por uma distribuição e dispositivos de caráter comunitário *[previamente identificados na parte III do capítulo I].* Deste modo, o contacto com o outro voltou a ter importância no desenho do projeto, denunciando uma das característica inatas do ser humano: um ser sociável com necessidade de contacto com os outros *[parte I e II do cap. I].* A crença de que as novas residências da *Cité*

79 KINFOLK & NORM Architects; "The Touch. Spaces Designed for the Senses", "On Community", Gestalten, Berlim, 2019. p.230
80 Debika Ray, citado em " Kinfolk & Norm Architects; "The Touch. Spaces Designed for the Senses", "On Community", Gestalten, Berlim, 2019. p.231

fomentam o espírito comunitário - tão procurado pela Arquitetura - através dos dispositivos estratégicos utilizados, poderia ser verdade, mas estes dispositivos não demonstram ser suficientes para dar resposta ao conflito multicultural que estorva o espírito comunitário residencial. No entanto, poderão ser eficazes para conectar os residentes que habitam de forma coletiva de modo garantir a sua interseção, encontro e o convívio. **Então, como se resolve a crise comunitária refletida no espaço incapaz de se adaptar ao contexto multicultural?**

A interdisciplinaridade entre a Antropologia e a Arquitetura poderá ser útil ao Arquiteto na interpretação dos conflitos culturais à escala arquitetônica para projetar uma arquitetura mais inclusiva que responda ao desafio da globalização. O antropólogo norte-americano Edward T. Hall[81] é conhecido por ter desenvolvido o conceito da comunicação proxêmica[82] no seu livro, "The Hidden Dimention"[83], neologismo criado pelo autor que aborda o estudo das distâncias ocultas entre pessoas e o espaço, para demonstrar a linguagem que não se vê e que é o sentido primário da comunicação. Essa linguagem surge entre o espaço e o tempo e pontua o dia-a-dia, sem que a sociedade se aperceba que a utilização do espaço pode afetar as suas relações pessoais, as interações transculturais, a arquitetura e o planeamento e renovação urbana. Assim, Hall demonstra que a distância social entre os indivíduos pode ser relacionada com a distância física *[Texto 20]* e categoriza quatro distâncias *[Texto 21]* possíveis na partilha do espaço: íntima (para abraçar, tocar ou sussurrar), pessoal (para interação com amigos próximos), social (para interação entre conhecidos) e pública (para falar em público). As distâncias variam um pouco com as diferenças de personalidade *[cap I. parte II]*, gênero e cultura, factores ambientais *[cap. I, parte IV]* e situações social - *"Por exemplo, um nível de ruído elevado ou*

Texto [20] - *"É de notar neste ponto que a forma como as pessoas se sentem umas com as outras na altura é um fator decisivo na distância utilizada. Assim, as pessoas que estão muito zangadas ou enfáticas sobre o ponto que estão a fazer aproximam-se, "aumentam o volume", por assim dizer, gritando. Da mesma forma - como qualquer mulher sabe - um dos primeiros sinais de que um homem começa a sentir-se amoroso é o seu movimento para mais perto dela. Se a mulher não se sentir disposta de forma semelhante, ela sinaliza isto ao voltar para trás."*
HALL, Edward T; "The Hidden Dimention", Anchor Books Editions, 1968, 1990. p.114"

Texto [21] - "*Poderemos então começar a aprender sobre o comportamento humano, incluindo os tipos de personalidade. Não só existem introvertidos e extrovertidos, autoritários e igualitários, tipos apolonianos e dionisíacos e todos os outros tons e graus de personalidade, mas cada um de nós tem uma série de personalidades situacionais aprendidas. A forma mais simples da personalidade situacional é aquela associada a respostas a transações íntimas, pessoais, sociais, e públicas. Alguns indivíduos nunca desenvolvem a fase pública das suas personalidades e, portanto, não podem preencher os espaços públicos; eles fazem oradores ou moderadores muito pobres. Como muitos psiquiatras sabem, outras pessoas têm problemas com as zonas íntimas e pessoais e não podem suportar a proximidade com os outros.*
HALL, Edward T; "The Hidden Dimention", Anchor Books Editions, 1968, 1990. p.115

81 Edward Twitchell Hall, Jr. Nascido em 16 de maio de 1914, foi um antropólogo americano e pesquisador cultural.
82 Proxémia é o termo que Edward T. Hall utilizou para as observações e teorias inter-relacionadas sobre a utilização do espaço pelo homem como elaboração especializada da cultura.
83 HALL, Edward T; "The Hidden Dimention", Anchor Books Editions, 1968, 1990.

Texto [22] - *"Por exemplo, a presença ou ausência da sensação de calor do corpo de outra pessoa marca a linha entre o espaço íntimo e o espaço não íntimo. O cheiro de cabelo acabado de lavar e o embaçamento das características de outra pessoa vista de perto combinam-se com a sensação de calor para criar intimidade. Ao utilizar o próprio eu como controlo e registo de padrões mutáveis de entrada sensorial, é possível identificar pontos estruturais no sistema de sensoriamento da distância. Com efeito, identificam-se, um a um, os isolados que compõem os conjuntos que constituem as zonas íntimas, pessoais, sociais, e públicas."*

HALL, Edward T; "The Hidden Dimention", Anchor Books Editions, 1968, 1990. p.115

Texto [23] - *"Há muito que se acredita que a experiência é o que todos os homens partilham, que é sempre possível, de alguma forma, contornar a língua e a cultura e remeter para a experiência a fim de alcançar outro ser humano. Esta crença implícita (e muitas vezes explícita) sobre a relação do homem com a experiência baseava-se nos pressupostos de que, quando dois seres humanos estão sujeitos à mesma "experiência", praticamente os mesmos dados estão a ser transmitidos aos dois sistemas nervosos centrais e que os dois cérebros registam de forma semelhante. A investigação proxémica lança sérias dúvidas sobre a validade desta suposição, particularmente quando as culturas são diferentes."*

HALL, *Edward* T; "The Hidden Dimention", Anchor Books Editions, 1968, 1990. p.1

uma iluminação baixa aproximarão normalmente as pessoas."[84]. Nesta lógica, a dimensão oculta é o espaço que aproxima as pessoas, que as distancia e que torna possíveis os seus afetos e relações humanas sem que uma determinada consciência revele essas evidências, estando intimamente, ligada à Arquitetura e ao Planeamento das cidades. É percepcionada através dos cinco sentidos e é mediante os diferentes estímulos sensoriais que o ser humano se relaciona com a realidade que o rodeia *[Texto 22]* . Assim, o *"território é, em todos os sentidos da palavra, um prolongamento do organismo, marcado por sinais visuais, verbais e olfactivos"*[85].

O interesse da investigação de Edward T. Hall para esta dissertação está nos seus objetivos: primeiro, consciencializar os padrões culturais fora da consciência de modo a contribuir numa melhor concepção das estruturas de vida, de trabalho e também das cidades; segundo, demonstrar a necessidade de uma melhor compreensão intercultural, visto que pessoas de culturas diferentes não só falam línguas distintas como também habitam mundos sensoriais diferentes *[Texto 23]*. Se a dimensão cultural de um determinado povo é um fator determinante para o entendimento das diferenças dos seus comportamentos, o Arquiteto, ao entender essas necessidades, poderá criar espaços que se adaptem ao contexto do habitar multicultural que obriga relacionamentos interculturais. No capítulo XI[86], Hall mostra algumas peculiaridades dos **povos europeus/ocidentais** comparando-os ao **povo americano**: Ao contrário dos americanos que não deixam nenhum tempo livre para si próprios, os europeus dão mais tempo a praticamente tudo o que envolve relações humanas importantes. Ao dar demasiada ênfase ao horário, os americanos tendem a subestimar as necessidades individuais em termos de espaço, incluindo a sua privacidade.

Os alemães têm o território privado bastante definido através da distância de intrusão. Em todos os casos em que o americano se consideraria fora do território privado, o Alemão, por definição, estaria envolvido com ele. Isto põe em foco conflito entre estes dois padrões. Os alemães sentem o seu próprio espaço como uma extensão do ego. Em contraste com o árabe, o ego do alemão está extraordinariamente exposto, e ele vai fazer o possível para preservar a sua "esfera privada". Isto reflete-se arquitetonicamente: não gostam de instalações partilhadas como por exemplo no trabalho. Os significados da porta aberta e da porta fechada são bastante diferentes nos dois países. Nos escritórios, os americanos mantêm as portas abertas; os alemães mantêm as portas fechadas, porque pensam que as portas abertas são desleixadas e desordenadas., enquanto portas fechadas preservam a integridade da sala e proporcionam uma fronteira protetora entre as pessoas. Os alemães também são muito organizados: na Alemanha, é uma violação dos costumes mudar a posição da sua cadeira, enquanto o americano não parece importar-se se as pessoas mexem nas cadeiras para ajustar a distância à situação. Para um alemão, mobiliário leve é um anátema, não só porque parece frágil, mas também porque as pessoas o movem e assim destroem a ordem das coisas, incluindo as intrusões na "esfera privada".

Os ingleses utilizam o sistema social para determina quem se é, independentemente onde viva ou trabalhe. Já na cultura americana, é o espaço - por exemplo a casa ou localidade onde se vive, ou onde se trabalha - que classifica o estatuto de pessoas e atividades. No que diz respeito à necessidade de construir paredes com portas fechadas para proteger o ego, isto coloca os americanos algures entre os Alemães e os Ingleses. Por exemplo, se um inglês que partilhe habitação estiver a andar pelo apartamento e quiser estar sozinho não se isola, mas fica calado. Os americanos levam isto a mal, porque quando o americano quer ficar sozinho, entra numa sala e fecha a porta. Para um americano recusar falar com outra pessoa presente na mesma sala, para lhe dar o "tratamento do silêncio", é a derradeira forma de rejeição e um sinal seguro de grande desagrado. Os ingleses, por outro lado, sem salas próprias desde a infância, nunca desenvolveram a prática de utilizar o espaço como refúgio dos outros. Portanto, a tensão dura até os dois se conhecerem um ao outro. O ponto importante é que as necessidades espaciais e arquitetónicas de cada um não são de todo as mesmas. As relações inglesas são padronizadas não de acordo com o espaço, mas de acordo com o estatuto social. Se um inglês gostar de alguém, vai relacionar-se independentemente da distância e do espaço. Ainda, o inglês é ensinado a prestar atenção rigorosa, a escutar atentamente, tendo a necessidade de olhar fixamente, o que define o seu distanciamento social de acordo a conseguir fixar o olhar na cara da pessoa.

Os franceses são muito sensoriais na comunicação e sensíveis aos seus sentimentos e experiências, o que os posiciona num nível mais elevado de envolvimento sensorial. Os que vivem a sul e leste de Paris pertencem geralmente ao complexo de culturas que fazem fronteira com o Mediterrâneo. Os membros deste grupo agrupam-se mais do que os europeus do norte, ingleses e americanos. O uso do espaço pelo "gosto" da aglomeração na cultura mediterrânea pode ser vista nos comboios apinhados, autocarros, automóveis, cafés de passeio, e nas casas das pessoas. Enquanto o lar é para a família, o ar livre é

84 HALL, Edward T; "The Silent Language", Anchor Books Editions, 1956, p. 116
85 Ibid., p.103
86 Ibid., p.131
87 Ibid., p.149

para recreação e socialização. Os franceses urbanos aprenderam a aproveitar ao máximo os parques e o ar livre. Para eles, a cidade é algo de que se pode tirar satisfação, assim como as pessoas que nela vivem. Nos encontros interpessoais este envolvimento é elevado; quando um francês fala com alguém, ele olha realmente para a pessoa. Habituaram-se àquilo que para os americanos é um grande aumento sensorial.

No capítulo seguinte[87], Hall dá a conhecer dois **povos orientais** completamente diferentes dos ocidentais em quase tudo. **Os japoneses** têm o centro como um elemento importante na sua configuração espacial, sendo um tema que é desenvolvido na cultura e todas as áreas da vida japonesa. Na casa japonesa, em termos psicológicos, há conotação positiva para o centro da sala e negativa para as arestas, que é de onde vem o frio no Inverno. Assim, para os japoneses os quartos ocidentais parecem nus porque os centros está vazio e os móveis encostados à parede. Os quartos japoneses são polivalentes e o seu centro é fixo a e as paredes móveis, semifixas. Isto insere o japonês no centro da habitação enquanto a cena se desloca: senta-se no meio da sala sobre o *tatami* (tapete) enquanto os painéis deslizantes são abertos ou fechados de forma a trazer para dentro diferentes realidades ao longo do dia, percepcionadas através da visão e todos os outros sentidos. Olfacto, mudanças de temperatura, humidade, luz, sombra e cor são trabalhadas em conjunto de modo a melhorar a utilização de todo o corpo como um órgão sensorial. Ao contrário dos ocidentais, que consideram o espaço como algo vazio, os japoneses dão sentido ao espaço, para perceber a forma e disposição dos espaço. Para isto, eles têm uma palavra, *ma* [88],como um elemento oculto na sua organização, planeamento e design. Com espaços que os leva a um ponto com a ideia de percurso, os japoneses distinguem-se dos orientais: os espaços giram em torno de um ponto. No geral, para o ocidental, "aglomeração" é uma palavra com conotações desagradáveis. Os japoneses preferem o aglomerado de pessoas, pelo menos em certas situações. Até mesmo para dormir, porque ficam mais quentes juntos do que separados. Não é surpreendente, portanto, descobrir que, não existe uma palavra japonesa para privacidade. Contudo, não se pode dizer que o conceito de privacidade não exista entre os japoneses, mas apenas que é muito diferente da concepção ocidental. Esse conceito reflete-se nos fortes sentimentos contra a partilha de uma parede da sua casa ou apartamento com outros..

Os árabes não gostam da sensação de estar sozinhos e fechados em quatro paredes. Por isso, na cultura árabe existem os grandes espaços dentro de casas com vista desobstruída que evitam divisões, com tetos mais altos que o habitual. Se um americano vivesse na casa de um árabe, ele sentiria que o lugar é demasiado grande. Uma vez que não existe a privacidade física ocidental na família árabe (nem sequer uma palavra para privacidade), era de esperar que os árabes utilizassem outro meio para permanecer sozinhos. A sua forma de estarem sozinhos é deixar de falar - um "tratamento silencioso". Tal como os

88 A *ma*, ou intervalo, é um bloco básico de construção em toda a experiência espacial japonesa. É funcional não só em arranjos florais, mas aparentemente é uma consideração oculta na disposição de todos os outros espaços. A habilidade japonesa na manipulação e arranjo da ma é extraordinária e produz admiração e ocasionalmente até admiração nos europeus.

ingleses, um árabe que se fecha desta forma não está a indicar que algo está errado ou que se está a retirar, apenas que quer estar sozinho com os seus próprios pensamentos ou que não quer ser intrometido. O árabe considera essencial permanecer dentro da zona olfactiva como um meio de acompanhar as mudanças de emoção. Além disso, ele pode sentir-se apinhado assim que cheirar algo desagradável. Não é surpreendente, portanto, que o limite olfactivo constitua para os árabes um mecanismo informal de ajuste de distância, em contraste com os mecanismos visuais do ocidental. Sentir o cheiro do amigo não só é agradável como desejável, pois negar-lhe a respiração é agir com vergonha. Isto pode ser explicado pelo facto de organizarem as relações umas com as outras de acordo com sistemas sociais fechados, em vez de espacialmente. As comunicações árabes são intensificadas como quando comparadas com os padrões de comunicação do norte da Europa. Não só o nível de ruído é muito mais elevado, mas o olhar penetrante dos olhos, o toque das mãos e o hálito durante a conversação representam um nível sensorial mais elevado a um nível que muitos europeus acham insuportavelmente intenso. Para o árabe, a localização da pessoa em relação ao corpo é bastante diferente. A pessoa existe algures no interior do corpo. Contudo, o ego não está completamente escondido porque pode ser alcançado muito facilmente com um insulto. Está protegido do tacto, mas não das palavras. No mundo ocidental, a pessoa é sinónimo de um indivíduo dentro de uma pele. E no norte da Europa em geral, a pele e mesmo a roupa são consideradas invioláveis. É preciso permissão para tocar em qualquer um dos dois, se for um estranho.

Segundo a investigação de Edward T. Hall, conclui-se que diferentes culturas mantêm diferentes padrões de espaço pessoal. O traçar de "retratos culturais" implica sempre generalizações grosseiras, e os retratos traçados por Hall já poderão estar desatualizados. Estes países mudaram muito nas últimas décadas, inclusive do ponto de vista de miscigenação cultural. No entanto, estas descrições reforçam o argumento em debate e são pertinentes, pela exemplificação da forma como a diversidade cultural influencia a experiência e relação com o espaço. No final do livro, o antropólogo escreve um manifesto que defende a planificação do futuro assente em bases proxémicas, numa nova reestruturação. Talvez seja essa a resposta para o problema atual que é tão semelhante e talvez mais grave, porque o efeito de globalização tende a agravar com o passar dos anos. Passou meio século desde a primeira edição deste livro e, no entanto, todos os pressupostos anunciados revelam ser extremamente atuais e úteis para várias disciplinas, incluindo a Arquitetura e o Urbanismo. Os dispositivos estratégicos ajudam a criar um espírito comunitário no espaço, mas a forma de percepcionar e habitar o espaço difere de cultura para cultura, como conclui a investigação. Um diálogo interdisciplinar deve existir entre os Arquitetos e Antropólogos que estudem a cultura e a sociedade contemporânea para conseguir uma solução no desenho dos espaços das residências universitárias. Assim, reconhecendo as diferentes culturas que poderão habitar o espaço, tornar-se-á possível desenhar soluções que respondam às necessidades de todos os residentes, tendo em conta a sua cultura. **Tiveram os arquitetos da *Cité* atenção às diferentes necessidades culturais no desenho dos espaços das residências universitárias?**

III.

a residência:
do espaço à estratégia.



[51] - Planta de implantação atual, CIUP. Esc. 1/5000. Legenda disponível na cronologia da p.55.



o espaço

I. as residências-chave

O estudo aprofundado de seis residências universitárias - as residencias-chave -, selecionadas de forma criteriosa *[critérios de seleção disponível em anexo],* permitiu identificar os dispositivos de organização e distribuição espacial de cada residência e as estratégias utilizadas para qualificar a atmosfera do espaço *[previamente discutidos no cap. I, parte II e III].*

A sua análise organiza-se pela seguinte ordem:

- Capa de cada residência, com uma imagem que transmite a atmosfera espacial a ser debatida.
- Identificação do nome da residência, ano de construção e renovação e o seu respetivo arquiteto. Informações gerais são representadas, como a quantidade de residentes e nacionalidades que habita o edifício. A estratégia utilizada para a sociabilidade do espaço é identificada através de dispositivos espaciais, sistemas de organização, posicionamento dos espaços de encontro e atmosferas que os qualifica.
- Contexto histórico da residência, explicação da sua composição volumétrica e distribuição programática pelos pisos. A análise dos grandes princípios de distribuição e organização programática antecede a apresentação dos elementos que a compõem, através de fotografias e pequenos textos que descrevem o seu ambiente habitado: o espaço de entrada, o hall, o átrio, a circulação, a sala de convívio e tv, a cozinha, pátios, terraços e jardins exteriores.
- Crítica que se debruça sobre o dispositivo estratégico e atmosfera espacial identificados e verificar se corresponde de forma positiva ou negativa à opinião dos residentes, obtida através dos inquéritos realizados *[exemplar do inquérito disponível em anexo].*

Para o seu efeito, foi produzido conteúdo que permitiu a avaliação dos pontos anteriores:

- O revisitar das memórias passadas, na altura em que o autor habitou a CIUP durante o seu ano de erasmus e estágio em Paris;
- Visita física à Cité Universitaire de Paris e ao seu arquivo de modo a recolher informação, fazer um levantamento fotográfico das nove residências previamente selecionadas, e sobretudo para vivenciar de forma empírica o seu espaço comum;
- Desenhos das plantas e cortes de cada residência foram recalcados, produzidos e organizados em axonometria explodida e um diagrama de espaço público/privado com a distribuição programática;
- Elaboração de um texto crítico que se debruça no contexto histórico, distribuição, organização e posicionamento do programa e na qualificação atmosférica do espaço;
- Fotografias previamente registadas na visita à CIUP são selecionadas e identificadas em planta, com um texto que descreve o seu ambiente. Uma imagem principal que transmita a atmosfera espacial é selecionada para ser utilizada como capa de cada residência-chave;
- Respostas dos inquéritos efetuados aos residentes, sintetizadas em diagrama;





1933, Le Corbusier; (renovações ao longo dos anos)

fondation suisse

46 residentes
17 nacionalidades

estratégia utilizada na sociabilidade da sala de convívio:
- parede e mobiliário (dispositivo)
- open-space (organização)
- rés do chão, em volume anexo (posicionamento)
- cor (atmosfera)

A residência desenhada por Le Corbusier sustenta a crença de que a casa deve ser uma "máquina de habitar". O edifício, inaugurado em Julho de 1933, foi o único edifício da CIUP a exibir uma identidade moderna. O Pavilhão Suíço é o ponto de partida para a investigação que levaria Le Corbusier à sua "máquina viva" coletiva cerca de vinte anos mais tarde. Reconhecido como *"uma das criações mais livres e imaginativas de Le Corbusier"* (Siegfried Giedion), é uma síntese de três abordagens: a primeira afirma o tipo de barra moderna e autónoma, independente de qualquer relação com a forma do terreno; a segunda afirma o confronto desta barra com volumes diferentes e especializados, a combinação de paredes planas e côncavas, o contraste de materiais industriais e naturais. O terceiro está na interpretação original dos "Cinco Pontos da arquitetura moderna": os pilotis para libertar o solo para circulação, a fachada livre com parede de cortina e janelas horizontais, a planta livre permitindo que as divisórias se libertem do sistema de suporte de carga e a cobertura plana.

O edifício é composto por um paralelepípedo sobre pilotis que alberga os quartos e circulação horizontal e outro volume adjacente de serviços e a circulação vertical. O programa coletivo desenvolve-se no piso térreo, com as zonas comuns com maior sociabilidade. No piso tipo, um corredor sóbrio distribui longitudinalmente os os 46 quartos privados com portas coloridas que qualificam a sobriedade do espaço. Os quartos, cada um com um lavatório e um chuveiro, estavam satisfatoriamente equipados para o seu tempo e durante décadas foi a única residência do *campus* com duches nos quartos. Ainda, em cada piso são inseridas *kitchenettes* que no período de renovações foram ampliadas para cozinhas comunitárias, concluídas em 2018. Na cobertura, praticável, localiza-se o apartamento do diretor, uma biblioteca e terraços acessíveis que permitem disfrutar da vista enquanto se convive.

programa:

Cobertura: Apartamento do diretor e biblioteca, com acesso a um terraço.



Pisos tipo: : 46 quartos para estudantes e uma cozinha comunitária em cada piso.

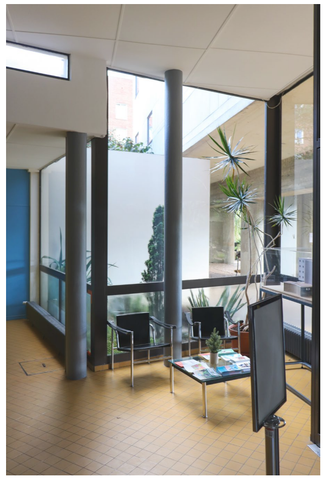


Piso 0: Pátio coberto de entrada com mesa de pingpong, recepção, com pequeno hall/lounge. Sala de convívio equipada / sala de tv.

① recepção / hall

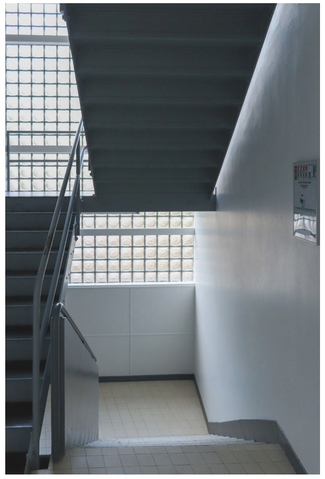
A zona do hall de entrada ou espaço de recepção está posicionada no rés do chão e é qualificada através da cor. Ainda, é e expandida visualmente para o seu pátio exterior de entrada. O efeito contrário também acontece: o prolongamento do exterior para o interior, com um pequeno jardim na zona de estar do hall, que qualifica o espaço com natureza que participa na atmosfera do espaço. Ainda, a escadaria principal participa no hall de entrada da residência e organiza a sua distribuição. A escadaria é qualificada com luz natural.

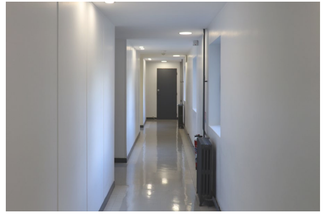




② escadaria principal e circulação

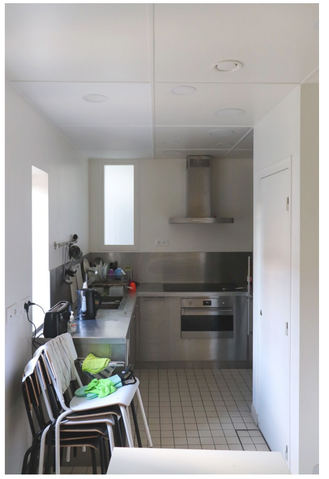
A escolha do bloco de vidro ondulado, em vez da janela, permite a infiltração da luz e filtração da vista exterior e atribui privacidade ao dispositivo. Ao afastar-se delicadamente da parede, cria uma luz zenital que qualifica o ambiente do conjunto vertical e o torna apaziguado. Os momentos de reentrância que marcam a entrada dos quartos no corredor, cria um espetáculo de sombra que contrasta com a luz que entra das janelas, por se posicionar junto da fachada. O ambiente do corredor é sóbrio e as cores das portas dão vida ao espaço.



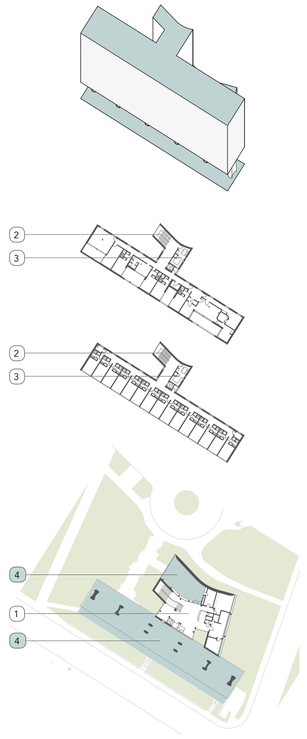


③ cozinha

Um pequeno hall recebe a escadaria e faz a transição para as cozinhas ou o corredor horizontal. É oferecido ao espaço um sofá que o qualifica como zona de convívio. As cozinhas estão distribuídas por piso, o que poderá criar pequenas comunidades na residência. Antes da sua remodelação, a cozinha tinha metade da dimensão porque durante a Fase 1, a cozinha servia apenas para a sua função. Os novos modos de habitar fizeram da cozinha também um espaço de convívio em redor da mesa e por isso, o espaço foi ampliado.







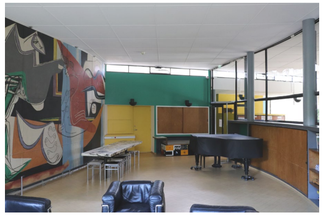
4 pátio coberto e sala de convívio

O pátio coberto desobstruído serve de varanda para a paisagem e está em contacto direto com o jardim da residência. Com os bancos de jardim coloridos disponíveis no hall, é possível deslocá-los para este espaço e conviver com os outros. Foi inserida uma mesa de ténis fixa, de betão, que lança uma das múltiplas atividades que este espaço multifuncional oferece aos seus residentes. A utilização da cor azul na calha das infraestruturas elétricas identifica o pátio como espaço de importância para a sociabilidade do espaço da residência.

A sala de convívio também é qualificada com cor, mobiliário móvel, mesa comunitária, matraquilhos, um piano, um mural e uma janela que captura o espaço exterior do jardim para dentro da sala. É de notar a continuidade do material utilizado no chão da sala de convívio, que se prolonga para o hall de entrada e se expande até ao exterior do pátio coberto. Assim, a materialidade conquista a continuidade do espaço que é reforçada pela transparência da caixilharia e também pela cor, que faz a marcação pontual dos espaços de estar.



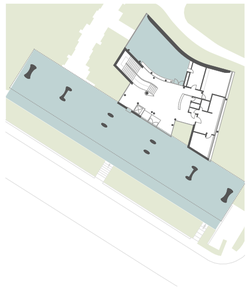


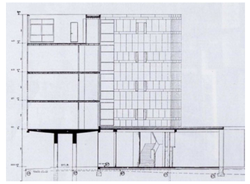






A estratégia de qualificação espacial identificada - a **cor** - poderá ter sido utilizada consciente ou inconscientemente pelo arquiteto. A simbologia da cor tem um papel importante nesta residência porque denuncia os espaços de convívio que Le Corbusier optou por qualificar e atribuir a sua devida importância. Repare que o arquiteto desenha os dispositivos de circulação e distribuição com materialidade e cores sóbrias - a escada e o corredor posicionado na fachada - e qualifica-os apenas com jogos de luz e sombra. Já as áreas comunitárias são coloridas, qualificadas com diversa cores vivas que apelam ao convívio. Também é utilizada cor na qualificação da atmosfera do quarto. Sendo essa atmosfera privada, a sua qualificação não é mostrada aos outros residentes mas é denunciada na sua porta colorida que abre para o espaço sóbrio do corredor. O arquiteto pintou à mão um **mural** na sala de convívio, onde a cor está fortemente presente. Este salão curvo sintetiza a omnipresença da poética pictórica e colorida neste edifício: paredes curvas, paredes pintadas, tetos multicoloridos e betão em bruto, o jogo de materiais e cores dão a este lugar uma dimensão escultórica. A atribuição de cor em peças de **mobiliário** móvel sinaliza-os para serem utilizados na confraternização entre residentes. São exemplo os bancos de jardim pendurados no hall ou o banco inserido no hall de transição entre a escadaria e a cozinha que, devido à sua cor, também dão vida ao ambiente sóbrio dos espaços destinados: o pequeno hall que recebe a escadaria e o pátio exterior que poderá receber os bancos de jardim.
Os inquéritos realizados levam a concluir que, para os seus residentes, a Fondation Suisse é mais do que algumas peças de design de mobiliário conhecidas: é uma máquina feita de luz e cor que qualifica os espaços mais votados: a sala de convívio, com oito pontos e o pátio, com nove pontos.











1938, Willen Marinus Dudok; 2016 (renovação)

collège neérlandais

141 residentes
34 nacionalidades

estratégia utilizada na sociabilidade do espaço:
- pátio interior (dispositivo)
- ao redor de (organização)
- fachada do pátio interior (posicionamento)
- iluminação natural (atmosfera)

Pouco depois da aprovação do seu desenho para a Câmara Municipal de Hilversum (1931), o arquiteto Willen Marinus Dudok começou a desenhar o projeto do Collège Neérlandais em Paris. A arquitetura moderna holandesa tinha de ser representada de forma digna neste local representativo: com as suas janelas altas, superfícies retas, torre e esquema de cores, o edifício é reconhecível de longe como um projeto de Dudok. Apresenta uma volumetria assimétrica e trabalhada de acordo com a função das suas partes programáticas. Assim, o edifício constitui um testemunho importante do movimento modernista dos anos 20 e, nomeadamente, da Escola de Amesterdão.

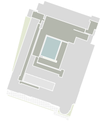
É necessário caminhar ao redor do edificado para compreender a sua volumetria e a função das suas partes. A organização tipológica da planta é baseada num retângulo com dois pátios interiores que organizam e distribuem o programa residencial - um primário com programa de espaço de convívio exterior e outro secundário, apenas com a função de poço de luz que ilumina de forma natural os restantes espaços. Estes dispositivos são rodeados de galerias ou espaços comuns que, devido ao seu posicionamento, são qualificados com luz natural obtida através da estratégia luminosa do pátio. O pátio oferece um ambiente acolhedor que contrasta com a austeridade das fachadas e tem acesso pelo hall de entrada, com a possibilidade de conviver no exterior da residência ao mesmo tempo que se está no interior. O piso -1 também apresenta um programa comunitário, com a sala de convívio e sala de tv. O edifício foi restaurado em 2016; as obras melhoraram o nível de vida dos seus residentes, tanto no espaço privado - foram criadas instalações sanitárias privadas na maioria dos quartos e o mobiliário original foi restaurado -, como o espaço comum - estas áreas foram melhoradas e cada andar beneficia de um espaço de cozinha comum totalmente equipado, a fim de privilegiar a qualidade dos momentos partilhados.

programa:

Cobertura: É praticável, com acesso proibido.
Pisos tipos: 141 quartos para estudantes e uma cozinha comunitária em cada piso.



Piso 0: Recepção, hall/lounge, sala polivalente e galerias com espaços de estar em redor do pátio central exterior.



Piso -1: Sala de convívio equipada com bar, pingpong e matraquilhos, sala de tv, sala de máquinas de vending e lavandaria.



(1) recepção / hall / lounge

Por vezes, é possível reconhecer o corredor como uma galeria interior, devido à atenção que o arquiteto tive na sua qualificação, dimensão e posicionamento junto da fachada: um corredor ou compartimento sobre o comprido, geralmente com janelas ou cobertura envidraçada. Assim, a circulação passara de ser apenas um momento de passagem para se tornar, em alguns casos, um espaço de estar ou um passeio abrigado com vista para o exterior. Ainda, o mobiliário convida os residentes a parar e conviver junto da fachada iluminada.





(2) sala de estar / sala de tv

O piso -1 representa a área de maior lazer da residência. Com a sala de convívio equipada com um bar para festas, bancos mesas e cadeiras, mesa de ténis e matraquilhos, o ambiente edificado convida a conviver. Para reforçar esse caráter, o controlo da entrada de luz natural transforma a atmosfera do espaço público num ambiente privado ou até mesmo íntimo. A luz tem este poder de modificar as distâncias sociais entre as pessoas: se a iluminação for pouca, as pessoas automaticamente irão aproximar-se umas das outras.







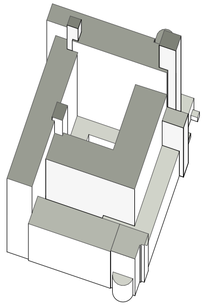
(3) cozinhas

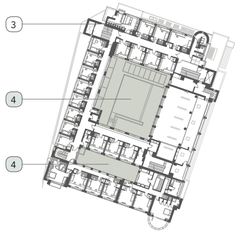
Neste projeto as cozinhas localizadas no piso -1, piso tipo ou último piso são qualificadas, através da luz natural, de formas diferentes. É possível assistir à diversidade de ambientes espaciais criados a partir do mesmo programa, como se de um projeto experimental se tratasse. Mais uma vez, a luz é trabalhada estrategicamente de modo a criar diferentes níveis de intimidade nos espaços. No piso -1, as janelas são maiores porque o piso está mais enterrado, no piso tipo a janela já diminuiu de tamanho e no último piso a clarabóia ilumina o espaço.

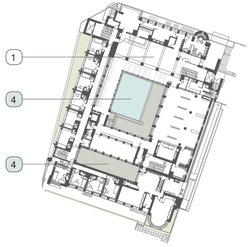


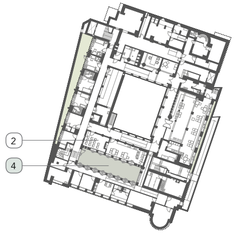










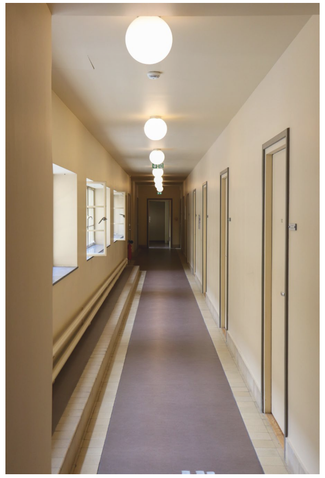


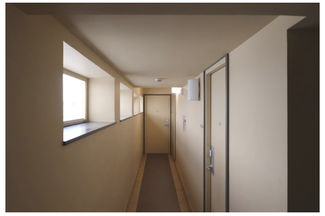
4 pátios, circulação, tamanho e desenho dos vãos

Os vãos, com diferentes tamanhos e aberturas de caixilhos, estão distribuídos ao redor dos dois pátios que organizam a planta de forma retangular. Estes vãos são reservados a programas diversos, e desenhados de acordo com as suas necessidades de iluminação programáticas. Os vãos do programa comunitário têm maior atenção por parte do arquiteto, incluindo a circulação que por vezes se funde e confunde como espaço de estar.

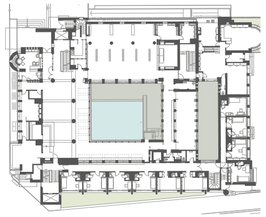




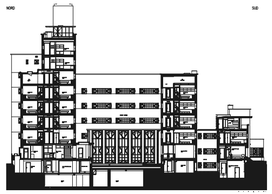




A estratégia da utilização de **pátios interiores** como dispositivos que organizam os espaços interiores **ao seu redor** é possível ser apreciada na secção do edifício: não só reforça o espírito comunitário, como também permite qualificar espaços com a **iluminação natural**. Repare que todos os espaços da residência são qualificados com diferentes intensidades de luz, através dos diferentes desenhos da dimensão do vão e do tipo de caixilho utilizado. Todas as zonas do edifício possuem diferentes tipos de vão, uns mais pequenos que outros, permitindo o controlo do arquiteto sobre a luz.

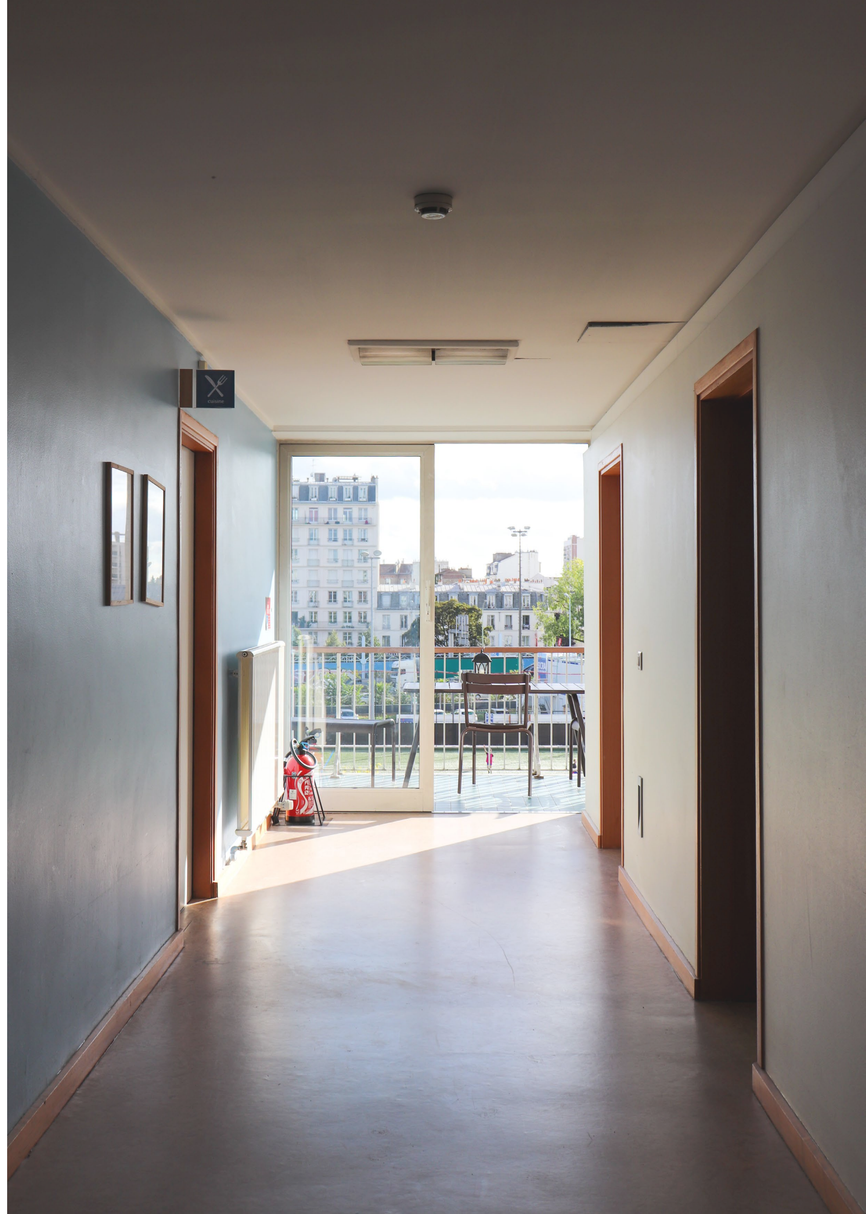


Ao manipular a luz que atravessa os vãos do edifício, Dudok atribui a quantidade de iluminação pretendida para cada espaço comum e privado da residência, de acordo com o seu programa e nível de privacidade. Assim, há corredores que transitam a vida pública para a privada com maior intimidade do que outros, de acordo com o seu nível de luminosidade. É possível rever este jogo de luz e sombra noutros espaços da residência, como o grande hall iluminado com janelões, ou o piso -1 que usufrui a luz do pátio secundário - um pátio que funciona como poço de luz. Como o piso é enterrado e o pátio estreito e profundo, a luminosidade do piso é baixa o que cria um ambiente de vida boémia adequado aos programas de lazer localizados neste piso: a sala de convívio e a sala de tv.



As respostas dos inquéritos realizados aos residentes revelam uma pontuação elevada de 10 valores no hall e no pátio e de 9 valores na sala de tv, sala de convívio e corredores. Os resultados entram em concordância com a qualificação espacial destes espaços que, através da luz, o espaço ganha o poder de aproximar as pessoas.







1954, Reidar Winge Lund; 2011 (renovação)

maison de norvège

102 residentes
30 nacionalidades

estratégia utilizada na sociabilidade da cozinha:
- corredor largo (dispositivo)
- a eixo, no interior (organização)
- topo do edifício, por piso (posicionamento)
- extensão (atmosfera)

O edifício em barra foi concebido pelo arquiteto norueguês Reidar Winge Lund, e é representativo do modernismo norueguês com linhas limpas, formas puras e racionais. A influência nórdica pode ser vista na utilização de tijolo vermelho na fachada, importado da Noruega, e madeira clara nos espaços interiores. A fim de preservar o espírito nórdico, foi dada especial atenção ao conforto dos espaços comuns. O mobiliário de madeira de excelência foi desenhado pela designer norueguesa Anne Lise Aas, que procurou o maior conforto com um desenho que se adequa a atmosfera espacial.

O programa da residência é distribuído verticalmente por um volume anexo à volumetria principal, que contém a escadaria principal em caracol e contrasta com a horizontalidade do edifício. No piso tipo, um largo corredor, que muda de cor de piso em piso, distribui a eixo os 102 quartos dos residentes. O espaço privado está equipado com uma secretária, cama individual, arrumação e um lavatório, exigindo aos residentes a praticar a sua higiêne pessoal em balneários partilhados. Uma cozinha comunitária é posicionada por piso, que se prolonga para a mesma varanda onde o corredor é rematado. O rés-do-chão e o piso -1 albergam o programa mais público, que cria o espírito comunitário da residência como um todo: o lounge de entrada e a sala de convívio estão equipadas com sofás e poltronas, tv e mobiliário lúdico que fortalece as relações interpessoais entre os residentes.

A casa foi renovada várias vezes desde 1954. Uma grande renovação foi concluída em 2010-2011 que melhorou o conforto das salas e áreas comuns em conformidade com as normas de segurança, desenvolvimento sustentável e acessibilidade. Foram utilizados materiais naturais no design de interiores, o que reforça a natureza orgânica da textura e materialidade do espaço.

programa:

Pisos tipo: 102 quartos para estudantes, balneários partilhados e cozinha comum por piso, que se estende para uma varanda.



Piso 0: recepção com hall/lounge de entrada, que se estende para o exterior. Sala polivalente e pátio privativo.



Piso -1: Sala de convívio e de tv, equipada com sofás, poltronas, uma máquina de vending e matraquilhos; lavandaria.



1 hall / lounge

A zona de recepção funciona também como uma área de lounge de convívio com sofás dispostos em "U". A qualificação do espaço através da materialidade está denunciada na escolha do pavimento que reflete a luz solar e amplifica a iluminação no interior da divisão, mas também na parede revista com madeira que atribui conforto ao espaço. Ainda, o espaço é prolongado visualmente para o jardim que, estando no exterior, participa também na atmosfera espacial interior.

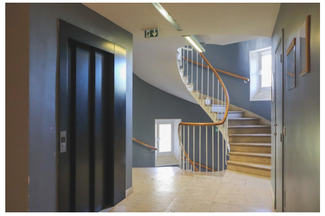




2 circulação

O corredor está posicionado a eixo do edifício e é mais largo do que o habitual, qualificado com cores diferentes em cada piso que permite localizar o residente no piso que se encontra. O espaço de circulação é rematado por duas varandas nos topos do edifício: uma pequena a norte, e uma varanda grande partilhada com o espaço da cozinha a sul. As portas envidraçadas permitem a entrada de luz natural no corredor que é refletida pelo revestimento do chão acetinado.

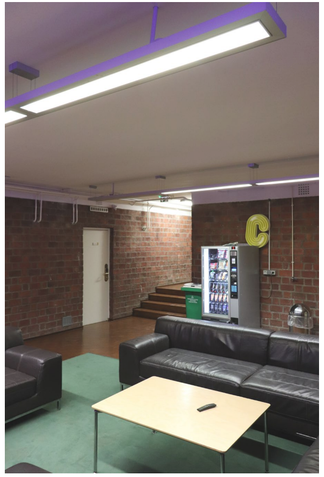


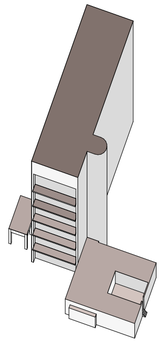


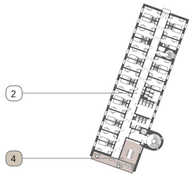
3 sala de convívio / sala de tv

Mais uma vez, a sala de convívio aparece enterrada. Ao contrário do Collège Neérlandais, este espaço não tem luz natural. Em vez disso, opta-se pela utilização de luz artificial e luzes *neon*, que transformam a atmosfera do espaço num ambiente boémio e descontraído, à semelhança de um salão de jogos ou um bar universitário. Os sofás dispostos em "U" realçam o ambiente comunitário da sala e a mesa de matraquilhos e a televisão o seu lazer.

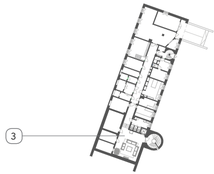








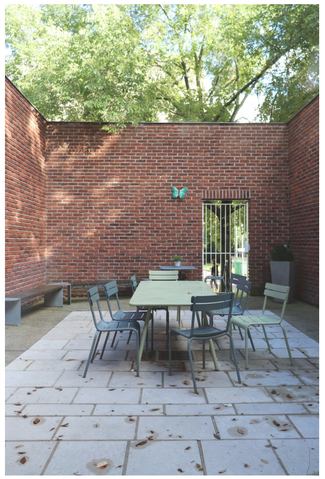




4 cozinha, varanda e pátio: prolongamento do espaço

O prolongamento do espaço interior para o exterior conquista área ao programa e aparenta que o espaço é maior do que realmente é. Essa conquista é atingida através do prolongamento físico, para pátios, varandas, terraços ou jardins; e do prolongamento visual, para a paisagem. A extensão espacial não só permite aumentar área do programa, como também possibilita a realização de outras atividades que não seriam possíveis no interior, a realizadas de forma individual ou coletiva.







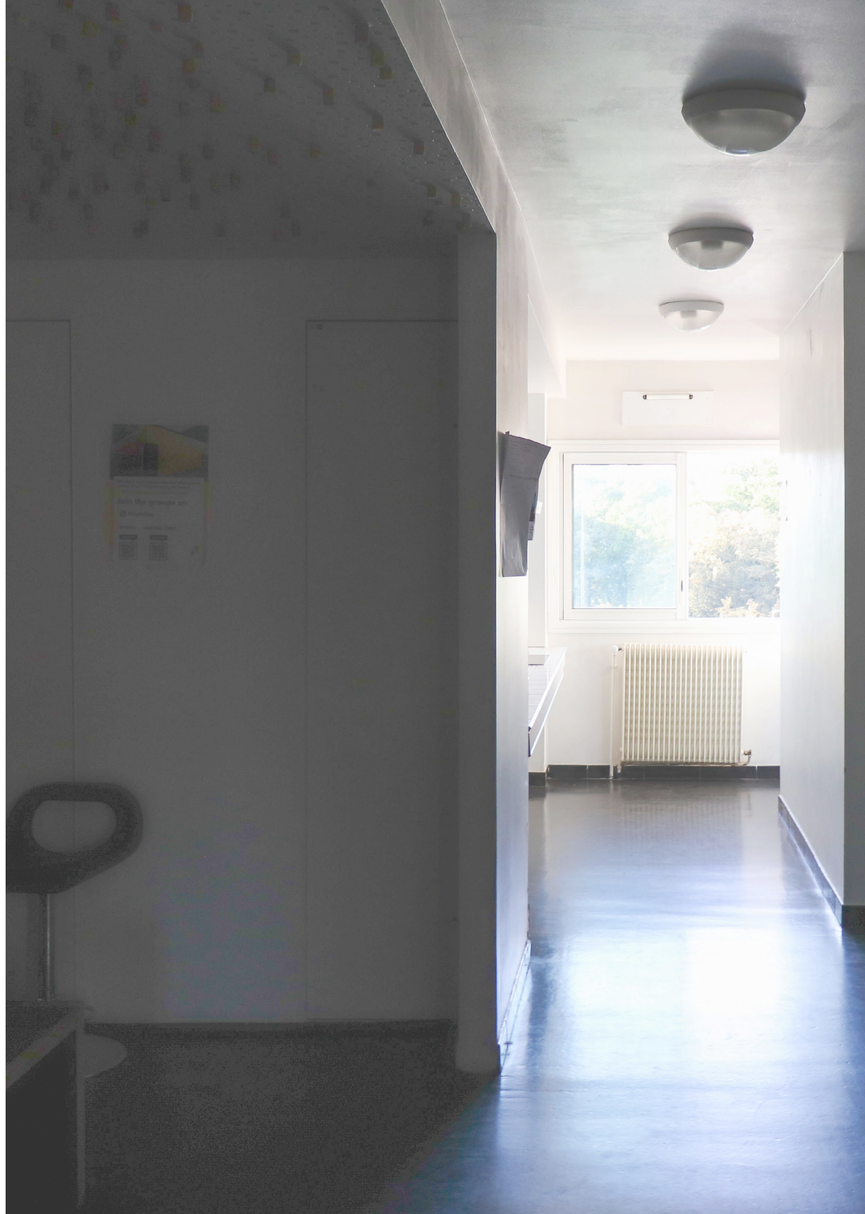


O dispositivo estratégico que separa e organiza a vida coletiva da privada dentro da residência é o **corredor interior, a eixo longitudinal**. Dependendo do piso, o corredor ganha cor nas paredes e é sempre rematado numa varanda pequena a norte, e numa varanda grande **a sul** partilhada com a cozinha. A estratégia utilizada para qualificar este espaço e a maioria dos espaços da residência é a **extensão do interior para o exterior**, de forma visual ou física. O espaço do hall/lounge é prologado visualmente para um jardim exterior que integra a natureza dentro da residência e cria um jogo entre a privacidade coletiva e o público exterior. Ainda, a sala polivalente e salas de estudo conquistam espaço exterior, que estende a sua área livre para um pátio privado com uma mesa comunitária. Repare que até este espaço se prolonga infinitamente para o plano do céu aberto e permite que a natureza participe na atmosfera do espaço.
A parte do projeto que desperta maior interesse é a extensão da área da cozinha para uma varanda exterior, virada a sul. Esta varanda oferece ao residente uma vista para o parque da Cité, mas também serve de proteção solar devido à generosa profundidade. Graças a essa característica, é possível deslocar a mesa de refeições para o exterior e comer ou conviver nesse prolongamento do espaço.
Os inquéritos realizados aos residentes indicam que a cozinha é o espaço de eleição da residência, com uma pontuação de 10 valores. É possível que esta classificação resulte da sua qualificação espacial: o prolongamento espacial para a varanda exterior, orientada a sul. A área da cozinha é ampliada e as atividades que apenas poderiam ser realizadas no exterior - como fumar, churrascada ou tomar banhos de sol - potencializam o convívio e sociabilização entre os residentes.











1967, José Sommer-Ribeiro; 2007, AAVP (renovação)

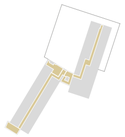
maison du portugal

188 residentes
40 nacionalidades

estratégia utilizada na sociabilidade da cozinha:
- corredor quebrado (dispositivo)
- a eixo, no interior (organização)
- grelha estrutural, por piso (posicionamento)
- contenção (atmosfera)

programa:

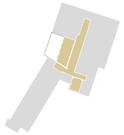
Piso tipo: 188 quartos para estudantes e duas cozinhas em cada piso, uma pequena e outra grande, com mesa de comer comunitária. Terraço e varanda praticáveis, porém proibidos a todos os residentes.



Piso 0: Lobby de entrada, recepção, sala polivalente, biblioteca e acesso ao pátio e jardim privado.



Piso -1: Corredor com máquinas de vending, sala de convívio equipada com mobiliário móvel, bar e matraquilhos, salas de estudo e tv.

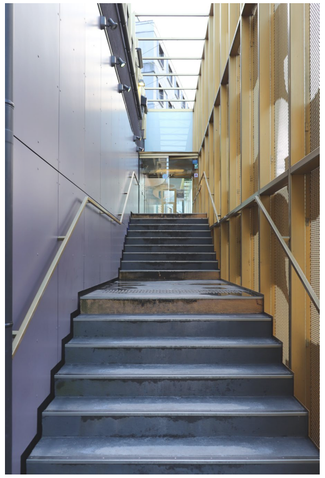


O edifício é composto por dois volumes de edifícios em barra que partilham o piso térreo comum e um jardim privado. A sua volumetria e planta longitudinal refletem o funcionalismo que dominou a produção arquitetónica da segunda metade do século XX. A firma de arquitetura AAVP ficou encarregue da renovação do edifício, que reabriu em 2007 com maior capacidade de alojamento e quartos confortáveis, com casa de banho privativa. Em 2016 a residência pôde renovar os seus espaços culturais: a biblioteca e a sala polivalente.

O projeto denuncia dois corpos, que se articulam em torno de um núcleo comum ao nível do jardim e rés-do-chão. O volume dourado mais baixo é "adicionado" e alberga a zona de recepção, com um novo hall e recepção, sala polivalente, a biblioteca e os acessos para o antigo edifício onde se localizam os quartos dos residentes. Ainda, no piso -1, estão enterrados os programas comuns da sala de convívio, sala de tv e um corredor de serviço com máquinas de *vending*. A fim de atribuir uma nova identidade ao edifício existente, bastante neutro, este volume é envolto em chapa perfurada a ouro, que reproduz o motivo lusitano da calçada portuguesa presente no pavimento de entrada e do pátio privado. O projeto de renovação também contempla o aumento do número de quartos de 135 para 188 - com casa de banho privativa - distribuídos por um corredor a eixo que quebra na interseção com o acesso vertical. Para isso, vários quartos de serviço e as instalações sanitárias comuns foram removidos. Ainda, foi a ampliada uma das duas cozinhas localizadas em cada piso. De modo a contemporizar o espaço com os novos modos de habitar, é adicionada uma mesa de jantar à cozinha que se transforma em espaço de convívio. Em todos os espaços do projeto, os arquitetos utilizaram a cor para os diferenciar: os corredores, as áreas diurnas e noturnas e as zonas comuns são qualificadas com diferentes cores escuras, fortes e vivas, como o vermelho.

(1) entrada / hall

O movimento de ascensão contido numa escada a tiro caracteriza o momento de entrada da residência. A zona de recepção funciona também como uma área de lounge de convívio denunciada no grande banco que convida ao repouso. É utilizada uma materialidade com tons sóbrios que realçam a vista para o jardim através da parede cortina. Essa transparência prolonga o espaço visualmente para o jardim e cria pólos de tensão entre o interior e exterior.





(2) pátio privado / jardim

O pátio privado tem acesso através do hall de entrada e funde-se com um jardim repleto árvores e uma horta comunitária. O relvado permite aos residentes realizar piqueniques em dias de sol e a horta uma atividade que reforça o espírito comunitário da residência. O pátio, pavimentado com calçada portuguesa, permite os residentes de transportar e reorganizar a disposição do mobiliário exterior, que é móvel e facilmente manuseado - a apropriação do espaço é controlada e garantida.



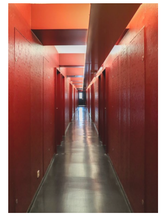


(3) sala de convívio / sala de tv

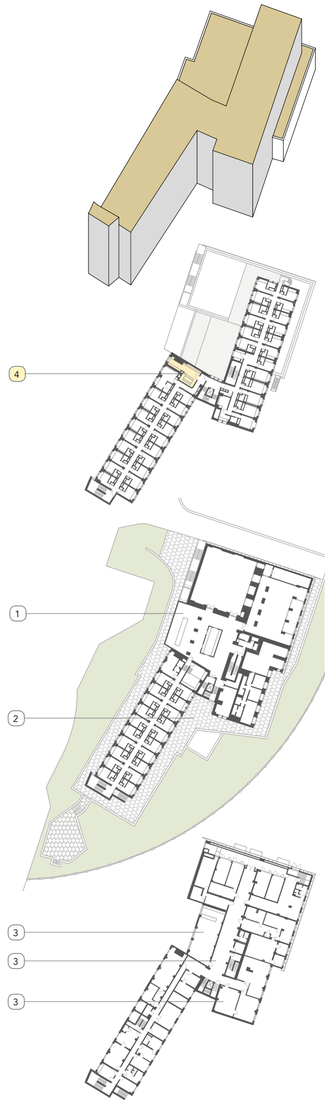
Mais uma vez, a sala de convívio e de tv aparecem enterradas. As entradas de luz são pouco trabalhadas, o que afeta a iluminação e a qualidade do espaço. A contenção da luz leva à utilização de luz artificial nos espaços da sala de convívio, sala de tv, corredor de serviço e circulação. Os residentes podem reorganizar a sala de convívio na disposição espacial que lhes for mais favorável, que é composta por poltronas, mesa de matraquilhos, piano vertical e um balcão que funciona como bar.







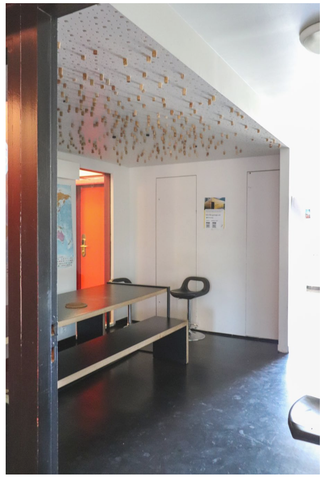




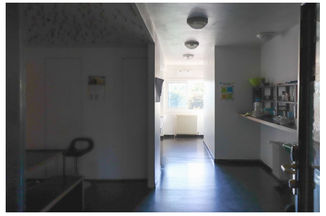
4 cozinha: contração na renovação

Localizada em cada piso, a cozinha ganha caráter comunitário quando lhe é acrescentada uma mesa de comer ao seu espaço. A diminuição do pé direito na zona da mesa permitiu instalar um teto acústico, que foi apropriado pelos residentes, e resguarda a zona em relação ao resto da cozinha, que serve apenas a sua função: cozinhar. Este grande nicho é pouco iluminado, devido à única janela presente no espaço, no lado oposto da cozinha.

Repare que o arquiteto sabia deste problema, porque inseriu um vidro transparente para o corredor que distribui os quartos e optou por portas de vidro, na tentativa de conquistar mais luz ao espaço da cozinha. No entanto, o ambiente continua contido no retraimento espacial que parece negar a luz natural. Esse retraimento poderá levar as pessoas a se retrairem socialmente e talvez seja por isso que muitas vezes o espaço da cozinha está vazio e os residentes permanecem nos seus quartos.









Posicionada **por piso** dentro da **grelha estrutural** que compõe o ritmo do edifício, é no momento **de quebra do corredor** que a cozinha se prolonga, mas de forma diferente da cozinha da *Maison de Norvège*. Enquanto a cozinha da residência vizinha se estende para uma varanda exterior, a cozinha da *Maison du Portugal* estende-se para o interior e contrai o espaço existente. A **contenção** espacial está denunciada na luz que, devido à única janela existente na cozinha, o espaço é pouco iluminado e contido dentro de si mesmo. A contenção da iluminação natural pode ser algo positivo como aprendemos no *Collège Neérlandais*, no entanto o abuso da utilização de luz artificial denuncia que este não é o caso. Nas plantas ao lado estão os dois projetos da *Maison du Portugal*, com a localização da cozinha. Repare que a antiga cozinha estava localizada no mesmo sítio e já obedecia ao módulo estrutural do edifício. A ampliação poderia ter acontecido sobre o módulo ao lado, mas isso eliminaria um quarto por piso. Como solução, o arquiteto preferiu garantir quatro quartos à residência e contraiu e eliminou programa ao corredor. Deste gesto surge uma contenção atmosférica no espaço da cozinha que, agora mais profundo, continuou a ter apenas uma janela para o exterior. A qualidade espacial da cozinha reflete-se nas respostas obtidas nos inquéritos realizados aos residentes que, pontuam a cozinha com 6 valores e o corredor com 2 valores. Repare que a maior parte do espaço comum da residência cria um ambiente de **contenção**, que funciona melhor em algumas ocasiões do que outras. São exemplo a contenção do espaço exterior privado do pátio e jardim, positiva; a contenção de sombra nos corredores pouco iluminados, negativa; e a contenção de luz artificial e cor vermelha no piso enterrado, negativa quando comparada com outras residências.











2018, Bruther

résidence julie-victoire daubié

106 residentes
10 nacionalidades

estratégia utilizada na sociabilidade da interseção dos corredores:
- galerias (distribuição)
- planta em "H" (organização)
- interseção (posicionamento)
- transparência (atmosfera)

A residência apresenta um volume compacto dividido em dois corpos, cuja organização é claramente legível através da sua secção. O cubo é elevado sobre pilotis para se proteger da poluição sonora da estrada circular periférica da cidade de Paris e, com a mesma lógica, o espaço de entrada e zonas comuns estão parcialmente enterrados (num piso -1) para se protegerem do ruído, ganharem privacidade e estarem em contacto com a natureza exterior. Assim, o piso 0 é desobstruído e apresenta uma continuidade com o parque que multiplica as perspectivas da paisagem.

A organização tipológica da planta é baseada em três bandas paralelas orientadas de norte a sul: duas delas dedicadas a unidades habitacionais e, entre elas, uma banda vazia contendo as circulações verticais. Os locais de encontro do piso -1, 0 e cobertura sublinham a dimensão coletiva do edifício, bem como a sua relação com o seu contexto e paisagem. Estes espaços utilizam a cor na marcação de espaços ou no mobiliário, à semelhança do Pavilhão Suiço. No último andar, a área de circulação é alargada para criar um terraço coletivo protegido por painéis transparentes, um ginásio e uma sala polivalente, que fomenta o convívio e ao mesmo tempo transforma o espaço num miradouro sobre a cidade. O projeto instrumentaliza os percursos de circulação e a transparência entre o exterior e o interior, parque e edifício, intimidade doméstica e o espetáculo cinético da paisagem periférica. Sugere um equilíbrio delicado entre estratégia e forma, rigor e liberdade, imediatismo e evolutividade nos modos de habitar. À semelhança das restantes residências da Fase 3, o projeto preza o espírito comunitário residencial. Desse modo e considerando o programa no seu futuro, o projeto representa infraestruturas abertas que se enquadram numa abundância de possibilidades de contexto e uma ampla maleabilidade de usos à vista de todos, devido à transparência dos seus espaços.

programa:

Cobertura: É praticável, com sala de fitness, sala polivalente e solário.



Piso tipo: 106 apartamentos para estudantes de doutoramento e investigadores e sala de convívio em cada nível, na interseção dos corredores.



Piso 0: Parque de bicicletas, piso térreo desobstruído.



Piso -1: Recepção, hall com biblioteca e diversos espaços de estar em open-space, com mesa de tênis, matraquilhos.



① entrada / pátio

O piso de entrada está situado abaixo do solo natural e permanece acessível através da utilização de rampas e passadiços. Desta forma, o rés-do-chão é um espaço generoso: existe uma verdadeira permeabilidade entre o parque e o edifício. Torna-se parque de bicicletas, jardim e pátio onde são possíveis variadas atividades de lazer e momentos de partilha. A utilização do piso térreo livre é uma espécie de reinterpretação da *Fondation Suisse* de Le Corbusier.





② recepção / hall

Se o visitante seguir a rampa, alcança o piso -1 do jardim onde está localizada a recepção e hall com uma sala de estar *open-space* organizada em torno de caixas que albergam os acessos verticais e a recepção. O espaço alberga mobiliário lúdico e pequenas zonas de estar com bancos, mesas e cadeiras. A sua volumetria de caixa translúcida invoca o mundo natural na atmosfera interior. Esta configuração torna-se a imagem principal da residência, protegida do exterior sem ser introvertida.



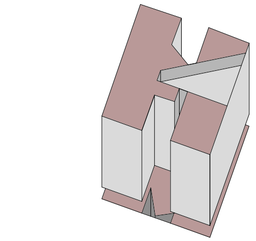


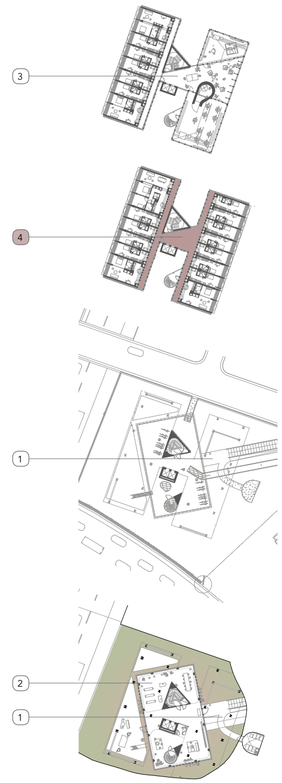
③ cobertura / terraço

A cobertura praticável permite inserir programa público, transformando-a um terraço (solário), com sala de *fitness* e a sala polivalente que, pela primeira vez na *Cité*, aparece no último piso. Estes espaços são tratados como volumes autónomos que criam voluntariamente uma dissimetria entre os dois blocos. À semelhança da Unidade de Habitação de Marselha (Le Corbusier, 1952), a cobertura é ocupada com um programa coletivo exterior e interior, qualificado com a paisagem de Paris.







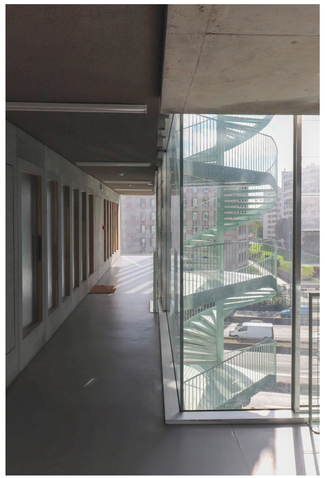


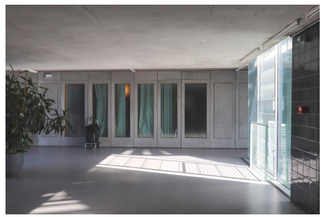
4 circulação: galerias com panos de vidro

Concebido sobre um plano em forma de H, o edifício reserva o espaço central para as circulações e salas de estar, inteiramente envidraçadas, que funcionam como uma galeria de encontro vertical entre os dois volumes residenciais.



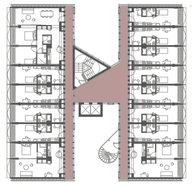






O dispositivo estratégico comunitário identificado neste projeto são as **galerias interiores qualificadas através da transparência** dos panos de vidro. Em planta, a residência aparece como um cubo subdividido em três áreas paralelas, criando uma **"planta em H"** que permite um jogo de transparência e profundidade visual: duas unidades habitacionais distribuídas em galeria interior em ambos os lados e, na sua **interseção**, um espaço intermédio, entre circulações, que representa o coração do edifício. A racionalidade estratégica do desenho da planta permite criar um espaço intermédio, entre as circulações: um hall de partilha para os residentes que recebe o elevador e a caixa de escadas. O rigor da organização espacial permite oferecer este espaço extra, um espaço de transição que permitirá a sociabilização e reuniões abertas.

O edifício torna-se subitamente mais evanescente com a qualificação espacial atribuída a esta área comum, voluntariamente tratada como um volume transparente. A transparência dos espaços que compõem o "miolo" do edificado expõe os residentes à comunidade residencial, independentemente do piso onde se encontrem. Cria-se um espírito comunitário que apela pela inclusão, mas por outro lado é rompida a privacidade visual no momento de transição da vida pública de cada residente, para a sua vida privada dentro dos apartamentos; ainda, a transparência permite obter uma boa orientação dentro do edifício (*wayfinding*) que facilita o bem-estar espacial dos seus residentes, conclusão que também se reflete nas respostas obtidas nos inquéritos realizados: os corredores (galerias), sala de estar e terraço/pátio são os espaços comuns que mais são do seu agrado, com pontuações de 10 valores.











2020, Explorations Architecture

pavillon habib bourguiba

227 residentes
30 nacionalidades

estratégia utilizada na sociabilidade do átrio central:
- galerias em mezanino (distribuição)
- planta em "O" (organização)
- átrio central (posicionamento)
- amplitude (atmosfera)

O termo "pavilhão" é utilizado no *Pavillon Habib Bourguiba* simplesmente porque é o segundo pavilhão da já existente *Maison de la Tunisie*, que quis duplicar o número de estudantes que pode acolher dentro do espaço da cidade universitária - uma concentração única de culturas, natureza e arquitetura. A suavidade das formas, a fachada emblemática e o átrio como lugar de intercâmbio, são as características que conciliam a procura de identidade e contemporaneidade na imagem da Tunísia no início do século XXI. A forma orgânica do projeto supera as dificuldades de um local exposto, não só aos elementos, mas também ao ruído e ao olhar. O seu envelope externo, que protege e une, é ao mesmo tempo um filtro e uma obra de arte, uma abstração caligráfica que significa o país que representa, a Tunísia.

A disposição interna separa totalmente as zonas públicas e privadas. Na zona pública, o hall de entrada acede a três espaços públicos do edifício: o auditório de 250 lugares que ocupa parte do rés-do-chão e a cave, um *tearoom* (casa de chá) aberto ao público e o pátio exterior com jardim. Na zona privada do piso 1, localizam-se os principais espaços comuns - sala de jantar/cozinha, sala de TV, sala de fumadores, lavandaria - e áreas de serviço e instalações administrativas com escritórios. O edifício dá prioridade aos espaços comuns que asseguram uma atmosfera acolhedora, estudiosa e comunitária: o átrio unifica o conjunto com as suas ligações verticais e corredores em espiral; uma cozinha/sala de jantar comunitária; uma sala de leitura/tv. O átrio também distribui a vida privada dos residentes. A distribuição da vida privada dos residentes é realizada de duas formas distintas, que os inclui no espírito comunitário residencial ou os posiciona em segundo plano. Independentemente do seu posicionamento, todos os quartos estão equipados com mobiliário à medida, cujas formas curvas ecoam o edifício.

programa:

Piso tipo: 227 quartos para estudantes distribuídos com galerias em torno do átrio central.



Piso 1: Átrio e cozinha comunitária; lavandaria, sala de tv, sala de reuniões.

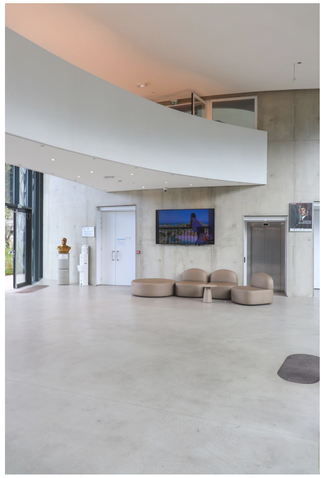


Piso 0: Recepção, hall com prolongamento para pátio exterior, biblioteca, sala de convívio com bar e sala polivalente.



① recepção, hall e jardim exterior

O momento de entrada no edifício está sinalizado no vazio escavado do volume acompanhado pelas curvas do edifício. Na transição do exterior para o interior, a continuidade espacial está presente no movimento transversal que se inicia no exterior, passa pelo interior do hall e se prolonga até ao jardim exterior. Este ambiente cria a sensação ao residente de estar fora do edifício, estando ele no seu interior. Para além de barreira acústica, o jardim invoca o mundo da natureza - ao qual todo o ser humano pertence - para dentro do espaço.





② *teahouse* e sala de convívio

A *teahouse* (casa de chá) está localizada no rés-do-chão e permite o acesso aos seus residentes, pelo interior da residência, e ao público, pelo exterior. O espaço é amplo e a curva do edifício amplifica essa característica. O sistema de sombreamento exterior dificulta a vista do exterior para o interior, mas permite observar o exterior, de dentro para fora. Esta tensão entre exterior e interior dá privacidade ao espaço, ao mesmo tempo que permite o prolongamento visual para o exterior. Ao competir com este espaço, a sala de convívio perde protagonismo.



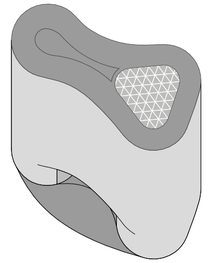


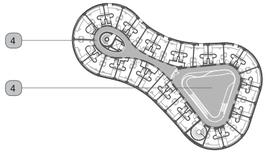
③ átrio-*lounge* e cozinha-sala de jantar comunitária

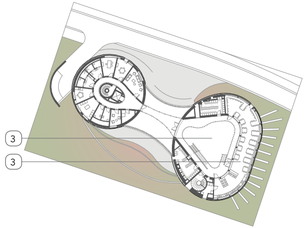
Quando o residente se desloca para o átrio, é confrontado com equipamento lúdico e mobiliário que o convida a permanecer no espaço. Assim, piso térreo do átrio transforma-se em *lounge* comunitário que possibilita as relações interpessoais entre os seus residentes. Apoiada nesse caráter comunitário, a cozinha localiza-se ao seu redor. Este é o único espaço da residência onde os residentes podem cozinhar, que também funcionada como comedor. O facto de apenas existir uma cozinha, intensifica o espírito comunitário residencial.

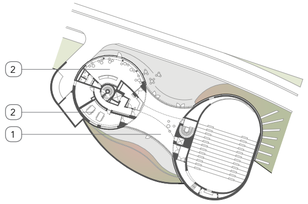








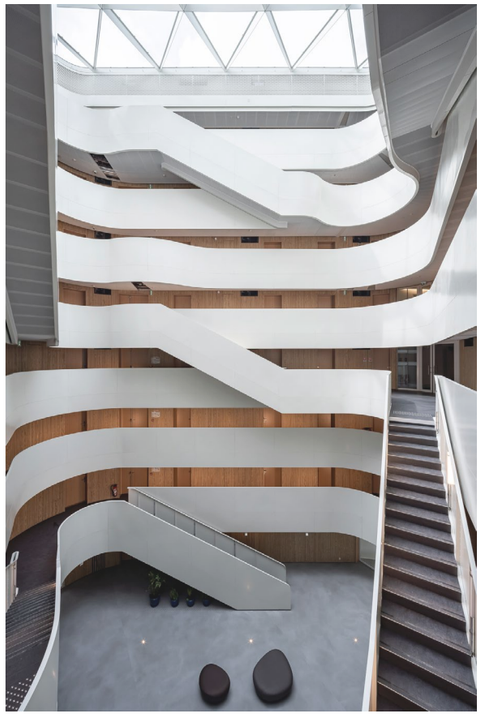




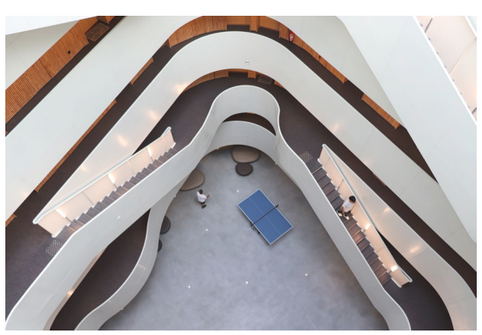
4 átrio: galerias em mezanino em torno do espaço

O forte espírito comunitário assemelha-se ao átrio do Familistério de Guise (1859-84) . O átrio situado no coração do edifício é iluminado por uma clarabóia e à sua volta existe uma escadaria em espiral. O local de encontro e de intercâmbio tem amplitude suficiente para unir a galeria em mezanino distribuídas pelos 8 pisos. Ainda, proporciona um espectáculo social nas ligações entre os diferentes pisos graças às suas galerias abertas que distribuem os quartos e proporcionam a inclusão dos seus residentes.

O efeito oposto também é identificado no corredor que distribui os quartos do outro lado da residência. Em vez da inclusão, esse espaço exclui e privatiza a transição do mundo comunitário para o quarto privado. A bipolaridade inclusão-exclusão exemplifica dois ambientes distintos dentro do pavilhão que sublinham as características positivas e negativas de cada produção espacial: inclui-o no ambiente comunitário mas exclui a sua privacidade, ou exclui-o do ambiente comunitário mas preserva a sua privacidade.

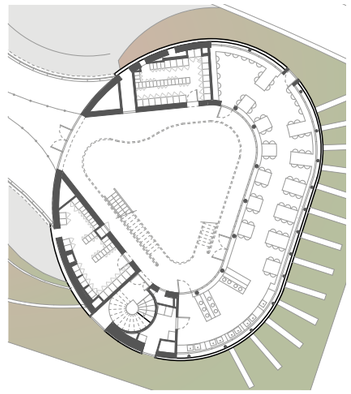


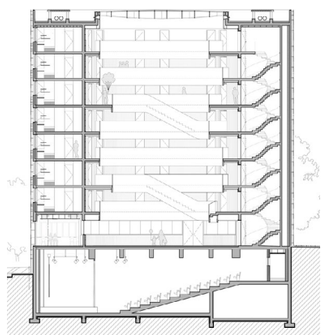






A estratégia utilizada nesta residência é clara: as **galerias espirais em mezanino,** em torno do **átrio central** qualificado com **amplitude vertical**. Repare que na secção a amplitude do átrio alcança os oito pisos da residência e no topo uma clarabóia ilumina todo o espaço. No interior, o átrio fluído e cheio de luz representa um espaço de encontro e intercâmbio que os estudantes são encorajados a apropriar-se. Este lugar une todos os espaços da residência, quer sejam comuns ou privados, e organiza o movimento em torno do edifício. Ao redor do espaço fluído e panóptico, a cozinha comunitária, que também funciona como sala de jantar e de convívio, envolve o átrio e forma o coração comunitário do piso. Além de servir de poço de luz que organiza a residência, o átrio incentiva as relações interpessoas: permite que os estudantes se encontrem e possam conviver num ambiente informal e evita os corredores longos, escuros e monótonos presentes em outras residências da *Cité*. Este exemplo comprova que a atmosfera do espaço consegue modificar os seus usos: os residentes passam mais tempo a conviver no *lounge* do átrio central ou na cozinha comunitária, em vez da pequena sala de convívio. As respostas dos inquéritos realizados aos residentes mostram que os corredores, que são entendidos como átrio, é um dos espaços preferidos da residência. O espírito comunitário que este espaço proporciona e a sua possibilidade das relações interpessoais entra em concordância com a avaliação, o que leva a creer que possa ser esta a sua causa. Para além de uma estratégia de distribuição, organização e posicionamento do programa, o átrio, qualificado através da sua amplitude e iluminação, torna-se um espaço de referência para futuros projetos da Cité, como o projeto da futura *Maison de la Chine* que procurou a mesma estratégia.

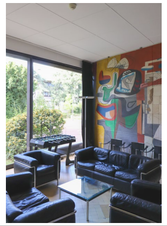


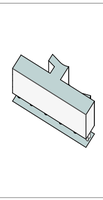


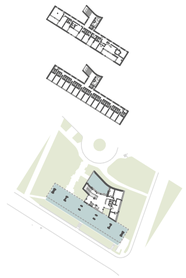


[Cronologia 3]

1933 FONDATION SUISSE



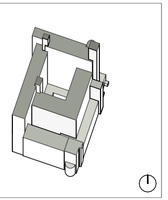






1938 COLLÈGE NEÉRLANDAIS



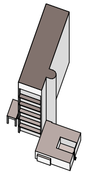






1954 MAISON DE NORVÈGE

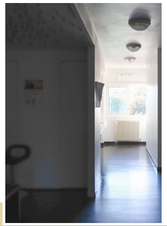


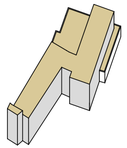






1967 MAISON DU PORTUGAL



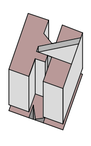


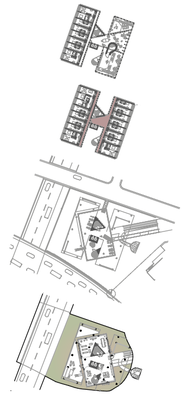




2018 RÉSIDENCE J.V. DAUBIÉ



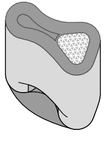


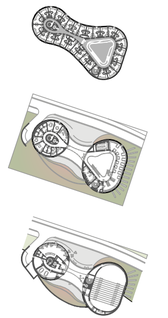




2020 PAVILLON H. BOURGUIBA









a estratégia

II. atmosferas e dispositivos de distribuição estratégicos

Foram identificados os dispositivos de organização e distribuição espacial de cada residência-chave e as estratégias utilizadas para qualificar a atmosfera do espaço. Quando são confrontadas com as respostas dos inquéritos realizados aos seus residentes, a crença de que as estratégias utilizadas proporcionam sociabilidade ao espaço ganha credibilidade. No sentido figurativo, estes elementos podem ser vistos como ilhas espalhadas pelo oceano disciplinar da Arquitetura que, quando relacionadas entre si, constituem arquipélagos. É possível então identificar dois arquipélagos de estratégias distintas: o arquipélago das atmosferas, relacionado com a materialidade e a dimensão da matéria; e o arquipélago dos dispositivos de distribuição, relacionado com a organização, o posicionamento e a distribuição espacial do programa de arquitetura. Acredita-se que seja possível construir a comunidade ou coletividade *[Cap.I, parte III]* através dos dispositivos estratégicos, e qualificar o espaço *[Cap.I, parte IV]* através da atmosfera.

- ATMOSFERAS -

Anteriormente *[parte IV cap.I]*, foi entendida a importância da atmosfera do espaço porque poderá modificar o seu modo de habitar, de conviver e vivenciar o espaço, bem como o bem-estar psicológico. O arquipélago das atmosferas abrange as estratégias relacionadas com materialidade e dimensão da matéria. Dependendo do tamanho, material ou matéria utilizada, é possível caracterizar um espaço através da sua textura, cor, transparência, iluminação, natureza, mobiliário e até mesmo espaço vazio, que podem ser entendidas como ilhas que participam neste arquipélago.

entre a extensão e a contenção do espaço

(interior e exterior; jardim, pátio, terraço, varanda e paisagem)

O espaço, quando é visto como matéria espacial, refere-se ao espaço deixado livre entre os objetos. A forma desse vazio tem, simultaneamente, uma descrição geométrica e uma descrição topológica. O vazio é naturalmente o domínio espacial do corpo e cenário no qual o movimento do corpo acontece, realizando desse modo o que se conhece, em arquitetura, como atividade ou função, ou ainda, no âmbito do projeto, o programa. A forma do espaço e o deslocamento do corpo modificam-se mutuamente. A espacialidade portanto, não é neutra, ela pode colaborar ou travar o desempenho do corpo. Deste modo, o deslocamento do espaço dentro da residência influencia os corpos que nele se deslocam. Segundo os exemplos analisados, a extensão pode ocorrer para um jardim, um pátio, um terraço, uma varanda ou até mesmo sobre a paisagem (visualmente). A conquista do espaço exterior é um ponto positivo que permite aumentar a área do espaço, torná-lo extrovertido e criar novas possibilidades de sociabilizar - o exemplo da cozinha da *Maison de Norvège* que se estende para uma varanda permite comer no exterior num dia de verão. Esse "novo programa", no espaço vazio do exterior da varanda, poderá influenciar o movimento do corpo do residente a comer junto da fachada virada a sul, no seu exterior. A vista para a ampla paisagem reforça o prolongamento do corpo no espaço para o mundo exterior. Acredita-se que esta atmosfera influencie inconscientemente o residente a imitar a característica do espaço de extensão e abertura para o mundo, levando-o a partilhar e conviver com os seus colegas.

Com efeito contrário, a contenção encerra o espaço sobre ele próprio, o que implica um ambiente mais introvertido e intimista, mas também maior retraimento e isolamento. No caso da *Maison du Portugal*, quando o residente se movimenta do balcão da cozinha, junto da janela, para dentro do espaço contido no interior pouco iluminado, aprofundado e sombrio da residência, o seu corpo percepciona essa atmosfera através do movimento do seu corpo no espaço. Acredita-se que isto poderá influenciar o seu estado de espírito a retrair-se, conter-se e isolar-se, quando comparado com a atmosfera da cozinha da *Maison de Norvège*.

entre o colorido e o neutro

(cor; material e acabamento)

Na *Fondation Suisse*, Le Corbusier cria um jogo entre o colorido e o neutro. Utiliza a cor para marcar e qualificar as zonas de convívio, assim como algum mobiliário, enquanto os espaços de circulação têm um ambiente neutro. Isto modifica a leitura do espaço e indica onde os residentes devem conviver. Quando a cor é bem utilizada, pode qualificá-lo com mais vida, estimular e intrigar. Pode impactar as pessoas psicologicamente e fisiologicamente, demonstrando ser uma ferramenta para qualquer arquiteto. A cor necessita ser tratada com prudência para o espaço não cair no exagero na sua utilização, como acontece na *Maison du Portugal* onde muitas paredes, pisos e alguns tetos são pintados exaustivamente e com cores que por si só, já são escuras. Para compreender a cor é necessário sensibilidade, mas também entender a sua ciência. Toda a cor é clara e quando a luz insere sobre a cor o seu tom muda e o sujeito compreende ou experimenta essas mudanças. Ao escolher cores escuras para o chão e paredes em corredores com pouca iluminação, o arquiteto não prestou a devida atenção ao estudo da cor no projeto. Nas residências contemporâneas, a cor é utilizada através da cor original dos materiais em vez de os pintar. Na *Résidence J.V. Daubié*, o atelier Bruther cria um ambiente sóbrio onde a cor verde da natureza e os apontamentos coloridos em tom pastel no mobiliário ganham destaque. O *Pavillhon Habib Bourguiba* utiliza a mesma estratégia onde no átrio central o ripado da madeira e a sua cor castanha dão cor natural ao espaço branco.

entre a luz natural e a sombra

(dimensão; poço de luz, vãos e caixilhos)

Trabalhar com a luz, seja ela natural ou artificial, permite criar diferentes graus de intimidade no espaço, apropriada à função do espaço. O desenho dos vãos, clarabóias, poços de luz (pátios) e do caixilho do *Collège Neérlandais* permitiu ultrapassar obstáculos na iluminação natural de todos os espaços, incluindo o mais difícil de iluminar: o piso enterrado. A vista e a luz estão diretamente ligados. A abertura que oferece uma fuga ao olhar é também aquela que deixa penetrar a luz natural. O dimensionamento das entradas de luz, assim como os sistemas de sombreamento permitem jogar entre a luz natural e a sombra

a atribuir ao espaço intimidade, quando a luz é pouca, ou exposição, quando uma sala é bem iluminada. Repare que a forma como se comunica e as barreiras de intimidade pessoais ou até sociais podem ser quebradas através do ambiente construído: uma sala pouco iluminada automaticamente aproximará as pessoas e modificará a sua distância social, independentemente da sua cultura. Trabalhar a luz aparece frequentemente como uma compensação do espaço, como é o caso da grande clarabóia que ilumina o espaço central do átrio do *Pavilllon Habib Bourguiba*. Também é importante ter isso em consideração quando os espaços são pequenos, como a cozinha da *Maison du Portugal*. O seu espaço poderia ter conquistado mais luz natural, no entanto a contenção do espaço para o interior da residência resultou num ambiente escuro junto da mesa de convívio.

entre a transparência e a opacidade

(exposição; janelas, vidro e paredes)

A transparência serve para mostrar e a opacidade para esconder. Enquanto a *Résidence J.V. Daubié* e o *Collège Neérlandais* utilizam galerias transparentes para deixar à vista de todos o espaço privado da circulação da residência, outras preferem utilizar a opacidade e esconder a sua circulação a eixo do edifício, como a *Maison du Portugal* e a *Maison de Norvège*. A *Résidence J.V. Daubié* instrumentaliza os corredores e a transparência entre o exterior e o interior, parque e edifício, intimidade doméstica e o espetáculo cinético da comunidade residencial para gerar espírito comunitário na unificação do espaço. Com a transparência, a vista em movimento também se torna uma componente do design do edifício. O mesmo acontece no *Pavillon Habib Bourguiba* onde o espírito comunitário da residência é reforçado na transparência das galerias mezanine, ao redor do átrio central. A transparência também pode ser utilizada em paredes e portas interiores entre compartimentos, para alcançar luz ou exibir algum espaço aos residentes, como é o caso da parede de vidro que divide o hall de entrada e a sala de convívio da Fondation Suisse ou as portas da cozinha da *Maison du Portugal*.

entre o natural e o sintético

(natureza; jardim, plantas e materialidade)

Devido à industrialização e sistemas construtivos mais complexos, materiais sintéticos como o plástico, o ferro, o betão e o aço tornaram-se escolhas da arquitetura moderna e contemporânea. A janela permite a conexão do exterior e o interior e muitas vezes invita o mundo natural a participar no espaço interior, como é exemplo a sala de convívio do *Pavillon Suisse* e o lounge do hall de entrada da *Maison de Norvège*. Se *Maison du Portugal* tivesse seguido a mesma estratégia no pátio e jardim privado o espaço interior da residência qualificava a sua sociabilidade espacial. Isto deve-se ao facto do ser humano, ao entrar em contacto com a natureza, outros seres vivos ou materiais naturais, a sua função cognitiva, saúde física e bem-estar psicológico aumentam - é assim que tem sido definida a biofilia, um termo reconhecido e utilizado pelas neurociências. O instinto humano inato de ligação coma a natureza é bem ilustrado no piso

de entrada da *Résidence J.V. Daubié*, que está enterrado e contagiado pela natureza à volta do espaço. Ao inserir plantas no interior do espaço a natureza ultrapassa as "paredes de vidro" e invade fisicamente o interior, criando bem-estar espacial e vontade de nele permanecer. Utilizar materiais naturais como a madeira ou mármore também reforçam este caráter. As superfícies em madeira lacada da *Maison du Portugal* são revestidas posteriormente com uma película de cor que anula a textura da madeira e torna a materialidade sintética. Isto também acontece em outras residências, o que torna a atmosfera do espaço abstraída da realidade natural e que pode causar o mesmo efeito no ser humano.

entre o fixo e o móvel

(mobiliário; apropriação, ocupação e peso)

Se o edifício é uma entidade cognitiva, e não apenas uma estrutura fixa possivelmente modificada pela deslocação do mobiliário, pode tornar-se dinamicamente reconfigurável com base na sua interação com as pessoas no seu interior. O mobiliário móvel, como poltronas, cadeiras e bancos está presente em várias residências. Na sala de convívio da *Maison du Portugal*, os residentes apropriam-se do espaço e dispõem as cadeiras na disposição que querem. Esta estratégia em pensar no mobiliário como algo que pode ser apropriado, em vez de ocupado quando está estático, pode ajudar a conceber ambientes que consigam responder de forma dinâmica às necessidades dos seus habitantes ao longo do tempo e proporcionar o convívio de formas distintas. O mesmo acontece com os bancos coloridos do hall do Pavillon Suisse, que os residentes podem mobilizar facilmente para o pátio exterior e desfrutar da brisa de uma tarde de verão. O mobiliário fixo limita a flexibilidade e adaptabilidade do espaço, no entanto também apresenta aspetos positivos: mantém a organização e funcionalidade do programa. No jogo entre aquilo que é fixo e aquilo que é móvel também entra o peso das coisas. Os sofás da sala de convívio da *Maison de Norvège* são pesados o que faz com que as pessoas não os mudem de lugar com tanta frequência. Repare como uma estratégia mal aplicada poderá anular a outra: se a mesa e cadeiras da cozinha desta residência estivessem fixas ao chão ou fossem pesadas como as da *Maison de Portugal*, seria impossível mobilizá-las até a varanda e usufruir na sua totalidade da atmosfera do espaço.

- DISPOSITIVOS DE DISTRIBUIÇÃO -

O arquipélago dos dispositivos estratégicos abrange as estratégias relacionadas com a organização, distribuição e posicionamento do programa de arquitetura. Estas, alteram o modo como o sujeito se desloca, vivencia e percepciona o mundo ao seu redor. Anteriormente *[parte IV cap.I]* foi entendida a importância do *wayfinding* que, segundo as Neurociências, define-se como o processo cognitivo, social e corpóreo da experiência de localizar, seguir ou descobrir um caminho através e para um determinado espaço. Assim, a navegação no tempo e no espaço dentro da residência universitária permite ao cérebro criar uma memória episódica à medida que o espaço é percorrido que, voltado a percorrer, o sujeito se

saiba localizar dentro do edifício. Em sistemas de circulação complexos e opacos, por norma o sujeito sentirá insegurança, stress e desorientação espacial até que a sua memória episódica crie um mapa mental do espaço. Isto destabilizará o seu bem-estar e, por consequência, as suas relações interpessoais. Assim, os dispositivos estratégicos de organização espacial demonstram diferentes formas dos residentes se orientarem no espaço mas também diferentes formas de se isolarem ou participarem no espírito comunitário tão procurado pelas residências nos dias de hoje.

entre a inclusão e a exclusão comunitária

(organização e distribuição do programa; átrio ou pátio central, galeria, corredor e open space)

Com a análise das residências-chave, foi possível verificar que o modo como o programa da residência está organizado e distribuído através dos dispositivos estratégicos causa efeitos de inclusão ou exclusão comunitária. Na inclusão, a distribuição espacial à volta de um espaço - pátio ou átrio - proporciona o contacto direto ou indireto, físico ou visual entre residentes. Estas soluções apresentam um ambiente extrovertido e exposto. A exclusão implica o oposto: um ambiente introvertido e isolado, normalmente organizado por corredores interiores, caracterizado pela sua atmosfera opaca em vez da transparência. A circulação do *Pavillon Habib Bourguiba* contrasta as duas hipóteses anteriores: a possibilidade do residente viver num quarto onde um corredor interior distribui de forma privativa a sua habitação, ou então de um modo exposto, viver num quarto localizado no grande hall com galerias que distribuem a privacidade de cada residente aos olhos de todos. Esse espírito comunitário é semelhante ao do grande átrio do Familistério de Guise *[p. 25].* O corredor da *Maison du Portugal* é quebrado na interseção com o acesso vertical para continuar a distribuir a vida privada num segundo volume. Essa quebra divide espacialmente as residência em duas alas e exclui os dois grupos a participarem na vida coletiva um do outro. Ainda, é possível verificar alguns espaços das residências organizados em *open space* onde a fluidez da interligação de espaços incentiva à inclusão comunitária - como é o caso da ligação do hall *do Pavillon Suisse,* da *Maison de Norvège* e da *Résidence J.V.Daubié* a outros espaços da residência.

entre a convergência e a divergência

(posicionamento, interseção e repetição; corredor na fachada, no interior a eixo ou quebrado)

A convergência dos residentes acontece quando se insere estrategicamente espaços de reunião na interseção de dispositivos, como corredores e acessos verticais. O exemplo dos corredores da *Résidence J.V. Daubié* retratam bem esta situação: os dois corredores intersetam-se num hall que recebe os acessos verticais. Nesse ponto de convergência as esferas privadas dos residentes encontram-se. O mesmo aparenta acontecer com a interseção dos dois corredores da *Maison du Portugal,* onde de facto existe uma interseção no pequeno hall que recebe os acessos verticais. No entanto, a atmosfera espacial não convida os seus utilizadores a permanecer e usufruir do espaço, ao contrário da *Résidence J.V.D.* Isto separa a residência em duas partes e diverge os residentes em mundos opostos. Repare que nas duas

residências a organização do espaço interseta os fluxos do movimento dos residentes, no entanto, é a sua estratégia atmosférica que define a permanência no lugar e sua interseção como um espaço convergente, de estar, ou divergente, de passagem. Desse modo, tanto a convergência como a divergência implicam a interseção de circulações, mas o que as distingue é a sua estabilidade atmosférica. A repetição do programa também cria pólos de convergência e divergência. Hoje em dia, a cozinha é provavelmente o lugar da residência onde as pessoas mais se encontram e a sua quantidade e posicionamento - por piso ou cozinha única - poderá modificar o núcleo comunitário. Quando são comparadas as cozinhas inseridas por piso - nas residências suiça, holandesa, norueguesa e portuguesa - com a única cozinha do *Pavillon Habib Bourguiba*, entende-se essa a mutação comunitária. A única cozinha do pavilhão converge estrategicamente todos os residentes num único espaço que, ao posicionar-se junto do átrio central, intensifica a coerência entre o dispositivo estratégico e a atmosfera do espaço em alcançar o objetivo comum: qualificar sociabilidade ao espaço. No caso das cozinhas inseridas por piso, como acontece nas restantes residências, divergem a comunidade residencial em várias coletividades organizadas por piso.

entre a sinalização e a fluidez espacial

(movimento do corpo no espaço; placas de sinalização e percurso)

A sinalização dentro da residência ajuda a alcançar um bom nível de *wayfinding.* Ela pode estar presente em sinais colados à parede ou escritos no chão, mas também na arquitetura. Quando os sistemas de distribuição e organização espacial são complexos, a sinalização gráfica ou iconográfica torna-se essencial. No entanto, nessas ocasiões a escassa fluidez espacial demonstra que não é a arquitetura quem domina o espaço mas sim a sinalização. A forma como o programa está organizado, distribuído e posicionado tem o poder de conduzir o movimento do corpo do sujeito no espaço. Repare que as residências com melhor organização espacial seriam aquelas em que os seus utilizadores não necessitassem de coordenadas sinalizadas nas paredes e portas para se deslocarem dentro dela. A arquitetura deve ter o poder de encaminhar o movimento do corpo no espaço, de forma fluída. Um grande exemplo é jogo entre o colorido e o neutro da *Fondation Suisse* que sinalizar e distingue as zonas de convívio do espaço de circulação, ou até mesmo os bancos que os seus residentes podem mobilizar para o pátio exterior. No *Collège Neerlandais,* Dudok atribuiu ao espaço diferentes intimidades ao jogar com a luz natural e a sombra. É essa atmosfera o que define e sinaliza os espaços em torno do seu poço de luz, o pátio. Assim, os espaços sinalizados com luz íntima são os que estão enterrados no piso -1 e que sinalizam o ambiente boémio e lúdico da sala de convívio. Ao redor do seu pátio do rés-do-chão, a intensidade da luz que entra pelos janelões do hall e da sala de estudo sinaliza os lugares de partilha de conhecimento. Também na residência *J.V.Daubié*, o espaço que alarga na interseção dos corredores sinaliza que é nele onde as pessoas podem conviver. Repare uma última vez no átrio do *Pavillon Habib Bourguiba* e entenda como a atmosfera do espaço tem o poder de sinalizar a sociabilidade: é o ponto onde todos os residentes convergem e são incluídos na amplitude da comunidade residencial, iluminada pela grande clarabóia.

a reflexão

III. a sociabilidade do espaço e os conflitos multiculturais

A análise crítica das residências-chave permitiu a identificação de estratégias que unem ou separam os seus residentes ou que modificam a atmosfera do espaço onde se encontram. De acordo com o seu uso e qualificação, têm o poder de afastar ou aproximar as pessoas, de insociabilizar ou sociabilizar o espaço. Quando reconhecidas pelo arquiteto, as estratégias do jogo entre atmosferas e dispositivos de distribuição podem ser utilizadas para obter espaços de convívio que proporcionem o bem-estar psicológico, a união entre pessoas e a permanência no lugar. Com esta investigação, torna-se possível alertar e sensibilizar os arquitetos de futuras intervenções dentro da *CIUP* através dos tópicos principais que a compõem: a evolução dos modos de habitar da residência universitária; e as estratégias que foram utilizadas ao longo do tempo, para criar um espírito comunitário dentro da residência ou uma atmosfera adequada a cada necessidade que compõe o campo da sociabilização. Assim, é possível o arquiteto aprender com o passado, para projetar um futuro coeso e que dê resposta à insociabilidade do espaço. Garantidas as estratégias, é necessário refletir acerca da sociabilidade do espaço e as dificuldades de sociabilização multiculturais. O capítulo II da dissertação termina com questão ***"Tiveram os arquitetos da Cité atenção às diferentes necessidades culturais no desenho dos espaços das residências universitárias?".*** Ao confrontar as estratégias utilizadas nas residências-chave (atmosferas e dispositivos de distribuição estratégicos) com os conflitos multiculturais relatados no capítulo II, é possível chegar a uma resposta. Os arquitetos **não** tiveram em atenção essas diferenças no desenho dos espaços comuns. Até pelo contrário. As residências que representam países, como a *Fondation Suisse, Collège Neérlandais, Maison de Norvège, Maison du Portugal ou o Pavillon Habib Bourguiba* por norma, tendem a selecionar arquitetos da nacionalidade do seu país para desenvolverem o projeto. Isto leva a que o desenho dos espaços muitas vezes corresponda somente às necessidades culturais de cada nação, assim como a qualificação da sua atmosfera. No caso da *Maison de Portugal* a residência parecerá mais "casa" aos portugueses devido à presença da calçada portuguesa na sua entrada, ou ao típico azulejo português como revestimento do balcão das cozinhas.

É inegável a importância e o impacto do livro de Edward T. Hall, e não deixa de ser surpreendente o facto de não ter havido, nos últimos cinquenta anos, uma maior relação entre a teoria e a prática, pelo que, numa era de arquitetura global, se torna interessante revisitar o autor. Foi possível concluir que as estratégias de distribuição e atmosféricas podem modificar as distâncias físicas entre as pessoas, descritas por Edward T. Hall *[cap. II, parte IV]*. A forma como comunicamos e as barreiras de intimidade, pessoais ou até sociais podem ser manipuladas e quebradas através do ambiente construído. Repare; ao iluminar menos o espaço, automaticamente as pessoas irão aproximar-se, independentemente da distância social definida pela sua cultura. O mesmo acontece com o som: se estiver muito barulho, as pessoas irão falar mais alto ou aproximar-se para conseguirem comunicar. No entanto, isto apenas juntaria ou afastaria a distância social entre as pessoas e não anularia os seus conflitos culturais, levando a deduzir que esta solução funcionaria apenas para pessoas da mesma cultura. Desde o início da *Cité Universitaire* (1925), os arquitetos e urbanistas projetam com pouca referência às necessidades proxémicas do ser humano. A construção e reconstrução do *campus* deve basear-se na investigação que conduza a uma tomada de consciência das necessidades da humanidade com conhecimento do seu mundo sensorial, tendo sempre consciência que estas características mudam de cultura para cultura. **É necessário rever e alargar a visão acerca da multiculturalidade humana que habita a CIUP**, de forma ao espaço projetado ser simultaneamente mais abrangente e realista com a mistura de culturas dentro das residências universitárias. Só assim é possível construir um espaço adequado a todas as culturas e satisfazer o bem-estar dentro e fora das fronteiras culturais, como o arquiteto é cada vez mais solicitado a fazer, para dar resposta ao efeito que a globalização tem na arquitetura.

A necessidade de remodelar, expandir ou construir novas residências surge da evolução dos modos de habitar e da necessidade de contemporizar o conforto do espaço. No entanto, já com 44 residências construídas, pouco é o espaço que sobra à *CIUP* para se expandir. A alternativa do futuro será remodelar e expandir as residências existentes, como é o caso da *Maison du Portugal* que remodelou e acrescentou o novo corpo de entrada à sua volumetria; ou a *Maison de Tunisie* que construiu o *Pavillon Habib Bourguiba* para expandir-se; poucas serão as novas construções de raiz. O problema está nas estratégias identificadas anteriormente, que são difíceis de aplicar em renovações devido às **limitações** pré-existentes. Muitas vezes a estrutura apresenta uma grelha rígida estrutural, como acontece no exemplo da *Maison du Portugal,* o que torna difícil a sua expansão quando também está em causa o capitalismo de "fazer render" o maior número de quartos possível. Isto faz com que a área dos quartos diminua e ocupe potenciais espaços de convivio. Também se torna complicado intervir em edifícios considerados património, como é o caso da *Fondation Suisse* e do *Collège Neérlandais*, de forma a adequar os seus espaços aos novos modos de habitar. Estas residências tornaram-se referência para a história da arquitetura e são hoje uma peça de arte do museu arquitetónico da *Cité Universitaire de Paris,* que o arquiteto não pode tocar mas que o público exterior pode visitar. Deverá a residência universitária permanecer uma escultura de arte vivida, ou um lugar para viver?

É fácil entender a dificuldade do arquiteto em desenhar espaços que se adequem a todas as culturas, devido às suas diferenças no modo de sociabilizar e habitar o espaço. Alguns exemplos dessas diferenças foram apresentados no subcapítulo *"A comunidade posta em causa" [p.73]*. Foram pertinentes para sensibilizar o leitor acerca da quantidade de conflitos que a mistura cultural pode causar quando habitam em conjunto. Mesmo que não haja uma resposta certa para as necessidades culturais dentro do espaço da residência, é importante consciencializar que este problema existe. Não se trata de encontrar uma resposta nem uma regra aplicável aos projetos de arquitetura, porque a regra define a ciência e a arquietura é muito mais do que uma ciência; também é arte. Portanto, a sensibilização é a resposta: sensibilizar os arquitetos deste problema de forma a que, quando pensem no espaço da residência universitária, o pensem com a sensibilidade necessária que tema pede.

IV.

considerações finais: da conclusão ao hábito.



a conclusão

I. considerações finais

Para concluir os vários problemas identificados nesta investigação e que foram aparecendo ao longo da sua elaboração, torna-se pertinente relembrar ao leitor o seu propósito. O mote da dissertação nasceu na experiência empírica de autor ao habitar a Cité Universitaire de Paris durante um ano, na Maison du Portugal. *Pelas caminhadas no parque do campus foi possível verificar, a partir do exterior, que existia espírito comunitário em outras residências: pessoas a conviver em varandas, pátios exterior e espaços interiores cuja atmosfera transparente e extensão para o exterior as qualificava. Questionei-me: porque é que não existe este espírito na residência que habito? Também existem espaços de convívio na Maison du Portugal mas muitas vezes as pessoas apenas se deslocam até eles para praticar funções, como a cozinha por exemplo.* Nasceu assim toda uma investigação em torno do tema, definido pelo título: "a (in)sociabilidade do espaço: o caso da Cité Universitaire de Paris".

capítulo I

A dissertação pretendeu desde o início detetar como se potencializa o espaço a proporcionar relações interpessoais entre as pessoas. A bibliografia estudada para o estado de arte, no capítulo I, permitiu adquirir conhecimento para entender a sociabilidade, reconhecer o sujeito para o qual se projeta, entender como se construiu o espírito comunitário ao longo dos anos - que posteriormente se transformou em espírito coletivo - e de que forma se pode qualificar o espaço. Através da interdisciplinaridade entre diferentes áreas do saber - arquitetura, sociologia, psicologia, antropologia e neurociências - foi possível organizar e estruturar a dissertação, sensibilizar a sua estratégia e unificar e estabilizar o seu conteúdo. Com a Sociologia, foi possível identificar o espaço como um dos objetos sociológicos da sociabilidade e definir esta palavra como a *"qualidade de ser sociável"*, ao contrário da palavra insociabilidade *"qualidade ou caráter de insociável"*. O bem-estar foi reconhecido como característica essencial para a sociabilidade do sujeito que é estabilizado quando estão concretizadas as necessidades humanas. Concluiu-se que o espaço está presente quando se concretizam essas necessidades e muitas vezes ausente quando não é possível concretizá-las. Isto revela que realmente o espaço tem alguma influência sobre o bem-estar psicológico das pessoas. Através da Psicologia entendeu-se que as pessoas são todas diferentes umas das outras, existindo personalidades introvertidas, ambivertidas e extrovertidas. Isto implica que o espaço desenhado pelo arquiteto não seja percepcionado da mesma forma por todos e afete o seu bem-estar de formas diferentes. Com a história da Arquitetura, conclui-se que o estudo dos dispositivos de distribuição da habitação coletiva permitem avaliar se as pessoas vivem em comunidade ou em coletividade, ao verificar a divisão da vida público-privada e os seus efeitos de inclusão e exclusão da vida comunitária. Hoje em dia uma comunidade é definida pela partilha de interesses, convicções políticas, sexualidade, religião e origens étnicas, em vez da mera proximidade física. Foi possível reconhecer que o efeito de globalização alterou o sentido de comunidade e que essa modificação foi acompanhada na arquitetura e pode ser revista e analisada nos dispositivos que permitem distribuir e organizar a vida

público-privada no espaço. Desde o movimento moderno, a introdução de dispositivos como o corredor interior longitudinal que se prolonga pelo edifício em barra contrasta com dispositivos anteriores que fortaleciam o espírito comunitário na vida coletiva, como é o caso de pátios interiores com galerias ao seu redor que distribuíam o programa e a vida privada dos habitantes ao seu redor. No final do capítulo, conclui-se que a aplicação de conhecimentos das Neurociências à Arquitetura tem o potencial de proporcionar edifícios e espaços que promovem de forma mensurável o bem-estar e ambientes mais saudáveis ou mais eficazes para atividades específicas. Quando relacionadas com estudos de arquitetura, foi possível entender que, através do estudo do sistema nervoso, a percepção do espaço não se limita apenas à visão, como tem vindo a acontecer com frequência na mercantilização visual dos projetos. A atmosfera espacial é vivenciada com todos os sentidos e a visão estática é apenas a visão consciente do mundo e, na verdade, o que afeta mais o nosso cérebro é a visão inconsciente periférica onde todos os sentidos participam. A sua opressão nos projetos de arquitetura muitas vezes tornam o espaço incapaz de responder à sensibilidade humana que se reflete posteriormente no modo como o sujeito habita, sociabiliza e se apropria do espaço, como foi possível verificar na *Maison du Portugal*, estudada no capítulo III. Assim, os pontos-chave deste capítulo são as ferramentas que estão ao dispor do arquiteto: 1. entender a sociabilidade; 2. reconhecer o sujeito; 3. construir a comunidade ou coletividade, através de dispositivos estratégicos; 4. qualificar o espaço, com atmosferas.

capítulo II

No capítulo II foi possível considerar a *Cité Universitaire de Paris* como uma comunidade estudantil que sofreu mutações sociais e espaciais ao longo dos anos. Apresenta três fases urbanística: a Fase 1 (1925-38), que representou a sua génese e onde foram construídas as residências da *Fondation Deutsch de la Meurthe, Fondation Suisse* e *Collège Néerlandais*; a Fase 2 (1952-69) caracterizada pela sua expansão, que inclui as residências *Maison de Norvège, Maison du Brésil* e *Maison du Portugal*; e a Fase 3 (2014-25) que surge como oportunidade para fazer renascer o espírito comunitário da *Cité*, através de residências como a *Maison de l'Île de France*, a *Résidence Julie-Victoire Daubié* e o *Pavillon Habib Bourguiba.* Entendida a evolução cronológica da CIUP, reconheceu-se a residência universitária como um programa que emergiu da evolução de diferentes tipologias da habitação coletiva , analisados no capítulo I. O termo "residência" aparece ligado aos modos de vida contemporâneos como uma habitação "secundária" que substituiu as antigas denominações nos edifícios destinados a alojar estudantes universitários - *albergue, hall, colégio e dormitório.* Entrar em contacto com a administração da CIUP esclareceu os termos *" fondation, pavillon, collège e résidence"* que foram utilizados para denominar as residências da *Cité* de forma indiferenciada sem relação aos modos de habitar ou a uma interpretação arquitetónica.

Relativamente ao programa e aos modos de habitar, conclui-se que, ao longo de 100 anos de evolução

programática da residência universitária, as estratégias - *dispositivos que organizam, distribuem e posicionam a vida público-privada dentro da residência; ou a qualificação dos seus espaços com diferentes atmosferas* - foram utilizadas para responder aos vários contextos da época que limitavam os projetos. Durante a Fase 1, o contraste da separação entre a vida privada e pública era maior, devido à opacidade causada pelas múltiplas divisões e os sistemas de circulação complexos; também porque as estudantes femininas não eram bem representadas, o que levava à separação de sexos em alas diferentes da residência. Apesar dessas limitações, as plantas com formas em "U" ou "H" reforçaram o seu caráter comunitário. Durante a Fase 2, a separação de sexos aparece reforçada com a ruptura volumétrica dos edifícios, diferenciando-se do programa compacto da Fase 1. A banalização do edifício em barra invocou corredores que, por vezes, não mereceram a devida qualificação espacial; isto refletiu-se em todos os pisos, com excepção do rés-do-chão que ganhou protagonismo na qualificação do seu ambiente. Se durante a fase anterior foi possível concluir a residência como um espaço de habitação coletiva, composto por uma coletividade e não uma comunidade, concluiu-se que os projetos da Fase 3 tendem a retornar ao espírito comunitário da vida residencial que se perdera durante a Fase 2, com sistemas de circulação readaptados. Assim, o programa e volumetria da residência torna-se compacto, e dispositivos como o pátio ou átrio central reaparecem na sua distribuição.

Estudar as nove residências identificadas no capítulo II permitiu concluir que o programa residencial sofreu alterações ao longo dos anos que refletiram os modos de habitar e utilização do espaço de cada geração, enquanto comunidade ou coletividade residencial. Assim, o espaço de entrada e recepção distingue-se, ao longo das fases, através do seu eixo de simetria, escadaria, movimento de ascensão, pátio coberto, palas e o jogo entre planos horizontais e verticais (fase 1); jogo de sedução de percurso ao redor do edifício, pérgola ou toldo exterior, paravento (fase 2); por último, verificam-se readaptações das estratégicas anteriores durante a fase 3.
Através do estudo da circulação dos edifícios, verificou-se que estes refletem o espírito comunitário ou coletivo ao longo das fases. Em todas, são utilizadas o corredor, mas a sua forma de separar a vida pública da privada altera de fase para fase. Assim, as primeiras residências têm sistemas de circulação e distribuição que identificam um espírito comunitário, no entanto a sua complexidade interior estreita e alarga os corredores ao longo do seu percurso; em residências de renome, o corredor por vezes ganha a qualidade de galeria, devido ao seu posicionamento e qualidade espacial. Na fase 2, foi possível verificar que os arquitetos negligenciaram a qualificação do espaço onde a circulação horizontal se funde com a vertical. No entanto, o corredor é utilizado de forma intuitiva e organiza de forma racional os espaços da residência. Já na fase 3, a área de circulação é mínima em comparação à das outras fases devido à compactação do programa e à transparência dos seus espaços, que apresentam agora menos divisões, amplitude e fluidez espacial. Ainda, aliado à reconquista do espírito comunitário, o átrio aparece como dispositivo estratégico que distribui a vida privada ao longo da residência, à semelhança do pátio interior

da fase 1. Quando comparados os espaços de convívio das três fases, foi possível concluir que o *hall (ou lobby)* manifestou-se com a mesma importância nas três fases. O salão/auditório teve extrema importância durante a primeira fase, mas posteriormente perdeu a sua importância e foi transformada em sala polivalente que os residentes não podem utilizar no dia a dia. A sala de estar foi o principal espaço de convívio da residência universitária durante a Fase 1 e 2, e na Fase 3 perdeu o protagonismo devido à importância comunitária que tornou a cozinha o principal espaço de estar da residência. Foi possível então verificar uma aliança entre a função programática e os novos usos do espaço através da ampliação da cozinha à qual lhe foi acrescentada uma zona de comer. Conclui-se assim que desde os anos 2000 (quando começaram as remodelações em massa na CIUP), todas as residências presentes no *campus* passam a ser caracterizadas pelo convívio comunitário ao redor da mesa.
Por último, o estudo da evolução do espaço privado na residência universitária demonstra que o quarto nunca foi visto apenas como um espaço para dormir. Foi devidamente qualificado e equipado ao longo das três fases para responder ao conforto dos residentes. Algumas diferenças podem ser concluídas: a inserção e qualificação do quarto de banho privativo no seu interior (este efeito apenas aconteceu na fase de remodelações e na Fase 3, com algumas excepções que incluem a *Fondation Suisse e a Maison du Brésil);* a existência de variedade tipológica de quartos - *individuais (todas as fases), duplos (fase 1 e 2), estúdios e apartamentos (fase 2 e 3)* - que definiram os limites da esfera privada de cada residente; e ainda, foi possível verificar nas novas residências que a exposição da privacidade de cada residente participa na vida comunitária da residência, em vez da sua exclusão - a porta do quarto, aberta ou fechada, é visível a todos.

Independentemente do espírito - *comunitário ou coletivo* - alcançado através da sua distribuição, dispositivos aplicados e do uso dos seus espaços, as residências universitárias da *Cité* passam hoje por uma crise comunitária, que põe em causa a sua "comunidade estudantil". Hoje, o conceito de "comunidade" transborda os limites físicos, sendo definido pela partilha de interesses, convicções políticas, sexualidade, religião e origens étnicas, em vez da mera proximidade física. Isto leva a que a ideia de pertença se torne independente da ideia de espaço, o que dificulta ainda mais a intervenção por parte dos arquitetos. Para além da transformação do conceito, foi possível concluir que essa crise se reflete no espaço da residência também devido à sua "política de mistura" de nacionalidades que encoraja a sociabilização de diferentes culturas. Esta política obriga que 30% a 50% dos residentes de uma residência sejam pessoas de outras nacionalidades, permitindo que cada residência possa acolher, em média, 20 a 60 nacionalidades diferentes. Assim, desde 1925 a *Cité Internationale* enfrenta o problema da globalização e do choque multicultural. Para contornar este problema, o setor administrativo tentou fortalecer o espírito de comunidade através de espaços físicos e virtuais na vida do campus, e continuou a assumir que o campus é uma "comunidade estudantil, talvez pela sua lógica de entidade privada com limites físicos claros. Verificou-se que a comunidade existente no *campus* é composta por 140 nacionalidades de todo o mundo, homens

e mulheres maioritariamente estudantes (92,4%) entre os 21 e os 27 anos a frequentar mestrado (68%) e que permanecem na *Cité* entre 6 a 12 meses (57%). Reconhecido o público alvo, foi possível formular inquéritos *[anexo 2]* que correspondessem a esse "tipo" de perfil.
Como reação à crise causada pelo contexto multicultural, o espaço das residências universitárias procurou várias estratégias através dos dispositivos estratégicos utilizados. Ao longo dos anos, foi possível concluir que o espírito comunitário existiu durante a Fase 1 e desapareceu durante a Fase 2, acompanhando os modos de habitar da habitação coletiva que, desde o Movimento Moderno, deixou de ser comunitária e passou a ser coletiva. No entanto, as novas residências da Fase 3 denunciam a importância dada aos espaços de convívio e à sua distribuição estratégica com dispositivos utilizados, que levam a crer na necessidade por parte da Arquitetura em voltar a atribuir o caráter comunitário à residência. Os dispositivos estratégicos ajudam a criar um espírito comunitário no espaço, mas a forma de o percepcionar e o habitar difere de cultura para cultura, como conclui a investigação.

Assim, para resolver o conflito cultural que se reflete na sociabilidade do espaço da residência, concluiu-se que o diálogo interdisciplinar deve existir entre os Arquitetos, Antropólogos e Sociólogos para estudar a cultura e sociedade contemporânea. Aprender com esta área de saber poderá ser útil ao Arquiteto na interpretação dos conflitos culturais à escala arquitetônica para projetar uma arquitetura mais inclusiva que responda ao desafio da globalização. Assim, será possível conseguir uma solução no desenho dos espaços das residências universitárias. Com base no estudos realizados por Edward. T. Hall em "The Hidden Dimention", publicado a 1968, entendeu-se que diferentes culturas têm diferentes formas de conviver e vivenciar o espaço. O autor demonstra que a distância social entre os indivíduos pode ser relacionada com a distância física e categoriza quatro distâncias possíveis na partilha do espaço: íntima, pessoal, social e pública. Conclui-se que estas distâncias variam com as diferenças de personalidade (efeito já concluído no capítulo I), gênero e cultura, factores ambientais e situações sociais - por exemplo, um nível de ruído elevado ou uma iluminação baixa aproximarão normalmente as pessoas. Estas distâncias são percepcionadas através dos cinco sentidos e é mediante os diferentes estímulos sensoriais que o ser humano se relaciona com a realidade que o rodeia. Isto relaciona-se com a percepção do espaço através dos cinco sentidos que o arquiteto Juhanni Pallasmaa defende. Chega-se à conclusão de uma possível resposta ao problema: a planificação do futuro estar assente em bases proxémicas, numa nova reestruturação. O traçar de "retratos culturais" implica sempre generalizações grosseiras, e os retratos traçados por Hall já poderão estar desatualizados. Estes países mudaram muito nas últimas décadas, inclusive do ponto de vista de miscigenação cultural. No entanto, conclui-se que estas descrições reforçaram o argumento em debate e mostraram ser pertinentes, pela exemplificação da forma como a diversidade cultural influencia a experiência e relação com o espaço. Uma coisa é certa: passou meio século desde a primeira edição deste livro e, no entanto, todos os pressupostos anunciados revelam ser extremamente atuais e úteis para várias disciplinas, incluindo a Arquitetura e o Urbanismo.

capítulo III

O estudo aprofundado das seis residencias-chave - *Fondation Suisse (1933), Collège Neérlandais (1938), Maison de Norvège (1945), Maison du Portugal (1967), Résidence Julie-Victoire Daubié (2018) e Pavillon Habib Bourguiba (2020)* - teve por base um processo de investigação que foi importante para construir e elaborar a dissertação. Assim, é reconhecida a importância de habitar e revisitar o espaço em estudo, para conseguir vivenciar de forma empírica e detetar as problemáticas da sociabilidade dos espaços das residências. Revisitar memórias passadas também é um exercício importante que permite refletir acerca da experiência pessoal de habitar a *Cité*. Consultar o arquivo da *CIUP* para coletar desenhos antigos, fotografias e os projetos de renovação permitiu desenvolver esta investigação com informação fidedigna e pertinente. Para além da perspetiva do estudante de mestrado de arquitetura, no capítulo I reconheceu-se a importância de ouvir a opinião da comunidade acerca do programa de arquitetura que habita, ou irá habitar, o que se refletiu na elaboração dos inquéritos. O levantamento fotográfico das nove residências proporcionou um discurso crítico e coeso com os restantes elementos reproduzidos, como desenhos de axonometrias, plantas e cortes de cada residência que permitiram, juntos, o reconhecimento das suas estratégias. Por último, a elaboração do texto crítico apoiou-se em de todo o material produzido e referido anteriormente, que permitiu identificar um espaço de convívio em cada residência em que seja possível identificar o seu dispositivo de circulação, sistema de organização espacial, posicionamento do programa e a respetiva atmosfera que o qualifica.

Assim, foram detetadas em cada uma, as estratégias principais apresentadas na tabela:

[52] - Residência, espaço, dispositivo, organização, posicionamento e atmosfera.

	dispositivo	**organização**	**posicionamento**	**atmosfera**
F. Suisse *sala de convívio*	parede e mobiliário	*open-space*	rés-do-chão, volume anexo	cor
C. Neérlandais *vários espaços*	pátio interior	ao redor de	fachada pátio interior	iluminação natural
M. de Norvège *cozinha*	corredor largo	a eixo, no interior	topo do edifício, por piso	extensão
M. du Portugal *cozinha*	corredor quebrado	a eixo, no interior	grelha estrutural, por piso	contenção
R.J.V. Daubié *interseção dos corredores*	galerias	planta em "H"	interseção	transparência
P.H. Bourguiba *átrio central*	galerias, em mezanino	planta em "O"	átrio central	amplitude e luz

Foi possível verificar que estas estratégias mudam de residência para residência e, por vezes, repetem-se entre elas. Quando são confrontadas com as respostas dos inquéritos realizados aos seus residentes, conclui-se que as estratégias utilizadas proporcionam sociabilidade ou insociabilidade ao espaço:

- *Fondation Suisse*: as respostas concluem que, para os seus residentes, esta residência é mais do que algumas peças de design de mobiliário conhecidas: é uma máquina de habitar qualificada de luz e cor que qualifica os espaços mais votados: a sala de convívio, com 8 pontos e o pátio, com 9 pontos.
- *Collège Neérlandais:* as respostas revelam uma pontuação elevada de 10 valores no hall e no pátio e de 9 valores na sala de tv, sala de convívio e corredores. Os resultados entram em concordância com a qualificação espacial destes espaços que, através da luz, ganham o poder de aproximar as pessoas.
- *Maison de Norvège:* os inquéritos realizados indicam que a cozinha é o espaço de eleição da residência, com uma pontuação de 10 valores. É possível que esta classificação resulte do prolongamento espacial para a varanda exterior, orientada a sul. A área da cozinha é ampliada e as atividades que apenas poderiam ser realizadas no exterior - como fumar, churrascada ou tomar banhos de sol - potencializam o convívio e sociabilização entre os residentes.
- *Maison du Portugal:* a qualificação espacial da cozinha reflete-se nas respostas obtidas nos inquéritos que, pontuam a cozinha com 6 valores e o corredor com 2 valores. Esta avaliação entra em concordância com a crítica que aborda a contenção espacial da cozinha com pouca luz natural.
- *Résidence J.V. Daubié*: as respostas mostram que os corredores, sala de estar e terraço são os espaços comuns que mais são do seu agrado, com pontuações de 10 valores. Estas, são compatíveis com a crítica efetuada, que reflete o espírito comunitário dos espaços através da sua transparência, que também convoca a natureza exterior e permite uma boa orientação dentro do edifício (*wayfinding*).
- *Pavillon Habib Bourguiba*: as opiniões dos residentes denunciam que os corredores, entendidos como átrio, são um dos espaços preferidos da residência, com 10 valores. O espírito comunitário que o átrio proporciona e a sua possibilidade das relações interpessoais entra em concordância com a avaliação.

Apesar de se verificar a compatibilidade entre a crítica concluída e as respostas dos inquéritos, a pouca aderência por parte dos residentes nas suas respostas tornam a média das pontuações dúbias.

A reflexão e o confronto entre as diferentes estratégias utilizadas nas residências-chave permitiu identificar dois "arquipélagos" de estratégias distintas: o das atmosferas, relacionado com a materialidade e a dimensão da matéria, ao qual correspondem jogos entre *extensão/contenção, colorido/neutro, luz/sombra, transparência/opacidade, natural/sintético, fixo/móvel*); e o dos dispositivos de distribuição, relacionado com a organização, o posicionamento e a distribuição espacial do programa de arquitetura, ao qual correspondem jogos entre *inclusão/exclusão, convergência/divergência, sinalização/fluidez espacial.*
Na página seguinte, a tabela sintetiza esta conclusão:

[53] - Arquipélago, estratégias e espaços, elementos ou caractéristicas. A descrição e reflexão destas estratégias consta na parte II do capítulo III.

		convocam diferentes elementos e características:	**convocam diferentes espaços, elementos e características:**
arquipélago das atmosferas	"entre a extensão e contenção do"	*tensão entre interior e exterior*	*jardim, pátio, terraço, varanda e paisagem*
	"entre o colorido e o neutro"	*cor*	*material e acabamento*
	"entre a luz natural e a sombra"	*dimensão*	*poço de luz, vãos e caixilhos*
	"entre a transparência e a opacidade"	*exposição*	*janelas, vidro e paredes*
	"entre o natural e o sintético"	*natureza*	*plantas e materialidade*
	entre o fixo e o móvel	*mobiliário*	*apropriação, ocupação e peso*
arquipélago dos dispositivos de distribuiçao	"entre a inclusão e a exclusão comunitária"	*organização e distribuição do programa*	*átrio ou pátio central, galeria, corredor e openspace*
	"entre a convergência e a divergência"	*posicionamento, interseção e repetição*	*corredor na fachada, no interior ou quebrado*
	"entre a sinalização e a fluidez espacial"	*movimento do corpo no espaço*	*placas de sinalização e percurso interior*

O potencial desta dissertação assenta sobre a possibilidade de alertar e sensibilizar os arquitetos de futuras intervenções dentro ou fora da *CIUP* através dos tópicos principais que a compõem: a evolução dos modos de habitar da residência universitária e as estratégias que foram utilizadas ao longo do tempo, para criar um espírito comunitário dentro da residência ou uma atmosfera adequada a cada necessidade que compõe o campo da sociabilização. Assim, é possível o arquiteto aprender com o passado, para projetar um futuro coeso e que dê resposta à insociabilidade do espaço:

- Conclui-se que a forma como se comunica e as barreiras de intimidade, pessoais ou até sociais podem ser manipuladas e quebradas através do ambiente desenhado pelo arquiteto. As estratégias demonstram-se úteis na qualificação do espaço, com a possibilidade de melhorar a sua sociabilidade e atribuir-lhe espírito comunitário ou coletivo, controlando as separações entre a esfera privada e a esfera pública da residência. O espaço desenhado impacta a sociabilização a partir de questões como a sua

forma, luz, cor, organização programática, etc., e, de facto, as estratégias de distribuição e atmosféricas conseguem modificar as distâncias físicas entre as pessoas. No entanto, esta conclusão tem as suas limitações: não é um fator primário nem secundário que vá influenciar a sociabilidade do sujeito, mas o desenho do espaço tem o poder de juntar ou dividir as pessoas, controlar as suas distâncias sociais e causar-lhes a ideia de pertença ou exclusão; não anula os seus conflitos culturais; são difíceis de aplicar em renovações de futuros projetos da *Cité* devido às limitações estruturais pré-existentes ou às condicionantes de rendimento capitalista; torna-se complicado contemporizar os espaços em edifícios considerados património. No futuro, as residências universitárias devem possuir espaços adaptáveis (por vezes com divisórias móveis) para serem recompostas de acordo com as transformações dos residentes. Estas organizações devem encorajar a apropriação e adaptar-se ao espírito do tempo, ao gosto de uma época e à evolução dos usos. A flexibilidade é muitas vezes vista como positiva porque é uma das vantagens do espaço contemporâneo, mesmo quando não é utilizado.

- Conclui-se que os arquitetos responsáveis pelas residências-chave projetaram com pouca referência às necessidades proxémicas do ser humano e que tendem a selecionar arquitetos da nacionalidade do seu país para desenvolverem o projeto. Isto leva a que o desenho dos espaços muitas vezes corresponda somente às necessidades culturais de cada nação.

- Conclui-se que a construção, reconstrução ou reabilitação do *campus* deve basear-se na investigação que conduza a uma tomada de consciência das necessidades da humanidade com conhecimento do seu mundo sensorial, tendo sempre consciência que estas características mudam de cultura para cultura. É necessário rever e alargar a visão acerca da multiculturalidade humana que habita a CIUP, de forma ao espaço projetado ser simultaneamente mais abrangente e realista com a mistura de culturas dentro das residências universitárias. Para isso, seria necessário o estudo interdisciplinar entre o Arquiteto e uma equipa composta por Antropólogos, Psicólogos, Sociólogos ou Neurocientistas. Só assim é possível dar resposta à problemática da comunidade posta em causa e construir um espaço adequado a todas as culturas e satisfazer o bem-estar dentro e fora das fronteiras culturais, como o arquiteto é cada vez mais solicitado a fazer.

- Ser arquiteto hoje em dia não é apenas pensar no espaço físico. Pensar no programa para além da sua distribuição permite refletir acerca dos modos de habitar, que são também matéria do arquiteto. Ao dialogar com outras áreas do saber, o seu conhecimento é expandido.

- Mesmo que não haja uma resposta certa para as necessidades culturais dentro do espaço da residência, é importante consciencializar que este problema existe. Portanto, a sensibilização é a resposta: sensibilizar os arquitetos deste problema de forma a que, quando pensem no espaço da residência universitária, o pensem com a sensibilidade necessária que tema pede.

o hábito

II. o hábito e os modos de habitar

Texto [24] - Hábito

"O espaço tem uma função inculcadora. Aprende-se formas de fazer as coisas em casa, rituais (de dormir, por exemplo), o que constitui frequentemente uma educação silenciosa na qual participam organizações espaciais. Marcel Mauss propõe ver os modos de fazer as coisas, os gestos da vida quotidiana, como uma interiorização dos valores e da ética de uma sociedade, de um grupo social. O hábito seria assim uma forma de ser, de se comportar, marcado pela classe social, pelo ambiente, pela impressão deixada pela própria educação, voluntária, explícita ou silenciosa, relacionada com os valores de um ambiente. Os gestos seriam apoiados, sustentados, recordados pela estrutura espacial e forma dos lugares onde a vida quotidiana tem lugar.

O habitat é um facto da cultura e os arquitetos descobriram, após Maio de 68, a noção de "modelo cultural", um termo adaptado por Henri Lefebvre e Henri Raymond da noção de habitus por Marcel Mauss - revisitado por Pierre Bourdieu. Esta ética incorporada, feita de regras implícitas, constrói-nos. A distribuição da casa, os quartos atribuídos a um ou outro, o modo de circulação, os modos de comportamento prescritos ou aceitáveis, que podem ser lidos na configuração das instalações, contribuem para a formação de uma linguagem corporal e de um modo de pensar."

ELEB, Monique; "Les 101 mots de l'habitat. À l'usage de tous", Archibooks + Sautereau Éditeur, Paris. 2015. p. 81

As pessoas estão cercadas de arquitetura e, no entanto, é impressionante a forma em que ela lhes é indiferente. Essa desconexão deve-se a uma dinâmica psicológica comum, nomeadamente que quanto mais vezes uma pessoa for exposta a um estímulo, mesmo que seja um estímulo menos positivo para a pessoa, mais ela se habituará a ele, de tal forma que eventualmente não só a preferirá quando lhe forem oferecidas outras opções, mas acabará por considerá-lo normativo. Desta forma, a prática frequente de diferentes formas de usar os espaços e de se acostumar a eles pode ser nominada de *Hábito [Texto 24].* A sociedade molda a forma como a Arquitetura é pensada, e sobretudo desenhada. No entanto, a forma como o espaço é desenhado consegue também moldar uma sociedade e os seus hábitos espaciais que irão ser refletidos na forma como se irá comportar no espaço.

A condição humana do *hábito* confirma que de facto o espaço molda os usos e os modos de habitar de uma sociedade. Esta condição torna-se perigosa quando os espaços não estão preparados para os modos de habitar contemporâneos, porque de forma inconsciente acaba por habituar os utilizadores do espaço a esses espaços. A reflexão de autor seguinte exemplifica o que foi dito anteriormente: *"Recordo-me de chegar à Maison du Portugal e achar o espaço da cozinha e dos corredores estranho. Estranho pela agressividade da sua cor vermelha das paredes e do chão preto, estranho pela falta de luz natural em alguns espaços interiores, estranho pela ausência das pessoas no espaço. Nos primeiros dias ou semanas que lá vivi não me sentia confortável dentro da residência sendo que a utilizava apenas para dormir. Uns meses depois - não me recordo bem quando - a estranheza transformou-se em normalidade e acabei por me habituar a cozinhar, passar tempo e conviver naquele espaço. Reflito agora que isto moldou os meus modos de habitar que, segundo à exigência do meu conforto pessoal, a residência não estava a conseguir satisfazer. Basicamente o que me causava confusão passou a ser indiferente."*

As probabilidades de forçar residentes a formar moldes que não se encaixam na sua cultura são de facto muito altas e isso está explícito nos ambientes desenhados que deveriam ser convenientes e agradáveis para as diversas culturas que habitam a *Cité*, todos os anos. Isto agrava-se quando se adiciona o "hábito", que com o passar do tempo desconsciencializa o movimento do corpo no espaço e aquilo que afetava de forma negativa o residente, aparenta não o afetar mais. Mas na realidade e como foi visto anteriormente *[Cap.I, parte IV]*, as neurociências explicam que os estímulos sensoriais causados pelo espaço na maior parte estão associados não à visão focada que é a realidade consciente, mas sim à visão periférica aliada ao movimento cinestésico e aos estímulos sensoriais. Toda esta informação é assimilada no cérebro em questão de milisegundos que nos causa bem ou mau estar, independentemente de estarmos conscientes do ambiente que nos rodeia, existindo pessoas mais sensíveis que outras. Quando essa sensibilidade é escassa, o *hábito* poderá ser considerado um "amigo": quando o sujeito se consciencializa de algo que não gosta no espaço, facilitando o seu dia a dia nos modos de habitar; mas também um inimigo: quando essa desconsciencialização obriga à mudança dos modos de habitar, podendo ser vista como uma formatação nos modos de habitar do sujeito que poderão ter repercussões a nível comportamental e social.

Georges Teyssot em *"Present and Futures"* também toma uma posição acerca dos "*Hábitos, Hábito e Habitar*". Ele defende que *não é uma escolha baseada na análise racional da "utilização", "necessidades" ou qualquer "função", mas é uma escolha de governação e de dominação" (...) Nenhuma necessidade funcional ou programática alimenta este desejo convincente; é o efeito de estratégias impostas pelo Estado moderno. [Texto 25].* Quando se reflete a importância do papel do Arquiteto na sociedade com esta perspetiva poderá posicionar o arquiteto no mesmo papel do "estado moderno" referido por Teyssot. Isto na perspetiva de que também o arquiteto tem escolha de "governação e de dominação" dos hábitos, da influência do hábito e dos modos de habitar o espaço, através do espaço que projeta. Através do *hábito*, é possível reconhecer a extrema importância da profissão do Arquiteto para a construção de uma sociedade. O poder que a Arquitetura tem é poderoso, e por vezes perigoso. A finalidade dos edifícios é ainda demasiadas vezes vista pelo seu desempenho funcional, conforto físico, economia, representação simbólica, ou valores estéticos. Vários arquitetos recusam-se a a acreditar neste papel da arquitetura. A sua tarefa estende-se para além das suas dimensões materiais, funcionais e mensuráveis, e para além da estética, até à esfera mental e existencial da vida. *Eu acredito que a arquitetura é uma expressão materializada do espaço mental, e que o nosso próprio espaço mental é estruturado pela arquitetura.*

Texto [25]

(...) não é uma escolha baseada na análise racional da "utilização", "necessidades" ou qualquer "função", mas é uma escolha de governação e de dominação.(...) Nenhuma necessidade funcional ou programática alimenta este desejo convincente; é o efeito de estratégias impostas pelo Estado moderno. Não são as necessidades sociais que são a "causa" dos equipamentos públicos e privados criados pelo Estado, mas é o Estado, nas suas diversas entidades, que impõe equipamentos que determinam necessidades específicas, no seu papel de "servir".
Não há nada de paradoxal nesta descrição do estado dominante. Nietzsche demonstrou na sua Genealogia da Moral que "as causas reais da origem de uma coisa e os seus eventuais usos, a forma da sua incorporação num sistema de propósitos, são de mundo à parte; que tudo o que existe, independentemente da sua origem, é periodicamente reinterpretado pelos que estão no poder em termos de novas intenções (...)."

TEYSSOT, Georges; "Habits/Habitus/Habitat", in "Present and Futures", Barcelona, 1996. Consultado em outubro de 2021: http://www.cccb.org/rcs_gene/habitat_ang.pdf

B. bibliografia e outras referências.

BIBLIOGRAFIA

ASENDORPF, Jens B. "Psychologie der Persönlichkeit" (3. Aufl.). Berlin: Springer, 2004.

Anna / Eugeni BACH (firma), BLASI I. BACH, E. Fundació Mies van der Rohe, PALLASMAA, J. GALLANTI, F. LANGARITA, M. QUINTÁNS, C. LAHUERTA, J.J. "Mies Missing Materiality", Fundació Mies Van Der Rohe, 2019.

BAECHLER, Jean, "Grupos e sociabilidade" - *in* Tratado de Sociologia (org. R. Boudon), 1995.

ELEB, Monique, CHÂTELET, Anne-Marie; "Urbanité, sociabilité et intimité. Des logements d'aujourd'hui", les Éditions de l'Épure - Paris. 1997.

ELEB, Monique, DEBARRE, Anne; "Architectures de la vie privé: XVIIe-XIXe siècles", Éditions Hazan - Paris. 1999.

ELEB, Monique, DEBARRE, Anne; "L'invention de l'habitation moderne: Paris 1880-1914", Éditions Hazan, Paris. 1995.

ELEB, Monique; "Les 101 mots de l'habitat. À l'usage de tous", Archibooks + Sautereau Éditeur, Paris. 2015.

KINFOLK & NORM Architects; "The Touch. Spaces Designed for the Senses", Gestalten, Berlim, 2019.

HALL, Edward T; "The Hidden Dimention", Anchor Books Editions, 1968, 1990.

JUNG C.G.; "Tipos Psicológicos", Editora Vozes; 1991.

LUCAS, Christopher J. American Higher Education: A History. New York: St. Martin's Griffin, 1996.

MARTÍN HERNÁNDEZ, Manuel J., La invención de la arquitectura. Madrid, Celeste ediciones, 1997.

MASLOW, Abraham. H. "A theory of human motivation" Psychological Review, 50(4), 370–396. 1943

MASLOW, Abraham H. "Motivation and personality" (3ª ed.). New York. 1954

MAURICE Merleau-Ponty, The Phenomenology of Perception, trans. Colin Smith (London: Routledge, 1962).

MONTANER, Josep Maria; Dopo il movimento moderno : l'architettura della seconda metà del Novecento. Roma ; Bari: Laterza; 2008.

PALLASMAA, Juhani; MALLGRAVE, Harry; ARBIB, Michael. Architecture and Neuroscience. Espoo, Finland : Tapio Wirkkala-Rut Bryk Foundation, 2013

PALLASMAA, Juhani - The eyes of the skin : architecture and the senses. Chichester : John Wiley & Sons, 2005

STOKOLS, D. & ALTMAN, I; Handbook of Environmental Psychology., Florida, U.S.A: Krieger Publishing Company., 1991

TEYSSOT, Georges; "A Topology of Everyday Constellations". London; The MIT Press; 2013.

TEYSSOT, Georges; "Habits/Habitus/Habitat", *in* "Present and Futures", Barcelona, 1996. Consultado em outubro de 2021: http://www.cccb.org/rcs_gene/habitat_ang.pdf

WINSTON, Roger B., and Scott Anchors. Student Housing and Residential Life: A Handbook for Professionals Committed to Student Development Goals. The Jossey-Bass higher and adult education series. San Francisco: Jossey- Bass, 1993.

ZUMTHOR, Peter; Atmosferas, Entornos arquitectónicos - Las cosas a mi alredor; Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2006.

ARTIGOS

BUREAU Sébastien, MARINHO Guilherme de Miranda, ROSSINI Lionel, La Cité Universitaire Internationale de Paris, EchoGéo [En ligne], 5 | 2008, mis en ligne le 29 mai 2008, consultado a 11 setembro 2021. URL : http://journals.openedition.org/echogeo/4493 ; DOI : https://doi.org/10.4000/echogeo.4493

"Mies Missing Materiality Installation / Anna & Eugeni Bach" [Instalación Mies Missing Materiality / Anna & Eugeni Bach] 14 Oct 2020. ArchDaily. Accessed 12 Oct 2021. <https://www.archdaily.com/949118/mies-missing-materiality-installation-anna-and-eugeni-bach>

WEBGRAFIA

Academy of Neuroscience for Architecture - https://anfarch.ucsd.edu

Cité Internationale Universitaire de Paris - http://www.ciup.fr

CIUP, relatório anual de 2019 - https://www.ciup.fr/wp-content/uploads/2020/09/CIUP-RA2019_BD.pdf

30-60 / Nº26 CUADERNO LATINOAMERICANO DE ARQUITECTURA - "Acciones Culturales" ; 2010
Fundação Suiça - http://www.fondationsuisse.fr/

Maison du Portugal - https://archello.com/project/rag-residence-andre-de-gouveia

Mapas antigos de Paris - http://www.oldmapsofparis.com/map/1900

Mies Missing Materiality - https://miesbcn.com/project/mies-missing-materiality/

Pavilhão Suiço - https://divisare.com/projects/336712-le-corbusier-davide-galli-swiss-pavilion

Pavilhão de Barcelona - https://divisare.com/projects/338931-ludwig-mies-van-der-rohe-maciej-jezyk-barcelona-pavilion

Porto Editora – https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/bem-estar

PODCASTS

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO HABITAR: #15. Entrevistada: Maria Filomena Molder. Entrevistadores: Ana Sofia Silva, 28 out. 2020 Podcast. Disponível em: https://www.podbean.com/ew/pb-swx6a-f09d07. Acesso em: 18 mar. 2021.

NO PAÍS DOS ARQUITETOS: #36. Entrevistado: Nuno Grande, arquiteto da Pedra Líquida. Entrevistadores: Sara Nunes, 18 abr. 2022 Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/7nc54jYA-DBqvJzbPoHTxAk?si=0aa1c1ba7b404d83. Acesso em: 18 abr. 2022.

CONFERÊNCIAS

Audio of Mies Missing Materiality intervention at Mies van der Rohe Pavilion by Anna and Eugeni Bach Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KStwfKh_98k. Acesso em: 12 jun. 2021.

DOCUMENTÁRIOS

DEUS cérebro. António José de Almeida. Portugal: Panavideo, 2020. Temporada 1, 4 episódios (52 min.). Disponível em: https://www.rtp.pt/play/p8309/e516990/deus-cerebro. Acesso em: 11 fev. 2021.

ICONOGRAFIA

[Capítulo 1] - Montmartre, 1930-31. Brassaï.
A fotografia foi escolhida para este capítulo porque reforça a ideia de que pessoas diferentes usam o memso espaço de formas diferentes. O banco, que poderia ser um espaço de convívio, foi ocupado de modos distintos pelo senhor que dormita enquanto a senhora está sentada à espera de algo ou alguém. Uma distância social existe entre as duas porque o comprimento do banco permite tal efeito. Repare que também permite sentar dos dois lados, o que reforça essa divisão. Assim, a relação interpessoal entre estas duas pessoas poderá ter dependido da qualificação do banco de jardim.

[Capítulo 2] - Sur le Quais, Juin, 1953. Robert Doisneau. A fotografia foi escolhida porque caracteriza bem a discussão que diferencia a comunidade da coletividade. Se for criada uma analogia entre o campus universitário e a escadaria da imagem, entendesse que cada patar seria um grupo de amigos que compõe a totalidade da *coletividade* do campus, a escadaria. Os grupos distintos habitam o mesmo espaço e estão próximos uns dos outros, no entanto o seu interesse criou comunidades distintas . Isto exemplifica a mutação do conceito de comunidade apresentado e posto em causa neste capítulo.

[Capítulo 3] - La Dame Indignée, 1948. Robert Doisneau. Se esta imagem for analisada da mesma forma que foram as residências-chave estudadas neste capítulo, é possível entender a sua utilidade. A senhora encontra-se junto da montra da galeria de arte, no exterior. A pintura podia ser outra, sem conteúdo explícito, no entanto o conteúdo do quadro despertou supresa ou choque à senhora que por ali passava e fez com que parasse. Isto foi possível devido à qualificação espacial da montra: a sua transparência. Uma analogia pode ser criada com o caso de estudo: a qualificação do espaço de convívio da residência universitária que pode despertar diferentes sensações às pessoas.

[Capítulo 4] - La Dame Indignée, 1948. Robert Doisneau. A mesma fotografia foi utilizada, mas ampliada na pessoa que se encontra em segundo plano. Repare que a senhora não parou como a anterior e apenas desviou o seu olhar, provavelmente para avistar a mesma pintura que vê todos os dias, quando ali passa. Isto deve-se à condição humana do *hábito,* que faz com que aquilo que era supresa ou indignação antes, se torne indiferente ou menos incomodativo. É através da reflexão do *hábito* nos modos de habitar e sociabilizar que o final do discurso desta dissertação se foca.

[1] - Pirâmide de Maslow. *Figure 2: Maslow's pyramid. Source: Chiavenato 2008.*
[2] - Representação gráfica do fórum romano. *Autor e data desconhecidos.*
[3] - Fotografia do claustrum do Mosteiro de Galluzzo *(1341). Autor desconhecido. 1878.*
[4] - Axonometria do Tulou de Fuquiém. *Autor desconhecido.*
[5] - Perspetiva das Galerias do Palais-Royal em Paris. *Allan Kardec, "O Livro dos Espíritos", 1857.*
[6] - O Baile do Dia da Criança no pátio do pavilhão central do Familistério. *Autor desconhecido. 1909.*
[7] - Planta da implantação do conjunto Siedlung Dammerstock, 1929. *Akademie der Künste, Berlin, HansScharounArchiv, No 3721 F.81/5.*
[8] - Desenho das Immeuble-Villas, por Le Corbusier, 1922.
[9] - Fotografia aérea da Unidade de Habitação de Marselha. *Autor e data desconhecidos.*
[10] - Esquisso do Bairro da Bouça, por Álvaro Siza Vieira. *Data desconhecida. Disponível em linha: https://portuguesearchitectures.wordpress.com/2014/06/09/bairro-da-bouca-alvaro-siza-vieira-portopt/*
[11, 12, 13, 14] - Instalação "Mies Missing Materiality". *Fotografia: Adrià Goula, 2017*
[15, 16, 17, 18] - Pavilhão de Barcelona. *Fotografia: Maciej Jezyk, data desconhecida.*
[19] - De autoria própria.
[20] - De autoria própria.
[21] - Vista aérea da Cité em 1929. *Arquivo da Cité Universitaire de Paris "L'Oblique", 1929.*
[22] - De autoria própria.
[23] - Vista aérea da Cité em 1960. *Arquivo da Cité Universitaire de Paris "L'Oblique", 1960.*
[24] - De autoria própria.
[25] - Vista aérea da Cité, 2022. *Imagem retirada do Google Maps*
[26] - De autoria própria.
[27] - Fotografia das residências da Suécia, Dinamarca, Suiça. *Arquivo da Cité Universitaire de Paris "L'Oblique", 1935.*
[28] - Fotografia do Hall do Collège Nerlandais. *Arquivo da Cité Universitaire de Paris "L'Oblique", 1940.*
[29, 30, 31, 32, 33] - Fotografias de autoria própria.
[34, 35, 36, 37, 38] - Fotografias de autoria própria.
[39, 40, 41, 42, 43, 44] - Fotografias de autoria própria.
[45, 46, 47, 48, 49] - Fotografias de autoria própria.
[50] - De autoria própria.
[51] - De autoria própria.
[Cronologia 1] - De autoria própria.
[Cronologia 2] - De autoria própria.
[Cronologia 3] - De autoria própria.
[Residências-chave: Plantas, cortes, diagramas e axonometrias dos cartazes] - de autoria própria.
[Residências-chave: Fotografias dos cartazes] - de autoria própria.

A. anexos e conteúdo extra.

anexo 1

critérios de seleção das residências-chave

[Texto] - *"A casa "do insconsciente"- como também nos recorda Italo Calvino - é uma casa mobilada por todas as experiências, informações, leituras, conversações ou pensamentos anteriores. É uma bagagem latente e eclética, mais ou menos escondida; um mecanismo."*

MARTÍN HERNÁNDEZ, Manuel J., La invención de la arquitectura. Madrid,

A seleção das residências-chave é sobretudo, o resultado da experiência empírica subjetiva[1] *[Texto]*. Experienciar o espaço permite, para além de o visualizar, vivenciar e sentir a atmosfera que qualifica o espaço - algo que é imperceptível (ou quando perceptível, enganador) nos desenhos vulgares: plantas, cortes e alçados. A sua escolha também teve em consideração os seguintes critérios:

- Relevância arquitetônica: residências consideradas patrimônio arquitetural ou com arquitetos de renome;

- Espaços que denunciem potencialidades no desenvolvimento do convívio e, em contrapartida, espaços que dividam as pessoas, com menor capacidade de criar relações interpessoais. Com a investigação dos dois opostos, o antagonismo entre estes dois métodos diferentes de seleção permitirá uma posição crítica mais assertiva do estudo em causa;

- O conjunto das residências universitárias escolhidas tem de abranger as três temporadas da Cité Universitaire - a Fase 1, a Fase 2 e a Fase 3 - para possibilitar uma maior diversidade arquitetónica e flexibilidade nas conclusões retiradas na sua comparação;

- Mínimo de 10 respostas aos inquéritos realizados aos seus residentes;

- Quantidade de informação disponível de desenhos, plantas, cortes, alçados e fotografias antigas. Estes elementos estão disponíves para consulta no arquivo da CIUP *(L'Oblique)*.

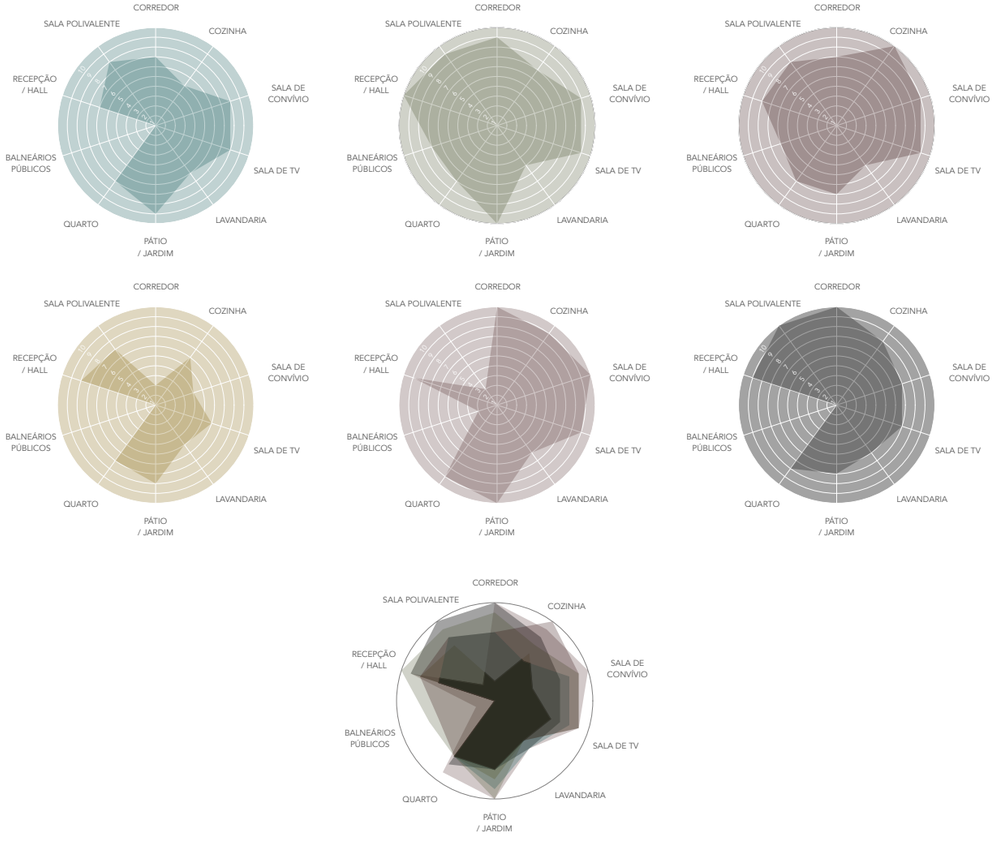
1 A experiência empírica do espaço assinalada é limitada. Refere-se à visita realizada à Cité Universitaire de Paris, entre 24 e 27 de setelmbro de 2021, para vivenciar várias residências e seleccionar as que ofereciam maior espaço de crítica, positiva ou negativa. É importante referir que esta experiência não é suficiente para criar uma crítica sólida acerca dos modos de habitar em cada residência, porque para isso seria necessário habitar cada uma durante um período de tempo considerável.

anexo 2

inquéritos

Os inquéritos foram realizados em inglês e enviados por correio eletrónico à administração das residências-chave, que se encarregou de os fazer chegar ao público-alvo: os estudantes que residem no seu espaço. Foram optidas o total de 107 respostas aos 810 inquéritos aplicados, com uma taxa de resposta de 13 %. Em baixo, são representadas graficamente a média da potunação obtida na avaliação de cada espaço de cada residência:

- *Fondation Suisse* - 12 respostas (de 46 residentes). Taxa de resposta: 26%
- *Collège Neérlandais* -18 (de 141 residentes) Taxa de resposta: 13%
- *Maison de Norvège* - 16 (de 102 residentes) Taxa de resposta: 16%
- *Maison du Portugal* - 24 (de 188 residentes) Taxa de resposta: 13 %
- *Résidence J.V. Daubié* - 13 (de 106 residentes) Taxa de resposta: 12 %
- *Pavillon Habib Bourguiba* - 24 respostas (de 227 residentes) Taxa de resposta: 11%



Residences of Cité Universitaire

* Required

About you

Please answer the following questions

1. Gender identity *

Mark only one oval.

- Male
- Female
- Non-binary

2. In sociability, you consider yourself: *

Mark only one oval.

- an introvert person
- an extrovert
- an introvert and extrovert person

About the others

Please answers the following questions.

3. Taking into account issues of proximity or distance, you CAN socialise with people who: *

Check all that apply.

- live near your room (like a roommate, the guy next door or same floor).
- use the same spaces than you, like the kitchen, public bathrooms or other commun spaces.
- live in other residences

4. Taking into account issues of affinity and cultural strangeness, you CAN socialise with people who: *

Check all that apply.

- have the same nationality or a similar culture
- have a different nationality or different culture
- you have more in common with

5. In your opinion, there is a community spirit: *

Check all that apply.

- In each kitchen of your residence
- In each floor of your residence
- in your residence as a whole
- On the campus of Cité Universitaire

About the space

Please rate from 0 (bad) to 10 (excellent) your opinion about the spatial quality of each common space in your residence. After that, select the parameters that justify your answer.

6. 3.1 -Reception / Hall *

Mark only one oval.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Bad											Excellent

7. Why? *

Check all that apply.

- [ ] Natural light
- [ ] Size of the space
- [ ] Acoustics
- [ ] Temperature
- [ ] Comfort
- [ ] Design
- [ ] View from the window
- [ ] Outdoor extension: balcony or terrace
- [ ] The people that I can find there
- [ ] Safety

8. 3.2 - Multipurpose room / Auditorium *

Mark only one oval.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Bad	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	Excellent

9. Why? *

Check all that apply.

- [ ] Natural light
- [ ] Size of the space
- [ ] Acoustics
- [ ] Temperature
- [ ] Confort
- [ ] Design
- [ ] View from the window
- [ ] Outdoor extension: balcony or terrace
- [ ] The people that I can find there
- [ ] Safety

10. 3.3 - Corridor and hallway *

Mark only one oval.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Bad	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	Excellent

11. Why? *

Check all that apply.

- [ ] Natural light
- [ ] Size of the space
- [ ] Acoustics
- [ ] Temperature
- [ ] Comfort
- [ ] Design
- [ ] View from the window
- [ ] Outdoor extension: balcony or terrace
- [ ] The people that I can find there
- [ ] Safety

12. 3.4 - Kitchen *

13. Why? *

Check all that apply.

- [ ] Natural light
- [ ] Size of the space
- [ ] Acoustics
- [ ] Temperature
- [ ] Comfort
- [ ] Design
- [ ] View from the window
- [ ] Outdoor extension: balcony or terrace
- [ ] The people that I can find there
- [ ] Safety

14. 3.5 - Common room / Living room *

Mark only one oval.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Bad	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	Excellent

15. Why? *

Check all that apply.

- [ ] Natural light
- [ ] Size of the space
- [ ] Acoustics
- [ ] Temperature
- [ ] Comfort
- [ ] Design
- [ ] View from the window
- [ ] Outdoor extension: balcony or terrace
- [ ] The people that I can find there
- [ ] Safety

16. 3.6 - TV room *

Mark only one oval.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Bad	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	Excellent

17. Why? *

Check all that apply.

- [ ] Natural light
- [ ] Size of the space
- [ ] Acoustics
- [ ] Temperature
- [ ] Comfort
- [ ] Design
- [ ] View from the window
- [ ] Outdoor extension: balcony or terrace
- [ ] The people that I can find there
- [ ] Safety

18. 3.7 - Laundry *

19. Why? *

Check all that apply.

- [ ] Natural light
- [ ] Size of the space
- [ ] Acoustics
- [ ] Temperature
- [ ] Comfort
- [ ] Design
- [ ] View from the window
- [ ] Outdoor extension: balcony or terrace
- [ ] The people that I can find there
- [ ] Safety

20. 3.8 - Residence's private garden / patio / courtyard *

Mark only one oval.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Bad	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	Excellent

21. Why? *

Check all that apply.

- [ ] Natural light
- [ ] Size of the space
- [ ] Acoustics
- [ ] Temperature
- [ ] Comfort
- [ ] Design
- [ ] View from the window
- [ ] Outdoor extension: balcony or terrace
- [ ] The people that I can find there
- [ ] Safety

22. 3.9 - Bedroom *

Mark only one oval.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Bad	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	◯	Excellent

23. Why? *

Check all that apply.

- [ ] Natural light
- [ ] Size of the space
- [ ] Acoustics
- [ ] Temperature
- [ ] Comfort
- [ ] Design
- [ ] View from the window
- [ ] Outdoor extension: balcony or terrace
- [ ] The people that I can find there
- [ ] Safety

24. Optional: Public bathrooms

25. Why?

Check all that apply.

- [ ] Natural light
- [ ] Size of the space
- [ ] Acoustics
- [ ] Temperature
- [ ] Comfort
- [ ] Design
- [ ] View from the window
- [ ] Outdoor extension: balcony or terrace
- [ ] The people that I can find there
- [ ] Safety

Do you think architecture can change the way people socialize?

26. Do you think architecture can change the way people socialize? *

Mark only one oval.

- ◯ Yes
- ◯ No
- ◯ I don't have an opinion

27. Why? (Optional question)

This content is neither created nor endorsed by Google.

Google Forms

anexo 3

índice visual de residências

1

FONDATION DEUTSCH DE LA MEURTHE

2

MAISON DES ÉTUDIANTS CANADIENS

3



FONDATION BIERMANS-LAPÔTRE

4



MAISON DE L'ARGENTINE

5



MAISON INTERNATIONALE AGROPARISTECH (MINA)

6



MAISON DU JAPON

7



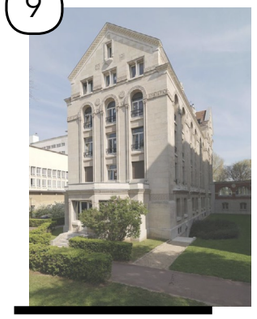
MAISON DES ÉTUDIANTS DE L'ASIE DU SUD-EST

8



FONDATION DES ÉTATS-UNIS

9



MAISON DES ÉTUDIANTS ARMÉNIENS

10



MAISON DES ÉTUDIANTS SUÉDOIS

11



FONDATION DANOISE

12



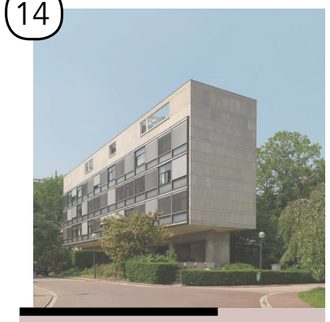
FONDATION HELLÉNIQUE

13



FONDATION ABREU DE GRANCHER

14



FONDATION SUISSE

15



MAISON DES PROVINCES DE FRANCE

16



COLLÈGE D'ESPAGNE

17



RÉSIDENCE ANDRÉ HONNORAT

18



RÉSIDENCE ROBERT GARRIC

19



COLLÈGE FRANCO-BRITANNIQUE

20



FONDATION DE MONACO

21



COLLÈGE NÉERLANDAIS

22



FONDATION VICTOR LYON

23



MAISON DES ARTS ET MÉTIERS

24



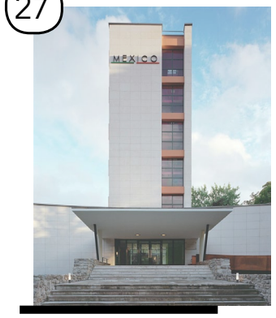
RÉSIDENCE LUCIEN PAYE

26



MAISON DU MAROC

27



MAISON DU MEXIQUE

28



MAISON DE NORVÈGE

29



MAISON DES INDUSTRIES AGRICOLES ET AGROALIMENTAIRES

30



MAISON HEINRICH HEINE

31



MAISON DU CAMBODGE

32



MAISON D L'ITALIE

33



MAISON DU BRÉSIL

34



MAISON DU LIBAN

35



MAISON DU PORTUGAL

36



MAISON DE L'INDE

Arquiteto:
Residentes:

37



FONDATION AVICENNE
(ex Maison de l'Iran)

Arquiteto:
Residentes:

38



MAISON
DE L'ÎLE DE FRANCE

39



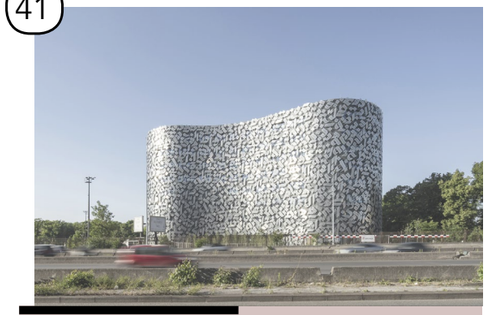
MAISON DE LA CORÉE

40



RÉSIDENCE
JULIE-VICTOIRE DAUBIÉ

41



PAVILLON
HABIB BOURGUIBA

42



MAISON DES ÉTUDIANTS DE
LA FRANCOPHONIE

43



FONDATION DE CHINE

44



MAISON D'EGYPTE

45



SEM NOME